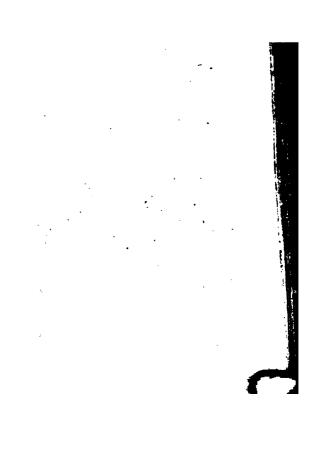
OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

TOMO PRIMEIRO.

Nasceo
1524.
1579.

OBRAS

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

TERCEIRA EDIÇÃO,

DA QUE, NA OFFICINA LUISIANA, SE FEZ EM LISBOA NOS ANNOS DE 1779, E 1780.

TOMO I.

PARIS,

NA OFFICINA DE P. DIDOT SENIOR.

E ACHA-SE EM LISBOA,

EM CASA DE VIUVA BERTRAND E FILHOS.

MDCCCXV.

THOMÁS JOSEPH DE AQUINO,

PRESB. SEC.

NESTA SUA SEGUNDA EDIÇAÕ DAS OBRAS DE LUIS DE CAMÕES,

AO LEITOR.

AQUELLE mesmo gosto, e zelo pelos interesses litterarios da Naçaõ Portugueza, com que nos annos de 1779, e 1780 dei ao público, na Officina Luisiana, húma ediçaõ completa, e exacta (em quanto ao que elle escreveo) das Obras de Luis de Camões; esse mesmo me estimula ainda agora para lhe dar na sua repetiçaõ, e na multiplicidade de exemplares huma segurança, e huma certeza da aceitaçaõ, que ella mereceo, e conseguio. Já nas Prefações, e advertencias daquelles quatro volumes, me parece deixei aos meus Leitores sufficientemente informados, das razões que me movéraõ a entrar nesta empreza; como

tambem de tudo o mais, que julguei conducente, para a cabal intelligencia do que alli ha, e por isso naõ era por ora da minha intençaõ molesta-los de novo com mais satisfações, depois de tantas, quantas alli se achaõ: porém como, ou pela angustia da conjunctura, ou pela occurrencia de occupações ao tempo de trabalhar aquelles escriptos, me escapassem algumas cousas, dignas de saber-se, e que tinha em apontamentos, me vejo presentemente obrigado a fazer ao mesmo Leitor, nesta segunda ediçaõ, algumas advertencias, que julgo indispensavelmente necessarias.

Em primeiro lugar devo advertir, que tanto naquella, como nesta ediçaõ, vai emendado, segundo a judiciosa reflexaõ do erudito Joaõ Franco Barreto, aquelle notavel lugar da Lusiada, canto IV, estancia LXVII, onde o Poeta finge o mysterioso sonho, em que ao Senhor Rei D. Manoel apparecêraõ os Rios Indo, e Ganges. Quem poderia convencer-se (nem ainda sonhando) que a falta de hum accento, sobre huma letra, omittido pela negligencia de

Amanuenses, ou Impressores havia de fazer o sentido de hum periodo taõ duvidoso, que huns affirmassem, que o Poeta dizia, que o sonho do dito Rei fora á prima noute, e outros, que sobre a madrugada? Pois tudo isto aconteceo. Levantou-se huma chusma de Criticos presunçosos, e importunos (em todos os tempos os houve com estas qualidades, que persuadindo-se ganhaõ nome, e fama mordendo alheios escriptos, o que conseguem he só soffrer o desprezo commum, e mostrar a pouca, ou nenhuma sciencia das cousas) os quaes pondo-se em campo, com mais malevolencia, ou inveja, que Criterio, deraõ principio á peleja, dizendo: Que o Poeta errára contra as leis dos Poemas Epicos, por haver fingido o sonho do sobredito Rei logo á entrada da noute; por quanto os sonhos annunciadores de felicidades, que nos mesmos Poemas se introduziaõ, deviaõ ser sobre a madrugada, e naõ á prima noute: o que provavaõ com seus exemplos. Ao encontro destes sahiraõ outros, que com as armas de vigorosos, e concludentes argumentos, tirados

do contexto das mesmas Estancias do Poema, naquelle lugar, se esforçáraõ a provar, que o Poeta fingíra o sonho sobre a madrugada, e naõ á prima noute. Durou este combate, e contenda litteraria largo tempo; até que vindo finalmente Joaõ Franco Barreto, primeiramente com hum Discurso (de que já fiz mençaõ no Discurso Preliminar) e depois com a sua Orthographia, como em soccorro, e ponderando a necessidade que ha do uso dos accentos no nosso Idioma, desenganou os contendores, deixando assaz provado, que o sonho do Senhor Rei D. Manoel, introduzido excellentissimamente por Luis de Camões na sua Lusiada, fora sobre a madrugada, e naõ á prima noute. E porque eu naõ saberei explicar-me taõ bem, e as minhas palavras naõ teraõ talvez a mesma clareza, a mesma energía, e propriedade, transcreverei as do mesmo Barreto, que saõ da sua Orthographia, impressa em Lisboa por Joaõ da Costa, no anno 1671, p. 207.

« He taõ importante (diz elle) a observan-
« cia destes accentos, que por falta della foi

« mal entendido hum lugar do nosso Camões,
« canto IV, estancia LXVII, que he:

—No tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nítidas, que sahem
A repouso convidaõ, quando cahem.

« A donde disseraõ alguns Criticos; e em par-
« ticular o Licenciado Manoel Pires de Al-
« meida, que o Poeta naõ fizera consideraçaõ
« do tempo como devia: porque os sonhos dos
« Poemas Heroicos vem em hum de tres tem-
« pos; ou á prima noute, ou á meia noute, ou
« antemanhãa. Que os sonhos da prima noute
« saõ desastrados, e infelices; os da meia noute
« naõ saõ penosos, nem trazem comsigo cala-
« midades totaes; e huns, e outros carecem de
« certeza, como nota a Padre Cerda, sobre
« o VIII da Eneida: os d'antemanhãa saõ bem
« assombrados, e verdadeiros, como adverte o
« mesmo, no livro II da Eneida: *Propter ima-*
« *gines minus perturbatas, cum primo somno*
« *perturbentur, confundanturque simulachra*
« *vaporum copiá.* Atéqui (continúa o mesmo

« Barreto) saõ palavras do Critico: e logo mais
« abaixo, declarando o lugar apontado, do
« Poeta, diz: Que o sentido delle he quando
« anoutece, e sahem as estrellas a allumiar o
« Mundo; e torna a affirmar, que aqui se en-
« tende o principio da noute. Respondeo-lhe
« doutissimamente o Doutor Joaõ Soares de
« Brito, com huma Apologia, que tirou á luz:
« porem, nem elle, nem Manoel de Faria e
« Sousa, em o seu Commento ao Poeta adver-
« tiraõ, que pondo hum accento agudo em o
« articulo á «á luz clara», fica conhecido ser
« o tempo do sonho á madrugada, como o Cri-
« tico queria que dissesse Camões (*), sem gas-

(*) O Célebre Ignacio Garcez Ferreira, que tanto presumio de emendador de Luis de Camões, e do seu Commentador Faria, chegando a este lugar com as suas annotações, (onde naõ errou, trasladadas do mesmo Faria) depois de fazer huma embrulhada Grammatical do contexto das duas Estancias LXVII e LXVIII, cuja sentença naõ entendeo, conclue: *Que como se vê dos ultimos versos da Estancia atraz, seria depois da meia noute.*

:ar tantas palavras em defender o que per si
naõ havia mister defensa, e he o sentido do
Poeta : porque o tempo que foge « á luz
clara » he o da manhãa, e entaõ se diz que
cahem as estrellas, e neste mesmo sentido
lisse Virgilio:

— *Et jam nox humida cœlo*
« *Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos.*

Porque o verbo *Cado*, como diz Calepino,
propriamente significa *Corruere, vel præci-
pitari, vel labi.* O que mais largamente pro-
vei em hum Discurso (*), que mandei ao
lito Manoel Pires de Almeida, mandando-me
elle as suas Censuras; e quem tiver os seus
papeis o achará entre elles. Assim que, huma
plica só que he o accento, que nas impres-
sões de Camões faltava ao articulo á, mudava
tanto o verdadeiro sentido ».

(*) Este Discurso, de que ha mais de 40 annos vi
ma cópia, que em muita estimaçaõ conservava certo
migo, naõ chegou a *imprimir-se*.

Muito de proposito transcrevi toda a passagem, naõ só para instrucçaõ dos leitores, que naõ tiverem noticia desta controversia, senaõ tambem, para que nas futuras edições das Obras do nosso Poeta, se acautele hum tal erro; e para ver se com este documento, nas nossas Officinas se applicaõ mais cuidadosamente os Correctores a huma exacta, e séria correcçaõ, a qual cada dia parece que vaõ tratando com maior negligencia.

Naõ desmerece neste lugar huma honrada memoria o Insigne Luis-Francisco-Xavier Coelho, em cuja Officina, por ser na verdade hum dos mais completos, e mais peritos Professores da Arte Typographica, que até ao presente vio a nossa Naçaõ, fiz imprimir pela primeira vez estas Obras do nosso Poeta, da mesma sorte que aqui se achaõ. Sem por ora me demorar na natural propensaõ, que nelle havia para o emprego, em que entrou na mesma meninice; nas exactas observações, que fazia, nas melhores edições que aqui appareçiaõ, e lhe chegavaõ á maõ; na continua

passe os exemplares, no summo cui-
applicava a huma escrupulosa cor-
uitas vezes com perda do proprio, e
escanço; e em fim, no bom gosto, e
e reluzia, e brilhava em tudo o que
ua Officina; como tambem naquella
el verdade, com que concluhia os seus
probidade de costumes, e zelo (den-
nites da sua profissaõ) com que tra-
o que podia ceder em crédito, e lus-
ria; só direi, que elle foi o primeiro
, que, vendo que o verniz, de que
mente se usa nas nossas impressões,
stura do breo, lhe engrossava, e des-

tes, mais engraçados, e mais vivos, he tambem capaz de resistir aos golpes dos instrumentos, com que os livreiros, ao encadernar, costumaõ bater, e apertar os livros, naõ se lhe cohecendo ao depois nodoa, ou mancha do mesmo verniz. Eu mesmo, passados outo dias, depois de impressos nesta tinta, mandei encadernar, e bater livros, sem que, ainda nas ultimas paginas dos mesmos, onde ordinariamente apparece mais este defeito, se lhe conhecesse signal, ou mancha. Mas, (fatal vicessitude das cousas humanas!) todos estes progressos atalhou intempestivamente a morte, arrebatando-o no melhor da idade, e quando promettia as mais relevantes esperanças. O leitor benevolo, e prudente disculpará a digressaõ, attendendo á justiça, que pela sua parte tiveraõ sempre os homens benemeritos, para serem louvados, e ao exemplo que nos deixáraõ os Eruditos da Basiléa, lamentando em outro tempo tambem, por semelhante occasiaõ, nos seus escriptos, a perda do seu Phrobenio.

Voltando, pois, ao fio do nosso discurso,

epois disto, dar aos leitores a ordem
a Lusiada de Luis de Camões, para
rado o artificio Poetico, que ordi-
costuma haver nos Poemas Epicos,
ler como huma historia seguida. Só
xilio, mais do que com outro al-
ráõ os leitores, fazendo as conve-
exões, formar com mais facilidade
déa, assim da grandeza desta Obra;
sta comprehensaõ que póde con-
ve, pois, o que naõ quizer can-
investigar, e encommendar á me-
historico deste Poema, principiar
ncia LXXXIV do canto IV, por ser
deiro principio do assumpto, ou
continuando a ler pelo canto V, até
mbem LXXXIV, voltar dahi á estan-
canto primeiro; e principian-
de della, continuar até ao fim do
do. Dahi deve passar ao princípio
roseguir até ao fim do septimo. O
mprehende os embaraços, e tudo
Vasco da Gama passou em Cale-

cut, que he onde chegou. Os cantos nono, e decimo contem a volta para o Reino. Naõ se falla aqui nas primeiras XVIII estancias, porque bem se sabe, que servem de Exordio, e comprehendem a Proposiçaõ, Invocaçaõ, e Nuncupaçaõ, ou Dedicatoria do Poema. Esta advertencia, que muito involuntariamente omitti no Discurso Preliminar do primeiro tomo, na primeira ediçaõ naõ a agradeça o leitor á minha observaçaõ, e ao meu trabalho, mas fim ao indefesso estudo, e continuadas vigilias do incomparavel Manoel de Faria e Sousa, que, mais do que outro algum, foi quem, naõ só nos patenteou as bellezas poeticas de Luis de Camões, mas nos dispoz, e illustrou para o seu conhecimento.

Em huma nota que ha no paragrapho numero 3 do Discurso Preliminar, se devem accrescentar ás palavras de Ludovico Dolce, que ahi se transcrevem, as do Cardeal Pedro Bembo, o qual no livro segundo das Prosas (m. pag. 79), fallando do artificio da Cançaõ, diz assim concordando com o mesmo Dolce : « Et

ızoni puossi prenderę quale numero
li versi, & di rime à ciascuno è piu
& compor di loro la prima stanza;
che essi sono, di mestiero seguir-
ıltre con quelle leggi, che il com-
nedesimo licentiosamente compo-
ıa prese ».
o paragrapho numero 27, do mes-
ꞁo Preliminar, em huma breve an-
ınde digo, que Adriano Baillet faz
outra traducçaõ (sem que seja a de
erá) tambem na lingua Franceza,
ım Anonymo, e pelos annos de 1622
:612), deve accrescentar-se, que o
taphio do Poeta, que principia:
s, etc., faz memoria da mesma tra-
ınceza, e de outra em Italiano: e
de Mariz, na vida que escreveo do
nões, e sahio com huma parte das
em Lisboa, na Officina de Pedro
, anno de 1616, falla dessas mesmas
ı seguintes palavras: « Pois dos Es-
s (a que as suas cousas parecem
b

« melhor, que as das outras Nações) foi tanto
« estimado, que naõ se contentou cada huma
« dellas com menos, que com o apropriarem
« a si, no modo que podia ser, traduzindo-o
« em suas linguas; com tanta curiosidade, que
« em Castelhano se fizeraõ tres traducções;
« em Italia huma (ainda naõ tinha apparecido
« no mundo a de Paggi, a qual se imprimio
« em Lisboa, no anno de 1658) « em França
« outra ». Aos Authores sobreditos se podem
tambem ajuntar Nicoláo Antonio, e Domingos Fernandes, os quaes ambos fazem memoria destas duas traducções antigas, Franceza, e Italiana; o primeiro na sua Bibliotheca Hispana, e o segundo na Dedicatoria do Poema de Luis de Camões, que no anno de 1609 imprimio em Lisboa, e dirigio ao Arcebispo D. Rodrigo da Cunha. De sorte que por estas contas, assim bem ajustadas, vem a ter a Lusiada até ao presente duas versões na lingua Franceza, e tres na Italiana.

Como estamos em traducções deste Poema, naõ deixarei de fazer aqui memoria, das duas,

na linguã Franceza trabalhou o curioso,
ve Sulpicio Gaubier de Barrault, Major
aça em Lisboa; a primeira, daquella par-
Episodio, em que Luis de Camões, no
o III, estancia cxx, e seguintes, refere o
, e lastimoso successo de D. Ignez de Cas-
e a segunda da fabula de Adamastor, in-
nida admiravelmente pelo mesmo Poeta
anto V, estancia xxxvii. Saõ na verdade
veis estas duas versões; dignas de toda a es-
çaõ dos intelligentes, e humas das mais
trabalhadas, e mais fieis, que se podem
naõ obstante serem feitas de verso, para
, e o sugeitar-se seu Author á difficuldade
hythma. Observo, álem disto, que elle tra-
o verso por verso, mas tudo com tanta fe-
ade, e com tal exacçaõ, como quem naõ
ntendia bem a lingua Portugueza, e mane-
igualmente o seu Idioma, mas se achava
lmente inteirado, e senhor das verdadei-
regras de traduzir. E que outra couza po-
os nós entender, depois delle nos affirmar,
temia grandes obstaculos, e grandes diffi-

culdades em huma completa traducçaõ da Lusiada; e que era huma carreira penosa, e de summo trabalho? Servir-me-hei das suas mesmas palavras : « Si cet Essai a le bonheur d'ê-
« tre vu par Votre Majesté d'un œil propice,
« un triomphe aussi flatteur pour moi suffira,
« Sire, pour faire disparoître tout d'un coup à
« mes yeux tous les obstacles, et toutes les dif-
« ficultés d'une traduction complète du Poeme
« de la Lusiade: carriere aussi pénible qu'im-
« mense, et dont la seule idée, je l'avoue, ef-
« fraie mon foible génie ». Ainda nos certificamos melhor desta verdade, pondo os olhos nas suas versões, e vendo o como soube pôr em execuçaõ esses mesmos preceitos, estabelecidos para os Traductores : porque, se, conforme a opiniaõ dos Doutos, entre texto, e traducçaõ deve haver tanta semelhança, correspondencia, e conformidade, quanta entre original, e retrato; nestas he tal a viveza e propriedade das cores, e saõ taõ acertados, e taõ iguaes os toques, que muito a penas se poderá discernir, qual seja a copia, e qual o origi-

nal (*). Eu me convenço, que se a Naçaõ Franceza, menos costumada a traduzir metaphrasdeamente, que a paraphrasear, alcança-se assim todo o Poema, conseguiria certamente huma completa versaõ da Lusiada, e de todas as suas bellezas Poeticas, sem embargo da grande differença, que intervem entre os genios das duas linguas.

Por serem hoje de summa raridade os exemplares destas mesmas duas traducções (**) pois

---

(*) O exacto Gaubier, aindaque em alguma parte decline algum tanto da sublimidade, e magestade poetica do Author traduzido, nem por isso se faz menos estimavel, ou menos digno de attençaõ; antes nisso mesmo mostra, que observa religiosamente os melhores preceitos estabelecidos para os traductores, os quaes mandaõ, que em primeiro lugar se tenha todo o cuidado com a fidelidade, e depois disto, quanto for possivel, com o caracter do texto. De sorte que, se em alguma passagem nos naõ representa o original em toda a sua força, e viveza poetica, tem a disculpa na fidelidade, que he o preceito que principalmente se recommenda pelos Mestres, e cuja observancia nelle brilha.

(**) *Com huma dedicatoria* ao senhor Rei Dom Jo-

h.

que imprimindo-se mui poucos, a penas se conserva hum, ou outro em poder de algum curioso, e tambem para prova do que fica dito, e cabal satisfaçaõ dos leitores, que em semelhantes casos, antepoem (e com rasaõ) o exame feito com os proprios olhos a quaesquer outras informaçōes; deixarei aqui a traducçaõ Franceza de huma das estancias traduzidas, e será a LVI do canto V, em cujo fim Luis de Camões imita aquelle celebre lugar de Ovidio, na Epistola de Ariadna e Theseo:

Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi,
Quamque lapis sedes, tam lapis ipsa fui.

---

seph, e com o Portuguez em frente foraõ estas duas traduções impressas em Lisboa na Regia Officina Typographica, anno de 1772, em quarto. Saõ notaveis as expressões de que usa o Traductor quando falla do nosso Poeta. « Camões, diz elle, l'immortel Camões « prenant sous ma plume un nouvel etre, ira, sous les « auspices de Votre Majesté, étendre dans tout l'Uni- « vers sa renommée et celle de ses compatriotes, à l'aide « d'une langue presqu'universellement consacrée au- « jourd'hui à transmettre à la postérité les chef-d'œu- « vres de Littérature en tout genre ».

Diz, pois, o texto desta maneira.

Oh que naõ sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava.
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Naõ fiquei homem, naõ, mas mudo, e quedo,
E junto de hũ penedo, outro penedo.

TRADUCÇAO FRANCEZA.

Ah! je ne puis conter, sans honte et sans regrets,
Que, croyant embrasser la beauté que j'aimois,
Je me vis embrassant un mont dur, effroyable,
Couvert d'une forêt épaisse, impénétrable;
Et trouvant face à face un rocher dans mes bras,
Quand je croyois presser d'angéliques appas,
L'homme en moi disparut; muet, presque sans vie,
Je devins une roche à l'autre roche unie.

E para que os Leitores, que se applicaõ ao estudo de traduzir, possaõ tirar melhor fructo desta liçaõ, na conferencia de diversas traducções desta mesma estancia do nosso Poeta,

lhes darei tambem aqui aquellas, que presentemente tenho á maõ.

Fr. Thomé de Faria diz assim na sua versaõ Latina:

Hoc animus meminisse horret, nam brachia nostra
Complecti Tethydem credenti, incondita rupes
Consita dumetis, et agrestibus aspera sylvis
Obijcitur, fronti frons atque opponitur, ora
Oribus, atque genis facies decepta cohæret.
(Res infausta mihi) non vir, verum altera mansi
Rupes, aspectu, scopuloque adjungitur alter
Immanis scopulus, supero cœloque minantur.

Carlos-Antonio Paggi na versaõ Italiana:

Ciò, che non só come di doglia il conte,
Credendo in braccio haver mio bene acolto
Abbracciato trovaime á duro monte,
D'aspra terra, e di piante horrido, e folto:
E con la rupe stando fronte a fronte
Ch' al mio stringea, come celeste volto,
Non rimasi huomo nò, má muto, e lasso,
Quasi accoppiato ad altro sasso un sasso.

Guilherme-Julio Mickle como logo se verá,

ïel, e exacto traductor da Lusiada na lingua ngleza, dá assim este mesmo lugar:

Vhen, Oh, what anguish, while my shame I tell!
Vhat fixt despair, what rage my bosom swell!
lere was no Goddess, here no heavenly charms,
. rugged mountain filled my eager arms,
Vhose rocky top o èrhung with matted brier,
eceived the kisses of my amorous fire.
Vaked from my dream cold horror freezed my blood;
ixt as a rock before the rock I stood.

) moderno Anonymo, Traductor Italiano, que nprimio a sua versaõ em Turim no anno de 772:

Ma o qual dispetto allorque l' accidente
Io torno a ramentar! Quando la bella
Penso stringere al sen, a un eminente
Aspro monte abbracciato (ah la favella
L' ira mi vieta!) veggomi, e'l ridente
Angelico sembiante in dura, e fella
Rupe trovo cangiato; onde il cordoglio
Mi toglie i sensi, e anch' io divento scoglio.

I. du Perron de Castera na sua versaõ Franceza em *prosa:*

« O rage, o désespoir! Comment puis-je prêter ma
« bouche à ce récit qui renouvelle mes douleurs! Je
« m'imaginois tenir Thétis dans mes bras, et je n'y
« trouvai qu'une montagne, dont la cime affreuse re-
« cevoit les caresses que mon amour destinoit au vi-
« sage qui m'avoit charmé: que devins-je en sortant
« de mon erreur! éperdu, muet, immobile, j'étois un
« rocher qui s'unissoit avec un autre rocher ».

Depois de ter escripto quanto acima fica, me communicou certo amigo huma nova Traducçaõ da Lusiada, feita em prosa Franceza (he com esta a terceira, que apparece neste Idioma), e com a costumada recommendaçaõ de muito fiel (*); da qual só farei caso, para dar aos meus Leitores a traducçaõ deste mes-

(*) He esta Traducçaõ impressa em Paris no anno de 1776, em dois tomos de oitavo grande, e sem nome de Author. De huma breve Advertencia, que do impressor vem logo ao principio consta, naõ ser esta Traducçaõ feita immediatamente da Lusiada Portugueza, mas sim trabalhada sobre outra Versaõ. Eis aqui as palavras: « Elle a été faite sur une version littérale du texte Portugais ». Tambem consta da mesma Adver-

lugar, com o que vou a cumprir. Porém, como o Traductor confundisse na sua Versaõ o contexto das duas estancias LV e LVI, o mesmo que observo nelle em muitas outras passagens deste Poema, faz-se necessario, para que melhor se logre a traducçaõ, transcrever huma, e outra, em que o Gigante Adamastor, continuando a falla, diz o que se segue:

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noute de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Tethys, unica despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

---

tencia, que o Traductor tomou a liberdade de abreviar, ou resumir muito a seu arbitrio, e a sua vontade os lugares que lhe parecéraõ algum tanto longos, e dilatados: « Il ne s'est permis d'autre liberté que celle « de resserrer quelques endroits un peu longs ». Segundo estas palavras, errou o Author o titulo da Obra, porque, mais que Traducçaõ fiel, parece lhe devia chamar *Epitome, Compendio, ou Resumo da Lusiada.*

Oh que naõ sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei co' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Naõ fiquei homem, naõ, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

Estes dezaseis versos, com todas as image
e bellezas Poeticas nelles comprehendidas,
o novo, o fiel, e o bom Traductor Francez t
duzidos nesta maneira:

« Une nuit que Doris avoit fixée pour mon bonh
« je crus apercevoir de loin la figure charmante
« j'idolâtrais. Je cours pour l'embrasser. O rage! ô
« sespoir! Je n'embrasse qu'une montagne dure et
« rissée. L'étonnement me fit rester immobile com
« elle ».

Como isto de Traducções costuma ordi
riamente ter tantos Juizes, quantos saõ os l
tores, e qualquer, ainda que nunca visse,
entendesse as regras, e preceitos que ha es
belecidos para ellas, se persuade ser o m

competente; por isso me naõ metto a decidir dà preferencia, ou ainda do merecimento destas, deixando tudo ao juizo dos mesmos leitores, que sentencearáõ nesta parte, cada hũ como for de mais seu gosto, bem lhe parecer, e melhor se lhe representar. Eu, lembrando-me outra vez do engenhoso Gaubier, só direi, que saõ mui poucas as que se achaõ trabalhadas verso por verso, cabalmente completas. Das que tenho visto, parece-me que sem muita violencia, poderá entrar no numero das optimas a que, de huma Cançaõ Portugueza, que em 599 versos escrevèra o Padre Antonio dos Reis, alumno da Congregaçaõ do Oratorio, e da Academia Real, fez o Erudito Filippe Joseph da Gama, Academico tambem da mesma, em outros tantos Latinos. Porei aqui os ultimos versos della, para que possaõ servir de estímulo aos que neste genero de escriptos amaõ a fidelidade, e dezejaõ acertar: e tambem para desengano dos que, persuadindo-se que tem composto huma excellente traducçaõ, sahem a publico com hum fastidioso, imper-

tinente, e insulso Commento. Diz assim o Portuguez:

Cançaõ, naõ mais agora: que algum dia,
(Se o louro deos por seus nos reconhece)
Com vea mais feliz, mais armonia,
Novo canto meu plectro lhe offerece.
E se for como o Assumpto o Canto grave,
Farei por magestoso, e por suave,
Callar com pasmo, por ouvir com gosto
Aos que tem do Parnasso o maior posto;
E (se possivel he) farei se veja,
Que o mesmo Apollo escuta com inveja.

VERSAÕ LATINA.

Cantio, jam tandem retice: quia forsitan olim
(Ipse suus vates, si flavo á Numine noscor)
Et vená saliente magis, magis atque sonorá
Cantum illi pulsata novum mea plectra dicabunt:
Si par materiæ Cantus gravitate sonabit,
Sublimis faciam, suavisque poemate blando
Auribus accipiant pronis, tacitique silescant,
Qui primas habitant sedes Helicone Poetæ;
Et (si tanta queo) faciam videatur in Orbe
Invidus ut vatem pariter me auscultet Apollo.

Como no paragrapho numero 28 do mesmo

ı Preliminar do primeiro tomo de-
nformar aos meus leitores da nova, e
'raducçaõ, que da Lusiada publicou
mente em Londres, na lingua Ingleza
: Poeta Guilherme Julio Mickle, e por
tempos naõ houvesse conseguido mais
noticias, suspendendo a penna, me
i com o pouco que entaõ disse, e ha-
ıçado a respeito desta Obra, e de seu
Agora porém, juntamente com o mel-
› critico, tenho o gosto de dar ao Pú-
n completo Extracto, ou perfeita Ana-
.do quanto aquelle celebre Traductor
:veo, nos diversos Tratados com que
ıhou a sua Traducçaõ. Tudo devo ao
lissimo Padre Miguel Daly, Varaõ, co-
; reconhecem, insignemente consum-
ı todo o genero de erudiçaõ, e de lit-
; e mais Portuguez pelo affecto, e pela
›, do que muitos que entre nós, talvez
› de o ser pelo nascimento. Muitas cou-
ra em bem merecido obsequio deste
: huma syncera amisade que com elle

conservo, e hum pleno conhecimento que tenho da sua moderaçaõ, e da sua modestia me naõ impedissem o passar a diante. Mas ainda assim, naõ me demorando em muitos outros elogios de que se faz crédor, sempre com hum animo grato publicarei, que na geral reforma, que se fez dos Estudos no feliz Reinado do Senhor Rei D. Joseph o Primeiro, elle foi tambem o primeiro, que entre nós fez reviver as Letras Gregas, por taõ dilatados annos amortecidas em Portugal: e que he tambem o primeiro, que com o mais incansavel, e ardente zelo da Religiaõ, trabalha porque se restabeleça o Collegio, que a Naçaõ Irlandeza tinha nesta Corte, para a conservaçaõ dos Missionarios, e do Catholicismo na Irlanda. Servir-mehei das suas mesmas palavras, para que na sua energía conheçaõ mais vivamente os meus leitores, o quanto este diligente Traductor se cansou, para pôr em claro, e patentear ao mundo todo, os feitos illustres, e as acções gloriosas dos Portuguezes na Asia, como tambem o merecimento, e o credito do nosso Poeta, tantas

vezes accommettido pela malevolencia, e pela inveja de depravados, e perversos Zoilos. Diz assim a Analysi.

Guilherme Julio Mickle traduzio o Poema da Lusiada em verso Inglez Rhythmado; e esta traducçaõ já passou por duas edições em Londres, huma no anno de 1776, e a segunda no anno de 1778, signal evidente de que foi bem aceita entre os Inglezes. Como este Traductor applicou huma grande diligencia, e cuidado, naõ sómente em conservar na sua traducçaõ toda a harmonia, energia, clareza, e espirito Poetico de Camões (o que pôs em execuçaõ maravilhosamente) mas tambem em tudo o que podia servir, ou para explicaçaõ, ou para a defeza do seu Author, parece, que naõ será fora de proposito fazer aqui huma breve Analyse do methodo que elle segue. Antes que se entre na Traducçaõ, achaõ-se alli varios Tratados Preliminares nesta ordem:

1º. Introducçaõ.
2º. Historia do descobrimento da India.

c.

3º. Historia da fundaçaõ, e da decadencia do Imperio Portuguez no Oriente.

4º. Vida de Luis de Camões.

5º. Dissertaçaõ sobre a Lusiada, e Observações sobre a Poesia Epica.

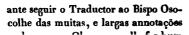
Na Introducçaõ, falla o Senhor Mickle pouco do Poema de Camões; porém este pouco he em grande louvor do nosso Poeta : porque diz, que sobre todos os Poemas que existem, a Lusiada merece a attençaõ do Philosopho, do Politico, e do homem de bem, por ser o Assumpto della de summa importancia á Historia Civíl do genro humano, visto conter os successos, que deraõ origem ao presente systema commercial do Mundo. Porém o principal intento do Author nesta Introducçaõ he provar as vantagens, que resultaõ do Commercio, e refutar os Theoristas, que consideraõ o descobrimento da India Oriental, e da America; e o Commercio em geral, como nocivos, e prejudiciaes ao genero humano, pela introducçaõ do luxo, e augmento dos vicios.

Na Historia do descobrimento da India faz
ma breve resenha dos estragos, que causá-
as armas dos Godos no Occidente, e dos
racenos no Oriente. Relata a invasaõ destes
imos em Hespanha, e Portugal; e final-
nte deduz a sua historia, do tempo da ex-
saõ delles deste Reino, a consequencia da
al foi o estabelecimento do Reino de Portu-
. Depois de tocar ligeiramente o caracter
primeiros Monarcas, e a indole da Naçaõ
rtugueza, chega finalmente ao Reinado do
hor Rei D. Joaõ I de quem faz hum grande
gio. No tempo deste Principe (diz elle) des-
tou-se o espirito de descobrimento no peito
Infante D. Henrique, filho deste Rei, muito
ebre por sua piedade, sabedoria, e genero-
ade. Desejando elle sobre tudo abrir novos
ninhos, para extender a fé de Christo, e
ado por sua profunda sciencia na Historia,
a Mathematica mandou fóra varias expedi-
s, para investigar a costa de Africa, com fe-
successo. Destas expedições dá o Traductor
Camões huma *succinta* noticia, e diz, que

os Senhores Reis D. Joaõ I e D. Duarte, e
Infante D. Pedro na sua Regencia do Rein
com muito zelo favorecêraõ as idéas do gran
D. Henrique: porém que no tempo do Senh
Rei D. Afonso V poucos progressos se fizer
nestas expedições maritimas; mas no Reina
do Senhor Rei D. Joaõ II se renovou co
grande vigór o espirito de descobrimento. I
anno de 1486 (continúa) descobrio Barthol
meo Dias o Promontorio mais meridional
Africa, ao qual, por causa das tempestade
que alli experimentou, nomeou, Cabo das T
mentas; mas ElRei, das esperanças que co
cebeo, de que já estava vencida a maior dif
culdade, para achar a India, o chamou Ca
de Boa Esperança. Mostrou este Monarca h
ma grande inclinaçaõ para descobrir a Indi
mas quando estava fazendo preparações, pa
pôr este seu intento em execuçaõ, a morte
levou. Teve por succéssor, e herdeiro, naõ s
mente da Coroa, mas tambem do seu gran
espirito o Senhor Rei D. Emmanuel. No Re
nado deste Principe se completou finalmen

ɔo mesmo Gama na viagem para
ı volta para Lisboa, conforme as
ıtorias Portuguezas daquelle insi-
: principalmente segue o erudito,
storiador, o Bispo Osorio (*). De
:a narraçaõ serve de hum Argu-
rico ao Poema de Camões. Aca-
ia do descobrimento da India faz
ıcia, que como a Cantiga prophe-
a, no Decimo Livro necessita de
nto, por isso dá huma historia

---

ante seguir o Traductor ao Bispo Oso-
colhe das muitas, e largas annotações

compendiosa das negociações, e das guerras dos Portuguezes na India; e assim passa a hum Tratado, que tem por titulo: A Historia da fundaçaõ, e da decadencia do Imperio Portuguez na India.

Começa com a expediçaõ de Pedro Alvres Cabral (*), e vai seguindo huma narrativa bastantemente exacta dos Governadores da India; das guerras que sustentáraõ; dos Tratados de Commercio, que fizeraõ; das suas Allianças com varios Pincipes da India; e da extensaõ immensa do Imperio, que acquiríraõ para a Coroa Portugueza, pelos mais elevados actos de verdadeiro Heroismo, pela mais escrupulosa honra, e probibade, e pelo maior zelo do

(*) Esta foi a segunda Armada que o Senhor Rei D. Manoel enviou á India: constava de treze vélas, de que foi por Capitaõ Pedro Alvres Cabral, a quem o mesmo Rei, depois de fazer celebrar Missa em Pontifical, com Sermaõ na Igreja do Mosteiro de Belém, acompanhou até ao embarque, que foi naquellas praias, e no dia 8 de Março de 1500. Veja-se Damiaõ de Goes na Chronica deste Rei, Parte primeira, Cap. LIV, e LV.

público, sem mixtura alguma de interesse
icular, e privado. Da outra parte mostra,
outros Governadores, seguindo rumos in-
mente oppostos a estes, arruináraõ este Im-
›, que chegou a hum estado de Anarchia
empo, em que Portugal estava debaixo do
de Hespanha. He certo, que esta historia
e para entender a referida Cantiga pro-
tica; mas o Author entra aqui em varias
stões Politicas, que naõ tem que dizer com
oema, e assim naõ podem ter lugar nesta
lyse.

egue-se a Vida de Luis de Camões, que naõ
cousa alguma nova, que nos possa demo-
sendo em substancia a mesma, que se acha
a Nova Ediçaõ das Obras de Camões. Aqui
mo em huma nota faz mençaõ de huma
ducçaõ Franceza, que appareceo cem an-
antes da Versaõ de Castera: tambem diz,
este Poema foi traduzido na lingua He-
ca, com grande elegancia, e espirito por
zetto, hum Judeo douto, e de grande en-
no, Author de varios Poemas nesta lingua;

e que trinta annos ha, pouco mais ou menos
morreo na Terra Santa.

No ultimo lugar vem huma Dissertaçaõ so-
bre a Lusiada, e humas Observações sobre a
Poesia Epica. O intento do Author neste Tra-
tado se declara no primeiro paragrapho, que
aqui se dá traduzido do Idioma Inglez. « Quan-
« do (*) Voltaire estava em Inglaterra, ante
« de dar á luz a sua Henriade, publicou hum
« Ensaio sobre a Poesia Epica das Nações Eu
« ropêas. Neste louvou summamente, e criti
« cou asperamente o Poema de Camões: e aind
« que esta critica seja cheia de erros, e muit
« superficial, tem com tudo passado em Eu
« ropa pela verdadeira representaçaõ do ca
« racter daquelle Poema. As grandes Objeçõe
« em que se funda a critica de Voltaire, saõ
« huma mixtura absurda da Mythologia Chri
« stãa, e Pagãa, e huma falta de unidade n
« Acçaõ. Em quanto á mixtura da Mythologia

(*) Tudo o que vai signalado com estas notas « h
« huma traducçaõ fiel do Exemplar Inglez ».

« offerecer-se-ha huma defeza do Poema; e
« far-se-ha a diligencia para mostrar ao Pú-
« blico, que as exaggerações de Voltaire saõ
« meras loucuras: e hum exame da Acçaõ da
« Lusiada provará evidentemente, que con-
« forme as regras mais exactas da unidade Epi-
« ca, a mesma Eneida naõ he mais perfeita na-
« quella connexaõ, que he necessaria para for-
« mar huma Acçaõ total. »

Para provar que a Acçaõ da Lusiada he *huma* primeiramente considera qual he a natureza da Epopeia, e conformando-se com a Idea della, dada por Aristoteles, e pelos melhores Criticos, conclue, que o Assumpto de hum Poema Epico deve ser *hum;* e por falta desta unidade exclue as Obras de Dante, e de Ariosto do numero de Poemas Epicos, porque consistem em varias Acções, que naõ tem entre si aquella connexaõ, que constitue a unidade Epica. Mostra depois por huma breve Analyse da Iliada, e da Eneida, como Homero e Virgilio conserváraõ sempre a unidade da Acçaõ. Para o mesmo fim analysa o Poema de Camões

desta sorte: « O Poema começa com huma re-
« presentaçaõ da Armada Portugueza, com
« hum vento favoravel, sobre a costa de Ethio-
« pia: os marinheiros porém estaõ consumi-
« dos com trabalhos, e o salvamento delles de-
« pende da boa fortuna de meter-se em algum
« porto, aonde achem hospitalidade. Repre-
« sentaõ-se os Deoses da Mythologia antiga,
« ou Poetica em concelho. O successo da Ar-
« mada ha de decidir a sorte do Mundo Orien-
« tal. Mas quando se falla do artificio do mi-
« nisterio dos Deoses na Lusiada, he necessa-
« rio advertir, que he todo allegorico, como
« o he em Homero, e Virgilio. Jupiter, ou o
« soberano senhor do destino, declara que os
« Lusos haõ de ter feliz successo. Baccho, ou
« o Genio da seita de Mafoma, a quem os do
« Oriente veneravaõ com culto religioso, pre-
« vendo a ruina do seu imperio, e altares se
« oppõem a Jupiter, ou ao Destino. A Venus
« celestial, ou Amor celestial favorece aos Lu-
« sos. Marte, ou a fortaleza Divina exhorta ao
« senhor do destino a ficar inalteravel nas suas

·esoluções; e manda-se o filho de Maia, Mensageiro do Ceo, para guiar a Armada a hum Porto, aonde sería bem agasalhada. Chega ı frota a Moçambique. Baccho, como Juno ıa Eneida, faz levantar-se aquelle povo conra os Lusos. A consequencia he huma baalha, e a frota victoriosa vai seguindo a sua ʼiagem, debaixo da direcçaõ de hum Piloto Mouro, que os aconselha á entrar no porto le Quiloa. Sgundo a Historia, quizeraõ os Portuguezes entrar neste porto, aonde tudo estava preparado para arruina-los infallivelmente; mas tiveraõ a fortuna de serem lançados dahi, por huma tempestade repentina. O Poeta, no verdadeiro espirito de Homero, e Virgilio atribue esta fortuna á Venus celestial:

> Mas a linda Erycina, que guardando
> Andava sempre a gente assignalada, etc.

Chega a frota a Mombaça. A malicia do Genio da seita de Mafoma ainda excita novos enganos *contra elles.* Mercurio, o Mensa-

« geiro do Ceo, avisa o Heroe do Poema, do
« seu perigo, em hum sonho, no espirito de
« Homero, e o manda dirigir a frota a Me-
« linde. Alli chega, e o Principe o agasalha
« com toda a benevolencia, e amisade. Em este
« lugar tem o Heroe a primeira noticia certa,
« e esperança da India. A admiraçaõ, que a
« grande fortaleza, e valor dos seus hospedes
« excita no peito do Rei de Melinde, por serem
« elles os primeiros, que tiveraõ a ousadia de
« passar o Oceano desconhecido, com muito
« artificio prepara o leitor, para o longo Epi-
« sodio que se segue. Vio Camões, que o Poe-
« ma de Virgilio contém em si a Historia do
« Imperio Romano do seu tempo, e resolveo-
« se a seguir este grande modello. A Historia
« de Portugal, que relata Gama ao Rei de Me-
« linde, era naõ sómente necessaria para dar
« ao novo Alliado huma alta Idea do valor, e
« do espirito dos Portuguezes, mas tambem
« tem huma connexaõ natural com a viagem
« do Gama, e della dá a razaõ, e o motivo.
« Com a mesma propriedade conta o Gama ao

ei de Melinde a origem, e o progresso da
a Naçaõ, com que relata Eneas a Dido a
ina de Troia, que foi a causa da sua via-
m. O Rei de Melinde muito satisfeito com
fama da Naçaõ Portugueza, promette-lhes
ma amisade constante, e lhes dá hum Pi-
to fiel. Quando elles navegaõ pelo grande
ceano da India, outra vez se faz uso do ar-
icio dos Deoses. O Demo representado em
accho, roga a Neptuno, e aos Deoses levan-
m huma tempestade, para destruir a frota.
s Marinheiros de noute contaõ as faça-
as valerosas de seus Patriotas, e se intro-
z hum Episodio no espirito poetico de Ca-
llaria. Desta sorte representa Homero a
chilles, que canta á sua lyra os louvores
s Heroes : e na maneira Epica saõ da
esma natureza esta narraçaõ dos Mari-
eiros, e os contos de Nestor, ou para apla-
r, ou para inflammar a furia dos Capitães
regos.

Entre tanto ha huma bella descripçaõ da
mpestade. *Percebe* a Venus celestial o pe-

d.

de Patroclo, depois da morte de Hector, qu
« he o fim importante da Iliada. O modo d
« proceder he o mesmo, ainda que Camõe
« naõ tire de Homero, nem huma unica cir
« cunstancia. Ulysses, e Enéas visitaõ as regiõe
« dos mortos; e por força Voltaire ha de guia
« o seu Heroe ao inferno, e ao Ceo. Mas quant
« he superior o espirito de Camões! Elle imita
« sim estes grandes passos, por huma ficça
« nova, inteiramente sua; e assim a sua imita
« çaõ he sómente parallela. O Gama na Ilh
« do Amor, e Enéas em o inferno saõ precisa
« mente a mesma cousa, na Poesia Epica:
« nesta identidade, que naõ tem em si nada
« plagio, Camões faz o tecido da Historia
« Portugal com muito artificio, como conf
« o mesmo Voltaire. O Episodio com o Re
« Melinde, a descripçaõ das bandeiras pi
« das, e a Cançaõ prophetica, na manei
« intento, saõ parallelas ao Episodio de
« ao escudo de Enéas, e á visaõ nos ca
« Elysios. Os grandes objectos, que se pr
« *na Iliada*, e na Eneida, saõ, abrand

« de Achilles, e pôr os alicerses do Imperio
« Romano; hum se effectua pela morte de Hec-
« *tor*; e outro pela alliança entre Latino, e
« Enéas, completada pela morte de Turno. Da
« mesma sorte, o grande objecto da Lusiada
« he estabelecer o Imperio Portuguez Chris-
« taõ no Oriente, o que se completa pela feliz
« chegada do Gama a Portugal: e assim no ver-
« dadeiro espirito da Epopeia acaba o Poema
« da Lusiada, no qual cada circunstancia se
« levanta por huma gradaçaõ justa, até que to-
« das as suas partes fazem huma somma total,
« na mais perfeita unidade de Acçaõ Epica. »

Assim defende o Traductor o seu original, contra a falsa critica de Voltaire nesta parte: e depois procede a vindicar o artificio do ministerio dos Deoses. Adverte no principio, que todo este artificio em Homero he huma perfeita Allegoría, e que era o gosto prevalecente no tempo de Camões imitar os Antigos. O mesmo Camões affirma no fim do Livro nono, e em huma das suas Cartas, que elle considerou o ministerio dos Deoses, de que faz uso, como

puramente allegorico. A Mythologia Pagãa tem, naõ sómente a sua Venus terrestre, mas tambem a celeste, como se vê em hum lugar do Symposion de Plataõ. A Venus celeste he a personagem mais propria da antiga Mythologia, para representar a Religiaõ Christãa; e o Protector mais natural dos altares da India, conforme à antiga allegoría Poetica, he Baccho, que tinha conquistado o Oriente. Com qualquer força que tenhaõ os argumentos, contra o uso do ministerio dos Deoses Gentios na Poesia moderna, se deve confessar candidamente, que a allegoría de Camões, que arma o Genio da seita de Mafoma, contra a expediçaõ dos seus Heroes, he sublime, felizmente inventada, e interessante. Nem se deve condenar a sua escolha, sem exame do antigo artificio. Tem este artificio sido a linguagem da Poesia por tres mil annos, e todos entendem bem a sua allegoría. Senaõ he impossivel, ao menos será mui difficultoso inventar hum novo, que seja melhor para hum Poema Epico. Porém o que he mais, o mesmo Voltaire, ainda

inadvertidamente, offerece huma defeza
a Camões. Em hum Ensaio, que publicou
ɔ a Henriade, diz elle: « A palavra Amphi-
ite, na nossa Poesia, naõ significa outra
ɔusa, senaõ o mar; e de nenhuma sorte a
ɪposa de Neptuno. » E póde perguntar-se:
que naõ póde significar a palavra Venus
Camões o amor Divino, e naõ a esposa de
ɪcano? « O amor (diz Voltaire no mesmo
nsaio) tem suas settas, e a Justiça a sua ba-
.nça em nossas composições Christãas, em
ɔssas pinturas, e em nossa tapeçaria; e nem
ɔr isso se reputaõ por huma mixtura do
aganismo. » Se este criterio he justo, qual
a razaõ porque naõ devemos applica-lo á
ɪiada, do mesmo modo que á Henriade?
)utro argumento traz a favor do nosso Poe-
tirado dos dous respeitos, em que se póde
ɪsiderar a Poesia Epica: porque he histo-
ɪ, e allegorica. Quando o Paganismo era a
nça popular, bem podia Diomedes ferir
rte, e Venus: mas quando estes nomes de
dade vieraõ a ser meramente allegoricos,

tambem devem ser allegoricas as acções, que se lhes attribuem : e Camões nunca se aparta desta regra. Os seus Heroes sao Christãos; e se faz mençaõ da *Santa Fé* nas partes historicas, nas quaes estes Heroes fallaõ, ou obraõ : e sómente nas partes allegoricas introduz o Poeta a Mythologia Pagã, ou Poetica : e naõ ha mixtura alguma de personagens pagãas, e Christãas nas partes allegoricas do Poema, como tambem a naõ ha nas partes historicas. Algumas outras provas em defeza do Poeta ha, mas estas saõ as principaes. Mostra depois, que todos os outros Poemas Epicos modernos, e ainda a mesma Henriade, tem muito mais desta mixtura culpavel, que o poema de Camões.

No princípio desta Dissertaçaõ ha huma nota muito comprida, em que o Author dá toda a crítica de Voltaire, contra Camões, tirada da Ediçaõ Ingleza original, ainda que confesse, que Voltaire fez varias alterações, nas edições da mesma Obra na lingua Franceza. A maior parte, porém, das objeções, censuras, e erros de Voltaire, já vem refutados no Discurso Pre-

nar, e assim naõ he necessario repetir aqui
'utaçaõ, que dá este Traductor, que pouco
ou menos, he a mesma, que já está dada.
he digno de notar-se, que o Traductor
obrio de donde tirou Voltaire a sua noti-
le Camões; porque achando elle alguns
itos criticados por Voltaire, que naõ exis-
em Camões; e no mesmo tempo achan-
que estes defeitos existem na miseravel tra-
:aõ na lingua Ingleza, feita por Fanshaw,
:lue com razaõ, que Voltaire naõ teve ou-
onhecimento do nosso Author, senaõ o
apprendeo pela liçaõ daquella traduc-
que naõ representa o seu original com
idade; pois além de naõ ter espirito Poe-
algum, tem varios equivocos, conceitos,
ressões baixas, que naõ se achaõ no ori-
l, os quaes, porém, o desavergonhado
aire, com maõ liberal dá todos a Camões.
ignorancia de Voltaire confirma o Tra-
or por huma informaçaõ, que recebeo de-
da publicaçaõ da primeira ediçaõ da Lu-
na lingua *Ingleza*, *e he*: Quando Vol-

taire ainda tinha na Imprensa em Londres o *Ensaio sobre a Poesia Epica*, por acaso mostrou huma folha das provas delle ao Coronel Bladon, Traductor dos Commentarios de Cesar. O Coronel, que tinha estado em Portugal, perguntou à Voltaire, se havia lido a Lusiada, e elle respondeo, que nunca a tinha visto, nem sabia a lingua Portugueza. O Coronel deo-lhe a Traducçaõ de Fanshaw, e em menos de quinze dias appareceo a crítica de Voltaire.

Depois destes Tratados Preliminares vem a traducçaõ do Poema, que se póde pronunciar a mais poetica, das que apparecêraõ até agora. Acompanha a traducçaõ com notas historicas, e críticas, em que mostra grande conhecimento da Historia de Portugal, e hum juizo crítico solido. A'lém das notas, no fim do Livro septimo vem hum Tratado, que tem por titulo, « Hum Exame dos principios da « Religiaõ, e da Philosophia dos Brachmanes, » que he pouco interessante a respeito do Poema. E no fim do nono Livro vem huma « Dis- « *sertaçaõ* sobre a ficçaõ dà Ilha de Venus, »

na qual louva summamente o engenho de Camões.

Ainda que naõ he o nosso intento criticar o Traductor Inglez, que faz tanta honra, e justiça a Camões, naõ devemos com tudo passar em silencio, o ter elle tomado varias liberdades a respeito do original, humas que confessa, e outras que naõ confessa. Das que naõ confessa apontaremos dous exemplos, deixando a outros a liberdade de julgar, se hum traductor deve affastar-se tanto do seu original, e texto que traduz.

Na ficçaõ de Adamastor Camões faz, que aquelle Gigante conte ao mesmo Gama a sua historia, e a dos seus amores: o Traductor porém toma outro caminho; porque depois das vozes propheticas contra os Portuguezes, faz desapparecer o Spectro: e ElRei de Melinde refere haver entre elles esta tradiçaõ: que na guerra dos Gigantes havia cahido sobre aquellas praias hum delles, cujos gemidos se ouviaõ de noute: e que pelos encantamentos de hum Santaõ, *o Spectro foi* obrigado a dizer

quem era, e entaõ segue a sua historia. O outro lugar he no principio do nono Livro: Camões faz que o Samori solte o Gama pela fazenda, que veio a terra no Livro oitavo; e no nono conta simplesmente, que o Gama, impaciente de partir para a Europa, mandou que tornassem os seus Feitores a bordo com a fazenda: mas vem-lhe a noticia, que os Feitores haviaõ sido prezos; e logo o Gama manda prender huns Mercadores, que vieraõ ás naos a vender pedraria, e se prepara para partir: porém as mulheres, e filhos dos que estavaõ prezos a bordo das naos, correm ao Samori, e se queixaõ que os seus maridos, e pais estaõ perdidos. Movido com estas queixas, manda o Samori soltar os Feitores Portuguezes, e restituir a fazenda, e o Gama parte-se de Calecut. O Traductor porém, representa tudo isto de hum modo differente. Conforme a sua relaçaõ, o Gama está prezo na Corte do Samori, ainda no nono Livro. Em huma Falla cheia de soberba, manda o Samori, que o Gama faça trazer á terra, e entregar-lhe as vélas das naos.

Porém o Gama naõ quiz consentir nesta proposta, percebendo a intençaõ maliciosa do Samori. Logo se fazem os signaes, para a frota do Samori attacar a Armada Portugueza: segue-se a descripçaõ da batalha: sobrevem huma tempestade, que desfaz inteiramente a frota do Samori: chega a Armada do Gama victoriosa mais perto da terra, e começa a atirar com a artilheria contra a Cidade. Corre o povo assustado ao Samori, e pede que se faça justiça aos Portuguezes: este Principe atemorizado pela destruiçaõ da sua frota, pela commoçaõ do seu povo, e pela intrepidez dos Portuguezes, solta ao Gama, e lhe permitte ir a bordo das suas naos. Nesta relaçaõ ha mais de trezentos versos, aos quaes nada se acha no original, que lhes corresponda. Aponto aqui estes dous lugares sós, por causa de brevidade; mas o leitor intelligente da lingua Ingleza, e da Portugueza achará muitos outros, aonde o Traductor toma a liberdade de se affastar do original, ou supprimindo passagens, que lá se achaõ, ou *accrescentando* outras, que lá se

e.

naõ achaõ. Na Dissertaçaõ Preliminar confessa em termos geraes o Traductor, que a sua intençaõ era dar a Lusiada em Inglez, e em hum espirito Poetico livre: e para a sua defeza diz (e com verdade) « que a versaõ literal « de Poesia he hum solecismo: porque huma « tal versaõ, naõ póde conservar a felicidade « das expressões, a energia, a elegancia, e o « fogo do Original. » E que por esta razaõ elle se conformou com o preceito de Horacio:

Nec verbum verbo curabis reddere fidus.
Interpres...

Mas naõ obstante tudo isto, huma traducçaõ deve ser huma fiel representaçõ do seu Original; o que bem póde ser, ainda que naõ esteja feita palavra por palavra, como mostraõ varias traducções poeticas de Homero, e Virgilio nas linguas polidas da Europa, e principalmente na lingua Ingleza. Ellas conservaõ o espirito dos seus Originaes inteiro, sem que supprimaõ, ou accrescentem passagens compridas. Nem val ao Traductor a authoridade de Horacio; por que

evidentemente parece do contexto, que o preceito he sómente para Imitadores, e naõ para Traductores (*): e sem duvida a imitaçaõ he

---

(*) Em confirmaçaõ da intelligencia, que a estas palavras dá o Doutissimo Padre Miguel Daly, que he a genuina, transcreverei aqui a exposiçaõ, que Dionizio Lambino nos dá deste lugar da Poetica de Horacio, e servirá tambem para tirar ao Público do engano em que o deixou certo traductor da mesma, ousando affirmar, que o referido Lambino o passára em silencio, e que nada dissera sobre elle. *Nec verbum verbo, etc. Id est* (diz Lambino), *et si non studebis verbum è verbo axprimere, ut religiosus, et fidus Interpres: si non te praebebis ita sedulum, ac fidum Interpretem, ut ne paululum quidem à tuo Auctore discedere audeas. Monet igitur hoc loco Horatius, ne eos, quos nobis proposuimus imitandos, aut equibus argumentum scribendi petimus, ita sequamur, ut interpretes; sed potiùs ut è fontibus eorum, judicio, arbitrioque nostro, quantum, quoquo modo videbitur, hauriamus.* Se isto he passar em silencio o lugar de hum Author, e nada dizer sobre elle, os Leitores poderaõ julga-lo. Advirto outro si, como de passagem, (naõ me permitte a brevidade de huma nota o ser mais

mui differente da traducçaõ. Huma tra
a onde se tomaõ taõ grandes liberdade
facilmente enganar o leitor : supponhan
hum Voltaire futuro, que naõ souber a
Portugueza, queira formar huma idéa
ma de Camões, por meio da Traducçaõ
nhor Mickle; se lhe vier á cabeça im
que na descripçaõ da tempestade, e da l
no Livro nono ha muito do estilo inel
do falso sublime, naturalmente todos e
feitos attribuirá ao Original, ainda q
naõ ha vestigio de taes descripções;
enganar-se-ha, como se enganou o out
taire, attribuindo a Camões os defeito
dicula versaõ de Fanshaw.

Atéqui temos exposto ao leitor Port
com a brevidade possivel, quanto bas

---

extenso) que se o imitador, no dictame de I
naõ deve traduzir *verbum verbo, como fiel,*
interprete, parece que se segue, seguindo a f
palavras do mesmo Horacio, que ao Interpr
tence, e he proprio do seu officio o traduzir fi
ligiosamente.

atender o grande estudo, que o Traductor fez nas Obras Poeticas de Camões, e na lingua, e Historia Portugueza; e para perceber o grande trabalho, que tomou em compilar tantas cousas, que podiaõ contribuir a illustrar o seu Author, e a defende-lo da insolente critica de Rapin, de Voltaire, e de outros Criticos, que como elles naõ entendêraõ a lingua Portugueza. Em tudo isto tem mostrado o Traductor huma Erudiçaõ vasta, e hum juizo exacto.

Mas com tudo isto naõ se podem disfarçar huns erros crassos do senhor Mickle, os quaes porém, com reluctancia somos obrigados a notar. Em varios lugares trata a Naçaõ Portugueza com muita incivildade, e principalmente em huma nota na Vida do mesmo Camões, a onde se desbocca contra o Senhor Cardeal Rei D. Henrique, para se vingar do castigo, que justamente se deo ao Escocez Buchanano, tirando deste facto huma consequencia muito injuriosa á Naçaõ Portugueza, e muito indigna, naõ sómente de hum homem bem creado, mas ainda de hum Philosopho; porque na na-

tureza das cousas, a characteristica que elle dá dos Portuguezes, naõ póde convir a Naçaõ alguma civilizada.

Bem se podia tambem esperar, que em ta Obra como esta do Traductor, naõ houvess lugar para controversias sobre a Religiaõ. Porém elle tem muito cuidado de mostrar o seu odio, e aversaõ á Religiaõ Catholica. Elle piza e repiza as antigas, e quasi esquecidas calumnias da Idolatria, e outras semelhantes, que foraõ mil, e mil vezes refutadas demonstrativamente, e das quaes hoje em dia os Protestantes sensatos se envergonhaõ: falsifica factos, e faz allusões ridiculas, e absurdas, que nada provaõ, senaõ a malignidade do Author. Talvez com este adubo, quiz recommendar o seu livro ao paladar dos seus, para vende-lo melhor.

Atéqui o Reverendissimo Padre Miguel Daly na sua douta, e bem ordenada Analyse; e atéqui tambem a estimaçaõ, e o gosto com que os Estrangeiros cordatos costumaõ ler o Poema da Lusiada: gosto, que entre nós se naõ tem achado em alguns, naõ sei se pelo terem mai

licado, se por terem bebido em outras fontes as doutrinas da Poesia Epica, e Dramatica. Outra razaõ mais particular poderá talvez haver; porém essa a deixamos á intelligencia dos nossos leitores prudentes, e desapaixonados, e que costumaõ dar o seu a seu dono.

Em quanto á justiça, que o Engenhoso Traductor Inglez faz sobre o orgulho, soberba, ignorancia, e falsidade do turbulento, e revoltoso Voltaire, lembramos aos nossos mesmos leitores, que estes saõ os communs sentimentos dos Estrangeiros desinteressados, dos quaes se podiaõ apontar bastantes: mas, para ultimo desengano dos obstinadamente teimosos, e que ainda vivem como embelecados com as futilidades, e ridicularias deste despropositado histriaõ, bastará que deixemos finalmente aqui, nas palavras de M. l'Abbé de Castres o juizo que delle fazem, naõ Estrangeiros, mas dentro da mesma França os seus mesmos contemporaneos, os seus mesmos amigos, e Compatriotas. Depois deste Author lhe fazer a merecida justiça em todas as suas Obras Poeticas, naõ

ficando de fóra a sua estimàda (*) Henriade (foi taõ extremamente desvanecido de si, e das suas cousas, que chegou a proferir, e publicar, que para haver na França hum Poema Epico, lhe fora necessario escrever a sua Henriade) passando ás Obras em prosa, e principiando pelo ensaio sobre a Historia geral, diz assim :

« *L'Essai sur l'Histoire générale* ne sera ja-
« mais regardé par des Esprits sages et instruits
« que comme un tableau infidele, où, sous
« prétexte de peindre le progrès de l'esprit des
« Nations, l'Auteur s'abandonne à toutes ses
« idées, s'efforce de réaliser ses chimeres, ra-
« mene tout à l'objet qu'il s'étoit proposé, ce-
« lui d'établir le fatalisme, systême qui est le
« comble de l'absurdité. Tous les événements,
« tous les caracteres, toutes les actions, toutes
« les conjectures, ne tendent qu'à favoriser ce

(*) He de hum taõ relevante merecimento, e caracter este Poema, que tendo corrido impresso pelo espaço de mais de sessénta annos, ainda naõ vimos delle huma traducçaõ em outro Idioma.

principe. L'Historien renverse, sans pudeur, tous les monuments de l'Histoire, s'attache aux Traditions les plus suspectes, s'appuie sur les Auteurs les plus décriés, et ne redoute pas le mépris dû à une crédulité puérile ou à une mauvaise foi odieuse, pourvu qu'il abuse la multitude, qu'il veut absolument subjuguer et égarer. De là cette affectation de présenter la vertu malheureuse, et le vice toujours triomphant. S'il parle d'une bataille, c'est pour faire remarquer que les combattants qui avoient pour eux la justice, ont eu les revers en partage. Ses réfléxions sur les différents Princes ne tendent qu'à prouver que les plus méchants ont vécu dans la prospérité, et les plus vertueux dans l'infortune. Dès qu'il trouve la moindre trace de superstition, il étale un air de triomphe; il proscrit les abus avec un ton de confiance propre à persuader qu'il est le premier à les combattre, tandis qu'il est le seul à ignorer, ou à feindre d'ignorer qu'on les a condamnés avant lui. Il fait plus; quand les faits ne

« prêtent pas assez à sa censure, ou ne ren-
« trent pas dans son plan, il les transforme, les
« envenime, les violente, pour les assujettir à
« son but, et croit être Philosophe, toutes les
« fois qu'il n'est qu'imposteur ou méchant. Que
« penser, en effet, de tant d'anecdotes hazar-
« dées, de tant de critiques puériles, de ce vain
« appareil de sagacité qui ne se plaît à fouiller
« que dans les cloaques, et en fait exhaler sans
« cesse des vapeurs et des nuages qui corrom-
« pent ou interceptent les vérités les plus con-
« nues? »

Em final satisfaçaõ a alguns escrupulosos, que parece se resentiraõ de que se puzessem taõ claras, e patentes as calumnias, e falsidades do insolente, e petulante Voltaire, ainda accrescentarei ao que fica dito, o que o mesmo Castres diz, (tom. IV, m. pag. 230) quando falla do seu celebrado *Ensaio sobre a Poesia Epica*. « Il n'y a rien de véritablement décidé
« que l'ambitieuse manie de passer pour le dé-
« positaire du génie de tous les Arts, pour un
« littérateur universel, pour un homme uni-

que. La plupart de ses Dissertations Littéraires sont un tribut d'hommages qu'il se paye à lui-même, ou des arrêts prononcés contre « ses rivaux : ses Observations sur la Tragédie, « une justification de ses Pieces, et la satyre « adroite de celles des autres; son *Essai sur la « Poésie Épique*, une Apologie de la Henriade, « et une censure injuste des autres Poëmes; *la « Connoissance des beautés et des défauts de la « Poésie et de l'Éloquence dans la langue fran- « caise*, donnée sous un nom emprunté; l'apo- « théose de ses productions; mille autres ou- « vrages de sa façon, sont autant de trompettes « sonores qu'il consigne à la Renommée pour « préconiser son mérite en tout genre. »

O Leitor que quizer neste particular melhor instrucçaõ, póde recorrer ao tomo IV, m. p. 201 dos Tres seculos da literatura Franceza do referido Castres; que eu, por naõ perder mais tempo, et papel com o ridiculo Thrasonismó do desatinado Voltaire, o deixo já, até que sirva de festivo assumpto ás Declamações de algum futuro Menckenio. »

No mesmo paragrapho numero 28 do referido Discurso Preliminar, onde fallo das estimações, que entre os Alemães merece a illustre memoria de Luis de Camões, deve tambem accrescentar-se o distincto elogio, que, no tom. IV, pag. 78 da sua Geographia Universal (*), lhe faz o insigne Geographo Henrique Scherer, por estas palavras, em que bem mostra o quanto estava informado da adversidade da sua fortuna, e das horrorosas miserias em que tristemente acabou. *Ludovicus* CAMÕES, *insignis Poeta, dictus Virgilius Lusitanus, sed malignantis fortunæ lusus: diu namque in Orbe circumactus; tandem in patria miseriis immortuus.*

Sobre o Rhythmo, e numero metrico algumas cousas havia que accrescentar aqui, ás annotações da pag. xv, e xvj da Prefaçaõ do tomo terceiro; porém essas as reservo para hum Tratado particular, que quasi se acha prompto para a impressaõ.

(*) August. Vindelicor. 1738.

Com o exemplo de outros muitos Poemas, cujos Cantos, ou Livros tem os Argumentos de diversos Authores já em verso, e já em prosa, me pareceo conveniente, nesta segunda Ediçaõ, ajuntar em cada hum dos Cantos da Lusiada, ao Argumento de Joaõ-Franco Barreto, outro em prosa; convencido tambem de que as cousas expendidas na oraçaõ solta, se percebem sempre melhor, que na ligada.

Isto he o que entendi, e julguei que devia advertir, e dar ao Leitor nesta segunda Ediçaõ; confiando, que na terceira, e nas demais que se seguirem, haja Editores, que mais digna, e cabalmente satisfaçaõ ao merecimento do nosso Poeta.

DISCURSO PRELIMINAR,

APOLOGETICO E CRITICO,

COM QUE SAHIO A PRIMEIRA EDIÇAÕ.

INTENTAMOS dar ao Público na presente Ediçaõ
odas as Obras que existem de Luis de Camões,
rincipe dos Poetas de Hespanha; empreza
cometttida por muitos, porém de nenhum
oncluida até ao presente; porque aquella ad-
ersidade de fortuna, que este Insigne Portu-
uez experimentou em quanto vivo, parece
ue tambem o persegue além da morte, naõ
he consentindo o completo applauso, que elle
erece pelos seus escriptos. Pelo espaço de
nais de dous seculos tem suado os prélos Estran-
geiros, e Portuguezes, na Impressaõ, já de Tra-
lucções, já das Obras deste Grande Homem,

na mesma Lingua original em que elle as escreveo; mas sem que por agora nos embaracemos com aquellas, só nos queixaremos destas, pelo engano que alguns de seus Editores nos fizeram, naõ nos dando huma Ediçaõ completa, como aliàs nos haviam promettido. Desde o anno de 1572., em que o Poema de Luis de Camões sahio a primeira vez impresso, se multiplicáram de sorte as Edições, que affirma Pedro de Mariz, na vida que escreveo, e imprimio com algumas Rhythmas do Poeta em 1601., que até áquelle tempo, só do Poema se haviam consumido mais de doze mil exemplares. Manoel de Faria e Sousa, famoso, e incansavel investigador das Obras, e tambem das acções do mesmo Poeta, faz outra conta; e assevera, que distribuídas as Edições pelos annos que decorrêram desde o mesmo de 1572., até ao anno de 1639., em que elle imprimio os seus Commentarios, vinha a caber huma Ediçaõ a cada tres annos; que vem a fazer a somma de vinte e duas Edições.

2. Continuáram os prélos a trabalhar, e

desde o anno de 1639. até ao presente se imprimiram estas mesmas Obras taõ repetidas vezes, que naõ será hoje facil o numera-las. Conservamos exemplares de muitas destas Edições, que com grande cuidado, e curiosidade ajuntámos de muitos annos a esta parte; porque sempre meditámos vingar a este benemerito Portuguez, das injúrias, e affrontas que lhe haviam feito Editores ignorantes, nos multiplicados erros com que lhe tinham publicado as suas Obras; o mesmo que já temos practicado com as de outros Authores Portuguezes, que tambem, naõ sem grande trabalho nosso, tem sahido reimpressas desta nossa Officina, com a mais exacta fidelidade, inteireza, e correcçaõ. Entrando, pois, na conferencia de huns com outros exemplares das referidas Edições, achámos, que em quanto à certeza do Poema, sómente entre si concordam duas, que saõ: a que se fez em Lisboa no anno do 1609. por Pedro Crasbeek, e dedicada por Domingos Fernandes, Livreiro, a D. Rodrigo da Cunha, Doutor em Canones, e Deputado do Santo

Officio, o qual foi depois Arcebispo de Lisboa
e bem conhecido pela vastidaõ da sua littera
tura; e a outra, a que em Madrid, juntament
com os seus Commentarios, fez Manoel d
Faria e Sousa, no anno de 1639. Naõ podemo
saber hoje ao certo, que originaes ou exem
plares seguisse Pedro Crasbeek na sua Ediçaõ
sabemos, com tudo, que naõ seguio as pri
meiras duas Edições do Poema, feitas no ann
de 1572., nem tambem as outras que poste
riormente se fizeram até áquelle tempo, por
que dellas differe em alguns lugares. Nestes te
mos, com os melhores fundamentos assenta
mos, que o mesmo Arcebispo Dom Rodrig
da Cunha, a quem a obra se dedicou, com
taõ amante, e favorecedor das letras, minis
trasse algum original do Poeta, para se regu
lar aquella Ediçaõ. Naõ deve entrar em dúvi
da, que naquelle tempo fosse facil o appare
cerem originaes do poema, ou Manuscripto
dignos de toda a fé, e credito; porque Manoe
de Faria e Sousa, que escreveo, e imprimi
trinta annos depois, os achou, como affirma

la do Poeta, e em varios lugares dos seus
ıentarios.
Iaõ he cousa crivel, á excepçaõ das duas
las Edicões de Crasbeek, e Faria, a
encia, e incuria, com que os Impres-
Portuguezes, desprezando o proprio
o, a honra do Poeta, e da Naçaõ, e com
os só no sórdido interesse, imprímiram
petidas vezes este Poema, e estas Rhyth-
'altar-nos-hia papel, e tempo, para nu-
mos erros; e bastará diser-se, que por des-
proprio, houve Impressor, que omittio
ıstancias em hum dos dez Cantos do
ı que imprimio, mas nem por isso deixou
der: falta, que vinha já de outra Ediçaõ
dente. Parece justo que façamos tam-
ıqui huma especial memoria da cele-
Ediçaõ de Paris, do anno 1759.; cele-
dissemos, mas por aquelles que conten-
se, e parando só na casca, ou super-
ıaõ penetram o amago das cousas. Naõ
os na verdade, que aquella Ediçaõ
estimavel outra cousa mais, do que

hum papel claro. Se olhamos para a letra, vemos hum caracter que necessita do microscopio par se ler. Se lhe procuramos a inteireza, e boa correcçaõ, achamos huma innumerabilidade de erros, especialmente nas Rhythmas, procedidos, assim da caixa, como do depravado exemplar, que na Impressaõ se seguio. Nada diremos do indecoroso de algumas das estampas, boas sómente para entreter ou enganar crianças. Promettêram-nos aquelles Editores hum corpo completo das Obras do Poeta, como atélli se naõ havia feito; porém nada menos, omittíram que huma Comedia, com o mais que nesta nossa Ediçaõ se achará. Todos êstes defeitos, porém, e outros muitos de que por ora naõ fazemos mençaõ, lhe perdoariamos de boa vontade, senaõ houvesse nessa mesma Ediçaõ Parisiense perturbaçaõ, e absurdo mais consideravel na ridicula idéa com que alli apparecem impressos os Poemas menores, como saõ: Canções, Odes, Eclogas, etc. Bem sabido he, ser doutrina assen-

tada pelos Mestres (*), que cada hum destes Poemas deve constar de certo número de Estancias, e que cada huma destas deve tambem conter certo número de versos, huns maiores, outros menores, collocando-se todos, a arbitrio do Poeta, em seus devidos lugares. Ora suppostos estes preceitos, faça-se diligencia por se ajustarem nestes Poemas, daquella Ediçaõ, o número

(*) Muitos poderamos apontar, mas bastará por todos Lodovico Dolce, que diz assim no IV. Livro *delle Osservationi*, fallando da Cançaõ: «Dovendo adunque » hora trattar dell'ordine, e modo di comporre, dico, » ciascuna Canzone dividersi in piu parti eguali; lequali » sono dimandate Stanze, per che in esse secondo pure » la opinion di Dante, stá, e si richiudi tutto l'artificio » della Canzone. E di queste Stanze, e regola maestra » è la prima. Percioche é in arbitrio dello Scrittore di » elegger quel numero di versi è quell'ordine di corris- » pondenze che piu gli piace : e poi col medesimo nu- » mero, e ordine seguire in sino al componimento » della Canzone. » O mesmo que Ludovico Dolce diz das Cançoes, se deve entender das Odes, Eclogas, Lyras, etc. nas quaes composições militam estas mesmas regras.

certo das Estancias, com os seus versos co
respondentes, e ver-se-ha o que se acha. Tiv
ram abondade os Senhores Francezes, ii
primindo indifferentemente todos os vers
maiores mais fóra, e todos os menores ma
dentro, de inverter, e transtornar tudo, ponc
tudo na maior confusaõ, e na maior desorden
de sorte, que naõ ha achar alli, nem o númei
das Estancias, nem tam pouco o dos vers
que cada huma dellas deve ter, para a b
correspondencia de humas com outras. E qı
bellos, e bem ordenados exemplares, paı
por elles se regularem os que se applicam a
estudo da Poesia, e á composiçaõ de seme
hantes Poemas! Naõ succederia isto cert
mente na Italia, verdadeiro berço das Musa
onde os Impressores, ainda os mais rude
poderáõ certament ensinar os mais affamad
da França a imprimir versos.

4. Por todas estas razões preferimos os exer
plares da Ediçaõ de Manoel de Faria e Sous
naõ só como mais certos, senaõ tambem com
mais bem ordenados, e por elles regulám

sta nossa. O trabalho, as despezas, e as fadigas litterarias de mais de vinte e cinco annos, com que este Illustre Escriptor tratou a Luis de Camões nas suas Obras, o constituem benemerito de que o sigamos. A grande vastidaõ de estudos que possuia em materia de Poetica, nos obriga além disto a que naõ nos separemos delle. Damos, demais do que atéqui se imprimio, 73. Estancias, que o Poeta desprezou ao tempo de imprimir o seu Poema a primeira vez; as quaes, sendo achadas pelo mesmo Faria em dous differentes Manuscriptos (*), que descobrio na Corte de Madrid, onde assistio pelo espaço de muitos annos, e onde fez

(*) A letra fazia recommendavel, e digno de fé o primeiro destes dous Ms. Era huma copia immediatamente tirada de cadernos que se haviam furtado ao Poeta, antes de passar á India, e comprehendia os premeiros seis Cantos do Poema. O secundo Ms. postoque alterado em partes por Manoel Correa Montenegro, de quem havia sido, sempre Manoel de Faria observou nelle o que vai apontado em seus lugares. Veja-se o mesmo Far. na vida do P. ao princ. da Lusiada.

os mais relevantes serviços a esta C(
no-làs deo impressas, naquelles lu
seus Commentarios a que respect
pertenciam, onde sómente existem,
outro algum Editor até ao presente fi:
dellas. Naõ deixamos com tudo de re(
que em algumas dessas Estancias re
pelo Poeta, se acham cousas mais
por isso mesmo menos relevantes,
veis, como producções da primeira i
qual tendo Luis de Camões meditac
do seu Poema, consta que compu
tos trossos delle: porém essas mesm
zas, além de ficarem assas compens
muitos lances verdadeiramente Poet
ahi mesmo se encontram, sendo a
prezadas pelo nosso Poeta, nos s(
documento, e nos advertem o como
mais maduros, e provectos, devem
pelos vicios da imaginaçaõ juvenil.
lidade, e esta prudencia de se em(
mesmo naõ se acha certamente em
por isso a cada passo encontramos

Authores cousas que despertam o riso, e claramente mostram que tiveram origem em imaginaçaõ pueril, ou desconcertada. Damos tambem as Lições várias, observadas nos mesmos Manuscriptos pelo mesmo Faria; e imitamos nisto a cuidadosa diligencia daquelles, que, occupando-se em publicar o melhor que se escreveo na antiga, e moderna Roma, fizeram caso naõ só dessas mesmas Lições várias, achadas nos Manuscriptos; mas ainda dos fragmentos dos mesmos Authores. Ficamos por tanto com a gloria, e com huma total certeza, de que para o futuro, podendo fazer-se Impressões mais magnificas, e pomposas das Obras do nosso Poeta, todavia se naõ faraõ, nem mais certas, nem mais completas do que a presente, em quanto ao que elle escreveo.

5. Tambem julgámos senaõ deviam omittir as dez Estancias de Joaõ Franco Barreto, que servem de declarar o argumento de cada hum dos dez Cantos do Poema; conservando juntamente o Index dos nomes proprios, com-

posto pello mesmo Barreto, e tantas vezes impresso com a acceitaçaõ dos Eruditos.

6. Tudo isto fizemos por nos mostrarmos gratos á memoria de hum homem como Luis de Camões, verdadeiramente digno do nome de Portuguez, e que nas Hespanhas, sendo o primeiro que abrio caminho á Poesia Epica, chegou por elle onde, ainda fazendo os ultimos esforços, naõ pudéram chegar os que depois se lhe seguíram. Faz hum Douto a reflexaõ, de que Homero, e Virgilio, achâram os seus Idiomas em hum mui alto gráo de perfeiçaõ, a que os havia levado hum grande número de Poetas seus antecessores; o mesmo succedèra tambem ao Tasso na Italia: porém que antes de Luis de Camões, ninguem havia achado em Portuguez belleza alguma, ou elegancia Poetica. Que elle fora o primeiro, que reconhecendo nos Escriptores Gregos, e Latinos, o ornamento do dizer, e a gala da locuçaõ; e ponderando quanto deve ser engenhosa a invençaõ Poetica, e quaõ prudente *a disposiçaõ*; quanta variedade de cores

deva haver na phrase, e de quanta ficçaõ deva ser adornado hum Poema; de quanta e quaõ varia doutrina semeado; tantára com feliz auspicio passar tudo isto á nossa Lingua, e o conseguira. E na verdade, que quem attentamente reparar na propriedade com que o nosso Poeta se accõmoda, e transforma no caracter daquellas pessoas que introduz a fallar, pasmará. He notavel a magestade, e o respeito que respiram as palavras de Jupiter no Concilio do Canto primeiro. A cólera com que descreve a Marte alli mesmo. A ternura e melindres com que pinta a Venus lastimada, diante de Jupiter, no Canto II., pedindo-lhe soccorro, e favor para os navegantes. Nos Cantos III., IV., e VIII. o ardor, bravosidade, e destimideza nas acções, e façanhas militares de tantos Capitães famosos; e outra vez no Canto III. a belleza, e a innocencia de D. Ignez de Castro exposta á tyrannia, e á crueldade, que lhe deo a morte. No Canto IV. saõ notaveis as despedidas na praia de Belem; e naõ se achará *coraçaõ* humano, por mais

obstinado que seja na dureza, e na impiedade, que lendo estas duas passagens se naõ enterneça e mova a lagrimas. Parece impossivel, que o mesmo espirito que descreveo a cólera de hum D. Nuno Alvares Pereira, e o sanguinolento daquella batalha no Canto IV.; o desafio dos doze de Inglaterra no Canto VI., e no mesmo o furioso daquella tormenta, pudesse transformar-se nas ternuras que contém todo o Canto IX; e principalmente no amoroso Leonardo, para dizer á sua Nympha as altas, suaves, e finas expressões, que alli se lem. No Canto X., atê á Estancia 72., he notavel o furor bellico, de que este espirito outra vez se reveste, para pintar, e descrever o valor, façanhas, e as proezas de tantos Heroes Portuguezes na Asia.. O mesmo estrondo das armas, parece que está entrando pelos ouvidos; e que com os olhos estaõ vendo os ares toldados com o pó, e com o fumo: em humas partes se está representando que discorre o furor, e em outras que corre o mesmo sangue.

7 *Naõ obstante*, porém, toda esta serie de

bellezas Poeticas, e mais preceitos da Poesia Epica com exacçaõ observados, naõ faltáram em todos os tempos, assim dentro, como fóra do Reino, zoilos ladradores, que pertendessem escurecer, e denegrir a bem merecida fama de Luis de Camões. Mas deixados por agora os de casa, a que pennas mais eruditas fiseram já emmudecer, sómente diremos alguma cousa sobre o que contra o nosso Poeta escreveo na França o famoso Voltaire. O zelo nos faz pugnar péla verdade, e (naõ obstante reconhecermos nossas poucas forças, que naõ fazemos vulto na Republica litteraria, e que somos o minimo dos Portuguezes) nos obriga a sahir a campo a defender o nosso Poeta, das atrózes calúmnias com que a falsidade, e a ignorancia deste Estrangeiro pertendeo ultrajálo. Foi Mr. de Voltaire hum homem summamente soberbo, cheio de vaidade, e que mal enfarinhado, ou para melhor dizer, com huma leve tintura das materias, e das Faculdades, orgulhosamente pertendeo no seu tempo passar pelo maior Critico, e por hum dos homens mais

eruditos da Europa. Mas, sem sahirmos da Poetica, conhecemos a summa ignorancia com que atrevidamente fallava nas cousas. Elle intentou fazer hum juizo dos melhores Poetas das outras Nações; porém por falta de intelligencia dos Idiomas, nem ainda o que achou escripto a este respeito soube trasladar. Tratando do Homero, e Virgilio, e podendo dizer muito destes dous Poetas, (ainda sem entender as Linguas Grega, e Latina) elle se contentou com duas cousinhas, e esssas bem pequeninas. Falla em Poetas Hespanhoes, e entre elles, havendo alli outros iguaes, ou talvez melhores, trata com especialidade de Alonso de Ercilla na sua Araucana: e para ostentar que sabia aquella Lingua, pondéra huma breve passagem deste Author, na verdade muito mal, e como quem totalmente o naõ entendia, ou naõ havia lido. Meteo-se a fallar dos Poetas Italianos, e o que dahi tirou, foi o que logo veremos, no que lhe respondeo entre outros o verdadeiramente erudito Joseph *Baretti*, na sua *Frusta Letteraria*. Chega final-

a Portugal, e a Luis de Camões, e
onde brilhou em toda a sua extensaõ
tanismo do grande Voltaire. Transcre-
; huma ou outra passagem sua, e pore-
face do Mundo o como acertava no
ivia este façanhoso Erudito dos nossos
Diz que o (Camões (*), sendo de hu-
ga familia Portugueza, nascêra na Hes-
nos ultimos annos do célebre Reinado
; Catholicos Dom Fernando, e Dona
tempo em que Dom Joaõ o segundo
em Portugal). Ora vamos ajustando
ntas com alguma miudeza, e com
agar. Em quanto (a Camões ser de
itigua familia Portugueza) nisso esta-
orque nisso mesmo concordam todos
ptores da sua vida: em quanto ao mais
ainha Catholica Dona Isabel, segundo

Camouens, d'une ancienne famille Portu-
aquit en Espagne dans les dernières années
e célèbre de Ferdinand et d'Isabelle, tandis
n second régnait en Portugal. »

Garibay na Historia de Hespanha, liv. 19., cap 16., morreo em Medina del Campo à 25. de Novembro 1504: seu Marido, ElRei Dom Fernando o Catholico, conforme diz o mesmo Garibay, no tom. 2., liv. 20., cap. 23.; Quintana, nas grandezas de Madrid, fol. 325., Sousa, Histor. Genealogica, tom. 2., pag. 163. e 164.; Fuente, no Diario Historico, tom. 10., pag. 119., morreo na Villa de Madrigalejo à 23. de Janeiro de 1516. O nosso Rei Dom. Joaõ o II. concordemente dizem os nossos Historiadores, que morreo na Villa de Alvor a 25. de Outubro de 1495. Todos os Escriptores da vida de Luis de Camões, que saõ; Pedro de Mariz, Manoel Severim de Faria, Manoel de Faria e Sousa, Gaspar de Faria Severim, o Abbade Diogo Barbosa Machado, e outros, o daõ nascido no anno de 1524. Logo com que verdade diz o charlatam Voltaire que (nacéra na Hespanha, nos ultimos annos do Reinado dos Reis Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel, tempo em que Dom Joaõ o II. reinava em Portugal?) O dizer que (nacéra na Hespa-

nha) tambem he falso; porque dos mesmos Escriptores consta, que ao certo vio a luz do Mundo em Portugal. Duvidáram alguns se foi em Santarem, Coimbra, ou Lisboa; mas ultimamente Manoel de Faria e Sousa, naõ deixando lugar a dúvidas, e fundado em documentos dignos de toda fé, assenta que foi em Lisboa.

8 Continúa o mesmo Voltaire, e diz: que (despois (*) da morte d'ElRei Dom Joaõ o II. viera á Corte de Lisboa, no primeiro anno do Reinado d'ElRei Dom Manoel.) Pessimo Chronologo. ElRei Dom Manoel principiou a reinar em 1495., e deixou de viver em 1521.; e sendo isto assim, como podia Camões, que nasceo no anno de 1524, vir a Lisboa *no primeiro anno do Reinado d'ElRei Dom Manoel?*

9 Diz mais: que (**) *ElRei Dom Manoel,*

(*) « Après la mort de Jean il vint à la Cour de « Lisbonne la première année du règne d'Emmanuel. »

(**) « Emmanuel, déterminé à suivre le projet qui « avait échoué tant de fois de s'ouvrir une route aux « Indes Orientales par l'Océan, fit partir en 1497

determinado a seguir o projecto, que tantas vezes se tinha mal-logrado de abrir hum caminho pelo Oceano ás Indias Orientaes, fez partir em 1497. a Vasco da Gama, com huma Armada para esta famosa empreza, (entrepresa lhe chama, sem nenhuma propriedade) *que era reputada como temeraria, e impraticavel, so porque era nova.*

10 Tudo isto aqui se acha confundido: *o projecto* do descobrimento da India, naõ foi *tantas vezes mal-logrado:* cometteo-se a Vasco da Gama em 1497., e Vasco da Gama deo conta delle. Das expedições que houve antes desta, nenhuma *se mal-logrou;* todas se empregáram nos descobrimentos da Costa de Africa, que eram os fins a que se dirigiam. Repare-se hum pouco no modo de discorrer deste impostor: diz que a empreza *era reputada por temeraria, e impraticavel, só*

« Vasco da Gama avec une flotte pour cette fameuse « entreprise, qui était regardée comme téméraire et « *impraticable*, parce qu'elle était nouvelle. »

ue era nova : o ser *nova* he que a fazia re-
r *por temeraria, e impraticavel :* e qual
a empreza, ou projecto, que nos seus
cipios seja velho? Aqui he *empreza nova ;*
ıma he *empreza tantas vezes mallograda.*
bella coherencia! E he o famozo Criticaõ,
nos diz, que nos Episodios do Poema de
ıões, naõ ha nexo com o assumpto prin-
l.

Vai por diante, e diz: (que o (*) Gama,
que tiveram o atrevimento de se embar-
com elle, passáram por insensatos, por-
muito por sua vontade se sacrificáram.
todos a huma voz clamavam contra o
; e que Lisboa toda, vio partir com indi-

) « Gama et ceux qui eurent la hardiesse de s'em-
rquer avec lui, passèrent pour des insensés qui se
rifiaient de gaîté de cœur. Ce n'était qu'un cri
ns la ville contre le Roi : toût Lisbonne vit partir
ec indignation et avec larmes ces Aventuriers, et
pleura comme morts : cependant l'entreprise
ıssit et fut le premier fondement du commerce que
Europe fait aujourd'hui avec les Indes par l'Océan. »

gnaçaõ, et com lagrimas, estes Aventureiros, e os chorou como mortos:) concluindo, (que a empreza teve bom successo, e que foi o primeiro fundamento do comercio, que a Europa faz hoje com as Indias pelo Oceano.

12 Naõ ha embusteiro igual : exceptuado o ultimo periodo acima, tudo o que se contém nos demais, he taõ falso, como seu Author. Tanto naõ passáram por insensatos, que o maior Chronista d'ElRei D. Manoel, Damiaõ de Goes, na Chronica do Principe Dom Joaõ, cap. 6., m. fol. 4. fallando destes descobrimentos, e da navegaçaõ da carreira da India pelo Oceano, a que entaõ se dava principio, diz : « Das quaes navegações admiraçaõ foi « entaõ tamanha, que por esse respeito vie- « ram a estes Regnos muitos homẽes letrados, « e curiosos; dos quaes hũus vinhaõ com ten- « çaõ de ir ver estas terras, provincias, e « novos costumes dos habitadores dellas; ou « para tambem ajudarem a descobrir outras « com esperança do proveito, que se lhes « disso podia seguir : outros vinhaõ sómente

« para verem has cousas, que destas novas
« provincias hos nossos traziaõ; ou para scre-
« verem o que ouviaõ da quelles que das taes
« navegaçaõs tornavaõ; por cuja industria,
« e stylo se divulgavaõ entaõ pelo Mundo hos
« casos, e acontecimentos spantosos, com que
« se çada dia ha nossa Naçao Portugueza en-
« contrava: ho que estes hòmẽes estrangeiros
« faziaõ, ou de suas proprias vontades, ou man-
« dados de Cidades, Respublicas, e Principes,
« desejosos de saberem, ha certeza de taman-
« has novidades- »

13 Por concordar em tudo com Damiaõ de Goes, e por serem summamente raras as Obras do nosso insigne Mathematico Pedro Nunes, em obsequio aos curiosos da Historia Portugueza, daremos aqui o exordio do seu Tratado em defensaõ da Carta de marear, no qual diz assim, fallando das navegações dos Portuguezes, e particularmente desta empreza, á qual a eloquencia do Bispo Hieronymo Osorio (*)

(*) Emmanuel negotium magnitudine clarum, sim-

li-

chama, pela sua vastidaõ, famosa, e digna de eterna gloria. « Naõ ha dúvida (*diz Pedro*

---

piternaque glòria dignum suscepit. Osor. de Reb. Gest. Emman. lib. 1. m. p. 21.

Muitos outros Authores Nacionaes, e ainda Estrangeiros, se podiam ajuntar aos referidos; porém só faremos memoria de Duarte Nunes do Leaõ, no seu Tratado *de vera Regum Portugaliæ Genealogia*, fol. 36. « Fuit Emmanuel inter felicissimos totius Or-
« bis Principes numerandus...... Orientis portas pri-
« mus aperuit, et multa majoribus nostris incognita
« manifestavit. Ætiopiæ, Indiæ et Persidis partem non
« minimam, Malacam, Molucos, Brasiliam, e innu-
« meras Oceani Insulas, antea non repertas, ex qui-
« bus magnas habuit utilitates, Imperio suo adjecit.
« Multos Reges subegit; et tanto maris, et terræ spa-
« tio dissitus tributarios, et vectigales reddidit; mul-
« tos in clientelam, et amicitiam suscepit. Babyloniæ
« Regis classes superavit...... Maximas auri, argenti,
« lapillorum, margaritarum, aromatum, et aliarum
« Orientalium mercium divitias in Portugaliam invexit.

« Tanta vis auri suo tempore fuit, ut prætia rerum
« mallent multi argento, ut ære, quam auro puro
« puto solvi, quod difficilis ejus esset permutatio. »

« *Nunes*) que as navegações deste Reino, de
« cem annos a esta parte, saõ as mayores:
« mais maravilhosas: de mais altas: e mais dis-
» cretas conjeyturas, que as de nenhuma ou-
« tra gente do mundo. Os Portugueze ousa-
« raõ cometer o grande mar Oceano: entraraõ
« por elle sem nenhum receo: descobriraõ
« novas ylhas, novas terras, novos mares, no-
« vos povos: e o que mais he: novo ceo: e
« novas estrellas. e perderaõ-lhe tanto o medo:
« que nem a quentura da torrada Zona: nem
« o descompassado frio da extrema parte do
« Sul: com que os antigos Escriptores nos
« ameaçavaõ, lhes pòde estorvar: que per-
« dendo a estrella do Norte, e tornandoa a
« cobrar: descobrindo, e passando o temeroso
« Cabo de Boa esperança: o mar de Ethiopia:
« de Arabia: de Persia: podéraõ chegar á In-
« dia. Passáraõ o rio Ganges tam nomeado: a
« grande Taprobana; e as ylhas mais Orien-
« taes. Tiraraõnos muitas ignorancias: e amos-
« traraõnos ser a terra mór que o mar: e aver
« hi Antipodas: que até os Santos duvidáraõ:

« e que naõ ha regiaõ : que nem por quente,
« nem por fria se deixe de abitar (*). E que
« em hum mesmo clima, e igual distancia da
« Equinoxial, há homẽes brancos, e pretos :

(*) Joaõ Manardo, famoso Medico de Ferrara, nas suas Epistolas Medicas, que imprimio em Leaõ de França no anno de 1549., pag. 107., para provar contra Aristoteles, e Averroes, que as terras que jazem debaixo de linha Equinoxial eram habitadas, se val destes mesmos descobrimentos dos Portuguezes, por palavras : « Siquidem Lusitanorum in extremo Occi-
« dente habitantium hominum, per Occeanum Atlan-
« ticum, ad Austrum primo, deinde ad Orientem navi-
« gatio clarè nos docuit, sub Æquatore, diversis in
« locis, in quibus nec mare, nec alia res impedit, varias
« gentes habitare. Quod siquis credere non vult, plus
« Aristotelis auctoritati tribuens, et Averrois Cordu-
« bensis, quam apertæ veritati plurimorum fide dig-
« nissimorumque virorum testimonio, qui ad ea loca
« navigarunt, approbatæ, cum eo certe non esset alio
« modo disputandum, quàm eo quo cum negantibus
» ignem esse calidum disputat Aristoteles : ut scilicet
« cogeretur cum Astrolabio stylo et abaco illuc navi-
« gare, rem ipsam exploraturus. »

« e de muy differentes calidades. E fezeraõ o « mar tam cham: que naõ há quem hoje ouse « dizer, que achasse nouamente alguma pe- « quena ylha: algũus baixos: ou sequer algum « penedo: que per nossas navegações naõ seja « já descoberto. » Eisaqui como os Portuguezes « passáram por insensatos »; e eis-aqui tambem as erudições, e as críticas (antes ignorancias malevolas) do famoso Voltaire.

14 Naõ duvidamos com tudo, que esse projecto do descobrimento da India, assim como todas as emprezas grandes, padecesse suas contradicções; porém naõ as padeceo certamente pelo principio que Voltaire entendeo: enganou-se nesta parte, como ignorante, naõ só da Lingua, se naõ tambem da Historia Portugueza. Outros mui differentes foram os fundamentos (que nos naõ he necessario por ora expender) que deram occasiõ a essa controversia, e diversidade de votos. Naõ duvidamos tambem, que no embarque, e despedida daquelles segundos Argonautas interviessem lagrimas; assim nos que ficavam, como em

alguns dos que hiam; porém este sentimento, sendo como era, de pura saudade, nada diminuia da grandeza daquella acçaõ, nem tam pouco do gosto, e contentamento, com que geralmente todos para ella concorriam. Os que saõ vistos nas nossas cousas, sabem que naõ houve aqui constrangimento, ou violencia. O mesmo Poeta, por quem, annos depois, passáram esta saudade, e estas lagrimas, confirmará esta verdade, pois fallando no Canto X., Estancia 147., com ElRei Dom Sebastiam, e representando - lhe com vivas expressões o gosto, e o ardor marcial com que os seus vassallos se empregavam no serviço da Patria, e em adquirir novos dominios para a Coroa Portugueza, lhe diz assim:

Olhai que lédos vaõ por várias vias,
Quaes rompentes leões, e bravos touros;
Dando os corpos a fomes, e a vigias,
A ferro, a fogo, a séttas, e pelouros;
A quentes Regiões, a plagas frias,
A golpes de idolátras; e de Mouros;
A perigos incognitos do Mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo.

Por servir-vos a tudo apparelhados,
De vós taõ longe sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos, e contentes:
Só com saber que saõ de vos olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes,
Cometteraõ comvosco, e naõ duvido,
Que vencedor vos façam, naõ vencido.

Esta mesma alegria, e contentamento no serviço do seu Rei, se confirma tambem no Canto I., Estancia 51., quando, aportando o Gama em Moçambique, e perguntando aquelles Gentios aos Portuguezes, quem eram, e que mares haviam cortado, os mesmos Portuguezes respondêram:

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto;
Toda a Costa Africana rodeado;
Diversos Ceos, diversas terras visto.
De hum Rei potente somos taõ amado,
Taõ querido de todos, e bemquisto,
Que naõ no largo mar com léda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

No Canto IV., Estancia 84., fallando o mes
Gama com o Rei de Melinde, e dando-lhe c
ta das disposições, e alegria com que havi
sahido do porto de Lisboa, para aquella na
gaçaõ, lhe diz assim:

E já no porto da inclyta Ulysséa,
Co'hum alvoroço nobre, e co'hum desejo,
(Onde o licor mistura a branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naõs prestes estaõ: e naõ refrea
Temor nenhum o juvenil despejo.
Porque a gente maritima e a de Marte,
Estaõ para seguir-me a toda parte.

Póde tambem ver-se a este proposito a Est
cia 72., do Canto V., que naõ transcreve
por brevidade.

15 Vai por diante o amoso embrulha
Voltaire, e metendo-se novamente a Chron
de Luis de Camões, (gabo-lhe a bella dige
com que escreve) diz: (*) «Hum desejo vag

(*) « Un désir vague de voyager et de faire fort
« et l'éclat que faisaient à Lisbonne ses galant

« viajar e de fazer fortuna: e o ruído que faziam
« em Lisboa as suas galantarias indiscretas: o
« seu descontentamento da Corte: e princi-
« palmente a curiosidade, inseparavel de
« huma grande imaginaçaõ, o arrancáram
« da sua patria. » Eis-aqui o que em Portu-
guez corrente se chama andar as apalpadel-
las. Desta sorte bem podia continuar com o
aranzel, e dizer que tinha ido por conversar
com o Preste Joaõ; persuadido pelos amigos;
porque seu pai o mandára, etc. Em fim, naõ
ha aqui achar cousa certa.

16 Prosegue a ignorancia, e diz: (*) « ao
« principio servio como voluntario em huma
« nao, e perdeo hum dos olhos, em hum com-
« bate naval. Os Portuguezes tinham já neste

« indiscretes, ses mécontentemens de la Cour, et sur-
« tout cette curiosité assez inséparable d'une grande
« imagination, l'arrachèrent à sa patrie. »

(*) « Il servit d'abord volontaire sur un vaisseau,
« et il perdit un œil dans un combat de mer. Les Por-
« tugais avaient déja un vice-roi dans les Indes, etc. »

« tempo hum Vice-Rei nas Indias, etc. » N
confusaõ: esta perda do olho, este comb
naval, naõ foram na India, foram em Ceu
cá na Africa, do Estreito para dentro; on
primeiro que passasse á Asia, militou o Poe
no que concordam todos os Escriptores da
vida; que Monsieur de Voltaire naõ ent
deo (*). Tambem aqui diz, como de pas
gem, que o Poeta fora degradado da In
para a China, e que lá compuzera o seu P
ma; o que tambem se convence de falso, p
consta ao certo, que de Portugal o levára
composto, e que lá sómente accrescentára
gumas cousas.

17 Depois de todas estas ignorancias, pa

(*) A vaidade, a malevolencia, a calúmnia,
soberba, cegáram a Mr. de Voltaire, e por isso tal
naõ vio, no tom. 4., pag. 440., e seg. *do Jugem
des Savans*, do seu Compatriota Adriano Baillet,
ticias da vida, e acções do nosso Poeta, mais ver
deiras, e mais certas, do que aquellas que aqui
dá. Os curiosos as poderáõ ver, e combinar hur
com outras.

a traduzir em muito má prosa as primeiras quatro Estancias do Poema, onde diz cousas, que o Poeta nem disse, nem certamente sonhou dizer (*). Mete-se a fazer-lhe seus reparos, e a descobrir-lhe seus defeitos, e vem a cahir nas mesmas ridiculas accusações, em que já outros se occupáram, e cahíram. Naõ necessita o nosso Poeta de novas Apologias em sua defensa; assaz se tem escripto na materia: mas ainda assim, sempre de passagem responderemos a algumas cousas. Diz que o Camões dera companheiros a Vasco da Gama, Heroe do seu Poema: como se Enéas os naõ tivera

(*) Mostrou-se taõ insolente a ignorancia de Voltaire nesta traducçaõ, que até os Criticos Estrangeiros se escandalizáram, chegando a publicar hum delles, que: « La poca fedeltá di Voltaire nel tradurre un « passo tratto dal l'Araucana d'Ercilla, e l'invocazione « alle Nimfe del Tago da esso fatta di propria invenzione, e quindi supposta a Camões, mi sono, come « dissi giá convincentissime prove, che'egli entende lo « Spagnuolo, e il Portoghese, quanto gli elefanti del « Gran Mogollo. » Frust. Letter. pag. 121., col. 2.

em Virgilio, e Achilles em Homero! Diz c
o Camões cantára os Barões assignalados
nós dizemos que cantou

.... O peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedecêram.

He digno de ver-se a este proposito dos co
panheiros do Heroe no Poema Epico, o ju
cioso Muratori, na sua Perfeita Poesia I
liana, livro 2., cap. 13., defendendo a T
quato Tasso, accusado tambem nesta pa
pela taõ injusta, quanto ignorante critica
Renato Rapin (*). Pro brevidade, e porc

(*) Deste mesmo Rapin ha tambem na Lingua Fr
ceza cértos reparos criticos sobre o Poema de I
de Camões, dos quaes fazendo mençaõ, e rind
Adriano Baillet, conclue: « Non obstant tous
« défauts, il est bon de savoir que le Public
« obstiné à demeurer dans l'estime et dans l'am
« qu'il a témoigné pour le Poëme des Lusiades. C
« ce qui l'a fait passer très souvent par la presse
« imprimeurs. C'est ce qui l'a fait aussi tourne
« plusieurs langues, etc.» Jugement des Savans, ton

estes livros andam nas mãos de todos, naõ transcrevemos o lugar, ou os lugares. Diz mais o famoso Voltaire: que o Camões metêra no Poema a Historia de Portugal : suppomos que queria que fosse buscar huns Episodios á Tartaria, ou semelhantes aos de que usou Cervantes no seu D. Quixote. Diz que introduzira os deoses da Gentilidade : visto mostrar-se taõ escrupuloso, bem podia acabar com os seus Francezes, que dessem principio a deitar fóra da Astronomia esses mesmos deoses fabulosos; pois naõ sabemos que haja mais razaõ para se conservarem nesta, do que para se estranharem tanto no ornamento da Poesia. Falla tambem na Ilha de Anchediva : ficçaõ que certamente mereceo o applauso dos Sabios : e sobre tudo o que mais o espantou,

---

pag. 442. He o mais principal dos taes reparos de Rapin, que o Camões he escuro nas suas composições, e que os seus versos saõ totalmente mysteriosos. E poderá, quem assim entende a Lingua Portugueza, fazer reparos nas Obras de Luis de Camões?

i.

foi perguntar o Gama ao Rei de Melinde, se as navegações de Enéas, ou Ulysses, tinham comparaçaõ com a sua. *Como se hum barbaro* (*) *Africano* (exclama) *das Costas de Zanguebar, soubesse quem fora o seu Homero, ou o seu Virgilio!* Naõ ha Crítico mais espantadiço do que este. Como se a instrucçaõ de hum Rei se deva regular pela rudeza, e barbaridade dos vassallos: como se fosse necessario ler *o seu Homero, ou o seu Virgilio*, para ter noticia das navegações de Enéas, e Ulysses: como se naquelle caso, para o Rei de Melinde fazer conceito das navegações daquelles dous Heroes, naõ bastasse sómente a pergunta do mesmo Gama, e fosse necessario que tivesse lido dellas alguma cousa. Como, finalmente, se o mesmo Camões na Estancia CXI. do Canto II. com muita advertancia, naõ prevenira e precavêra antes este reparo, fazendo dizer ao mesmo Rei que fallava com o Gama:

(*) « Comme si un barbare Africain des côtes de « Zanguebar savait son Homère et son Virgile! »

Naõ tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem taõ rudo peito,
Que naõ estimem muito hum grande feito.

Leam-se tambem as duas Estancias seguintes, e pondere-se, se a hum Rei que assim se pinta e descreve instruido, he cousa impropria perguntar-se-lhe pelas navegações de Enéas, e Ulysses.

18 Desta casta saõ os reparos deste grande Critico, que intentando sahir a público com huma Obra que ficasse no Mundo servindo, como de norma para os Poemas Epicos, publicou a sua *Henriade*, a qual na estimaçaõ dos doutos, e intelligentes da Poetica, a bom livrar, e a fazerem-lhe muito favor, nenhuma outra cousa he, se naõ huma simples e arida relaçaõ, acompanhada do *tim tim*, e *tom tom* dos consoantes; ou, para melhor dizer, huma Gazeta rhythmada. Sobre tudo o que fica dito, se Voltaire nota como erro ou defeito o fallar « Vasco da Gama nas navegações de Enéas, « e Ulysses ao Rei de Melinde, porque era hum

« barbaro Africano, e naõ havia lido o s
« Homero, ou o seu Virgilio; » estamos r
mesmos termos; e pela mesma regra deve r
tar tambem em Virgilio, no livro 3. da Enei(
huma larga, e miuda relaçaõ, que da sua d
rota faz Enéas a Dido: relaçaõ tal, e taõ c
cumstanciada, que quando pouco, para b
entendê-la, sería necessario entre outras c
sas, que aquella Princeza Africana tivesse l
ma completa instrucçaõ da Geographia, e
tudo o que diz respeito a esta parte da Matl
matica. Mas esta regra de Voltaire he taõ fal
e fallivel, como todos as suas, as quaes n
guem de são entendimento deve seguir, ou
por seguras.

19. Sería hum nunca acabar se nos eng
fassemos nas casquilhas, futilidades, e ridi
larias deste nugivendulo; e assim, para q
os nossos Leitores se desenganem, e faç
hum verdadeiro conceito de quanto este ch
latam podia ser juiz competente para com
Poetas das outras Nações, bastará que c
cluamos com o que sobre elle, e em defe

dos Poetas Italianos, escreveo o Erudito Author da Frusta Letteraria, pag. 115. « Ho detto « che Voltaire non sa un'acca della Lingua « nostra, e non l'ho detto per esagerare come « un vero Italiano istizzito contro uno Stra- « niero que cerca torne l'onor nostro; ma l'ho « detto per dire la pura verità. I suoi molti « giudizj sopra gli Autori nostri, e il picciol « numero de' nostri Poeti e Prosatori ch' egli « nomina quando parla dell' Italico sapere, « dovrebbon essere una prova quasi bastevole « del pocco, anzi del nulla ch' egli intende « della nostra Lingua, considerando la perpe- « tua smania ch' egli ha di parlare di tuti gli « Autori forestieri; ma non contentandomi di « questo argomento, que non è forte e convin- « cente abbastanza, referirò quì un passo di « Dante da lui tradotto. Confrontate, Italiani « Leggitori che intendete bene il Francese, « la sua truffaldinesca Traduzione col grave « Originale, e poi ditemi se chi traduce in « questo modo, intende la Lingua che tra- « duce

ORIGINALE DI DANTE.

Mentre ch' io forma fui d'ossa e di polpe
Che la Madre mi die, l'opere mie
Non furon leonine, ma di volpe.
Gli accorgimenti, e le coperte vie
I' seppi tutte, e sì menai lor arte,
Che al fine della Terra il suono uscie.
Quand' io mi vidi giunto in quella parte
Di mia età, dove ciascun dovrebbe
Calar le vele, e raccoglier le sarte,
Ciò che pria mi piaceva allor m'increbbe,
E pentuto, e confesso mi rendei :
Ahi miser lasso, e giovato sarebbe!

TRADUZIONE DI VOLTAIRE.

.... Quand j'étais sur la Terre
Vers Rimini je fis long-tems la guerre
Moins, je l'avoue, en héros qu'en fripon :
L'art de fourber me fit un grand renom:
Mais quand mon chef eut porté poil grison,
Tems de retraite, où convient la sagesse,
Le repentir vint ronger ma vieillesse,
Et j'eus recours à la confession.
Oh repentir tardif et peu durable!

« E sarà premesso a chi traduce l'Italiano in « questo mode, di giudicare della Lingua Ita- » liana? Molte altre prove, oltre a questa in« « negabile, potrei quì addurre per mostrare « l'ignoranza di Voltaire sul fatto della Lingua « nostra, e per conseguenza la brutta impos- « tura de suoi giudizi sú tal particolare; ma « troppo bisognerebbe estendermi; onde me « lo serberò per qual ch' altra occasione. »

20. Poucos periodos abaixo acrescenta: « E « potrei anche dire, qne Voltaire pizzica di « matto quando parla di Milton, d'Ercilla, e « di Camões; e que aquesto Camões, Poeta « Epico Portoghese, suppose sfrontatamente « un Passo che non ha nella sua Lusiada, per « deprimere con una bugiarda asserzione un « Poeta Inglese, chiamato Derham. »

21. Depois das maledicencias, e calumniosas accusações do célebre impostor Voltaire, parece que pedia a razaõ, e a justiça, que com claros testimunhos, sólidos, e verdadeiros documentos, largamente patenteassemos a estimaçaõ, e o apreço, em que sempre se

conserváram no Mundo Litterario as Obras do nosso Poeta; porém este Discurso passaria de Prologo a livro, se nos metessemos a seguir esta derrota, e a repetir os louvores, e os applausos, que lhes tributáram Homens insignes. Aos Authores que escrevêram a vida do mesmo Luis de Camões, dos quaes acima fizèmos mençaõ; e especialmente ao Erudito Abbade Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, podem recorrer os que nesta parte desejarem mais extensas e copiosas noticias. Por agora só faremos memoria de hum, ou outro daquelles Escriptores, de que ninguem atéqui se lembrou; os quaes como tivessem as condições necessarias, souberam verdadeiramente avaliar o incomparavel merecimento de Luis de Camões em materia de Poesia. Seja o primeiro o insigne Francisco Leitaõ Ferreira, Academico da Academia dos Arcades de Roma; da Portugueza, que foi instituida no Palacio do Conde da Ericeira; da dos Anonymos; e ultimamente do número da Real da Historia Portugueza. Os dous to-

tos da Arte de conceitos deste doutissimo
Escriptor saõ hum indelevel testimunho, e
naõ hum eterno elogio do merecimento de
Luis de Camões. Nas Obras deste judicioso
Poeta achou a delicadeza do entendimento
daquelle Sabio, huma immensidade de lugares, os mais adequados, e concludentes,
para comprovar, e exemplificar as suas asserções em toda a sorte de conceito; ou, como
elle se explica, em todo o *caracter de dizer.*
Saõ dignas dos Estudiosos as reflexões que este
engenhoso cultor do Parnaso, faz sobre muitos lugares do Poema, e Rhytmas; e com especialidade as que se acham na liçaõ trigesima,
§ 2., num. 16., pag. 144., ponderando o vivo
retrato, que no Canto V., Estancia 39.,
fez Luis de Camões, do Gigante Adamastor.

22. O Erudito, e célebre Hespanhol Francisco de Cascales, nas suas *Tablas Poeticas*,
impressas em Murcia no anno de 1617., Obra
em que mostrou os abalizados estudos que
possuia nesta divina Arte, tambem se diffundio

nos maiores elogios, e louvores do nosso Poeta; já appellidando-o o divino Camões, já o incomparavel Camões.

23. O nosso João Franco Barretto, Philologo notavel do seculo passado tambem mostrou ao Mundo o quanto estimava a Luis de Camões no seu Poema, compondo-lhe o Index de todos os nomes proprios, com a declaração dos mesmos, e (o que certamente se não faria, sem hum grande estudo na mesma Obra) reduzindo-lhe o conteúdo em cada hum dos dez Cantos aos admiraveis argumentos, que em oitava rhythma compoz, e repetidas vezes se tem impresso. Mas parecendo isto muito, não parou aqui, nem se contentou só com estas demonstrações o ardente affecto deste Author; ainda passou a maior excesso; porque sabendo que alguns malevolos, e ignorantes, com atrevida critica, haviam escripto contra certa passagem do Poema escreveo hum « Dis« curso Apologetico sobre a visaõ do Indo, e « Ganges, introduzida com excellente Proso« popéia, pelo insigne e heroico Poeta Luis

a de Camões, no Canto IV. da sua Lusidada, » que era o lugar censurado. Entre algumas Obras manuscriptas, que de Joaõ Franco Barreto conservava certo curioso, tivemos o gosto de ver este Discurso, no qual se admirava, naõ sómente a vastidaõ dos estudos Poeticos; mas huma ampla comprehensaõ.

24. Naõ passaremos em silencio Fernando Alvares do Oriente, contemporaneo de Luis de Camões, e Joaõ Soares de Brito, Abbade da Igreja de Sant-Iago D'antas: o primeiro glossando muitos versos do nosso Poeta, na sua engenhosa Obra da *Lusitania Transformada*, impressa em Lisboa no anno 1607; e o segundo defendendo-o em huma doutissima *Apologia* dos reparos, e das calúmnias, com que hum Crítico do seu tempo pertendeo insultálo, no Canto IV. do Poema, desde a Estancia 67., até á 75.; e na Estancia 21. do Canto II. Naõ declara Joaõ Soares de Brito em toda aquella *Apologia* quem fosse este Zoilo mordedor; porém de Joao Franco Barreto, na sua *Orthographia da Lingua Portugueza*, pag. 208., e

209., consta que fora hum certo Causidico, chamado Manoel Pires de Almeida.

25 Mas para cabalmente capacitarmos os nossos Leitores, da estimaçaõ, e do conceito, que da Lusiada de Luis de Camões fazia Joaõ Soares de Brito, naõ lhe podemos dar testimunho mais claro, que o que este Author deixou escriptó no seu *Theatrum Lusitaniæ Litterarium,* livro que naõ vio a luz pública, e cujo original (de que só huma cópia se extrahio) se conserva na Livraria d'El Rei Christianissimo. E porque este juizo que Joaõ Soares fez de Luis de Camões, e do seu Poema, se conserve melhor na posteridade, e nada perca da sua energía na nossa traducçaõ, o daremos a ler na mesma elegancia Latina em que foi composto, como se segue: « De celeberrimo au-
« tem ejus (CamonI) Lusiadum Poemate Epi-
« co, in quo Indicam Lusitanorum expeditio-
« nem, sub auspiciis Emmanuelis Regis ad sy-
« dera usque evexit, sic statuimus : divinum
« illud esse opus, sive fabulam, et mores, sive
« sententiam, et dictionem spectes. Actionem

« vero suis distinctam partibus, et episodiis, op-
« timo principio, congruenti medio, et aptis-
« simo fine constare; neque aliquid in ea de-
« siderari, quod juxta Poeticæ Artis præcepta,
« ad veram, et perfectam Epopeiæ rationem
« requiratur. Tametsi vero scioli non defue-
« rint, qui Camonl scripta morsibus, seu po-
« tius latratibus impetierint; tamen Viri egre-
« gii defenderunt: et Nos, edita Olisipone Apo-
« logia, ab omni erroris, aut minimi lapsûs
« nota, pro temporis, ac virium mensura vin-
« dicavimus, haud passi inultam tanti Viri er-
« rare umbram. »

26 Deste mesmo parecer de Joaõ Soares de Brito foi tambem o douto André Nunes da Sylva, bem conhecido entre os Litteratos pelos seus escriptos Poeticos: existem disto evidentes provas, em huma larga, e erudita Liçaõ Academica, sobre o Poema de Luis de Camões, a qual com outras Obras do mesmo André Nunes, se conserva manuscripta na Livraria dos Padres Theatinos desta Corte, e em poder de alguns curiosos.

k.

27 A este mesmo proposito de reconhecer o incomparavel merecimento de Luis de Camões, em materia de Poetica, puderamos apontar outros muitos Escriptores, Varões insignes, e doutissimos, dos quaes, nem o Abbade Diogo Barbosa Machado, Erudito investigador de antiguidades, nem algum outro Escriptor da vida do Poeta faz mençaõ; porém attendemos á brevidade a que vamos cingidos. Naõ passaremos com tudo adiante, sem nos lembrarmos das multiplicadas traducções, com que, cada huma no seu Idioma, as mais polidas Nações da Europa intentáram possuir este Poema, em toda a sua energía. Principiando, pois, da Lingua Latina, quatro traducções tem apparecido do Poema neste Idioma : a do Illustrissimo Bispo de Targa D. Fr. Thomé de Faria, que se imprimio em Lisboa no anno de 1621. : a de André Baiaõ, Portuguez, natural de Goa, donde, passando á Europa, e a Roma, foi ahi mesmo Mestre de Rhetorica no Collegio dos Gregos, cujo original se conserva na Bibliotheca Romana : a de Antonio Mendes,

'resbytero secular, e insigne Grammatico do
eu tempo, de que dá noticia Joaõ Franco Bar-
eto; e a que, por insinuaçaõ do Marquez de
Ɨiza, D. Vasco Luis da Gama, Embaixador
:xtraordinario á Corte de Paris, e quinto Neto
lo Heroe, que foi assumpto do Poema, fez o
célebre Fr. Francisco de Santo Agostinho de
Macedo, que conservam manuscripta alguns
Eruditos, e de que vimos huma grande parte.
A'lém das versões referidas, que foram traba-
lhadas em verso, traduzio tambem este Poema
em elegantissima prosa Latina, na verdade
como intelligente dos mais profundos myste-
rios deste Idioma o douto Philippe Jeseph da
Gama, Academico da Academia Real da His-
toria Portugueza, e da dos Arcades de Roma:
e he para magoar, que hum trabalho de tanto
credito para o mesmo Poeta, e para seu Au-
thor, perecesse no incendio, que successivo
ao terremoto, abrazou huma grande parte de
Lisboa no anno de 1755., como elle mesmo nos
communicou por várias vezes. Houve tambem
cinco versões deste mesmo Poema na Lingua

Castelhana : a de Bento Caldeira, Portuguez, e assistente em Madrid, impressa em Alcalá, no anno de 1580. : a de Luis Gomes de Tapia, impressa em Salamanca, em 1580. : a de Henrique Garcez, tambem Portuguez, que se imprimio em Madrid em 1591. : a de Manoel Correa Montenegro, e a de Dom Francisco de Aguilar : estas duas ultimas, que naõ chegáram a imprimir-se, vio Manoel de Faria e Soussa, e dellas faz mençaõ, tanto na vida do Poeta, como em diversos lugares dos Commentarios ao Poema. Na Lingua Italiana acham-se duas traducções; huma feita pelo Genovez Carlos Antonio Paggi, e impressa em Lisboa no anno de 1658., em doze; e outra por hum Anonymo, e impressa em Turin no anno de 1772., tambem em doze. Por naõ fazermos avultar demasiadamente este escripto, deixamos de mostrar, com lugares de ambas estas versões, e do original, quanto em fidelidade a de Paggi excede a Anonyma, que nos seguram ser feita pelo Conde Laureanni, (benemerito aliás em outros estudos) que assistio por

algum tempo nesta Corte de Lisboa. A má escolha que este Cavalheiro teve no exemplar de que se servio para traduzir, deo tambem occasiaõ a que se enganasse em alguns lugares do Poema; para que acabe de se conhecer, quanto huma impressaõ errada he prejudicial na Republica Litteraria. Ha tambem na Lingua Franceza huma traducçaõ, illustrada com bastantes notas a cada hum dos dez Cantos, por Mr. Du Perron de Casterá, que sahio impressa em Paris no anno de 1735., em 3. tomos de 12 (*).

28. Na Lingua Ingleza foi tambem traduzido este Poema pelo Cavalheiro Ricardo Fanshaw, Enviado por ElRei de Inglaterra

(*) Desta Traducçaõ diz De Bure na sua Bibliographia: « Traduction assez estimée: elle est jusqu'à « présent la seule qui ait été publiée de ce fameux « Poëme. » No Jugement des Savans, tom. 4., pag. 442., da Ediçaõ de Paris de 1722., Adriano Baillet faz mençaõ de outra traducçaõ tambem na Lingua Franceza, feita por hum Anonymo, e pelos annos de 1612.

nesta Corte de Lisboa. Imprimio-se esta versaõ em Londres no anno de 1655., in fol. Modernamente sahio segunda vez traduzido em verso Inglez, pelo Cavalheiro Guilherme Julio Mickle, assistente, e graduado na Universidade de Oxford; o qual para vir no conhecimento das bellezas deste Poema, muito de proposito estudou a Lingua Portugueza. He notavel no asseio, e magnificencia, esta ediçaõ, que se fez em Londres, anno de 1776.; naõ deixando tambem de ser esta segunda versaõ de summo credito para Luis de Camões, pelo delicado gosto que hoje possue a Naçaõ Britannica em materia de Poetica. Naõ nos consta que haja versaõ deste Poema na Lingua Alemãa) porém sabemos ao certo, e o sabem os que saõ versados na Historia Litteraria daquella Naçaõ, que os Alemães respeitam seu Author: isto se vê claro na Bibliotheca de Menckenio, e em outros. A'vista, pois, de tantas e taõ diversas Nações, familiarizadas, pela liçaõ do seu Poema, com o nosso Poëta, bem parece que com igual (ou talvez mais)

razaõ, e justiça, podia Luis de Camões dizer o mesmo que de si vaticinou o Lyrico Latino na Ode XX. do Livro II.

Me Colchus, et, qui dissimulat metum
Marsæ cohortis, Dacus, et ultimi
Noscent Geloni: me peritus
Discet Iber, Rhodanique potor.

29. Em ultimo lugar daremos aqui hum abbreviado extracto, ou resumo do que se contem nos dez Cantos deste Poema, para que com mais facilidade se possa perceber, e admirar na sua contextura tudo quanto póde abranger a vastissima comprehensaõ de seu Author. He, pois, o seu assumpto principal o descobrimento da India, feito por Dom Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e por ordem do Senhor Rei Dom Manoel, de feliz memoria.

30. No Canto primeiro he notavel o concilio dos deoses; a magestade com que Jupiter alli falla; a cólera com que Marte se descreve; a opposiçaõ de Baccho, e a efficacia com que Venus

se interessa pelos Portuguezes. Contém além disto este Canto a chegada a Moçambique, onde aos nossos apparecêram algumas embarcações de Gentios, dos quaes o Poeta faz a descripçaõ, que principia na Estancia 45., e acaba na 69. Tambem aqui se faz memoria do encontro, e primeira acçaõ militar, que os nossos naquellas praias tiveram com os Gentios, que pertendiam defender-lhe a agua. Esta narraçaõ tem principio na Estancia 86.

31. No principio do Canto segundo se refere o como chegáram a Mombaça. Referem-se as astucias do demonio, que suggeria ao Rei, que destruisse os navegantes: arma-lhes este traições: isto até á Estancia 17. Aqui por hum modo admiravel se introduz Venus, e as Nereidas, desviando do perigo as Naòs. Tem este mesmo Canto, desde a Estancia 33., até á 54., a admiravel pintura de Venus, quando, fallando com Jupiter, intercede pelos Portuguezes: tem a resposta do mesmo Jupiter: a descripçaõ de Mercurio, e a sua mensagem ao Rei de Melinde, que começa na Estancia 54.;

até á 64. Na 72., principia a descrip-
chegada a Melinde, do alvoroço da
la pessoa do Rei, do Gama; das de-
ıções de alegria; de como o Rei o obriga
e dê conta em particular de si, e da sua
no que dá fim este Canto.
o Canto terceiro se faz a descripçaõ da
, e das acções militares d'ElRei Dom
Henriques, o primeiro de Portugal, e
ımas de seus successores: isto até á
ı 98. Na Estancia 102., apparece em
l a Rainha de Castella Dona Maria,
ı soccorro a ElRei seu pai, para a ba-
ı Salado. He digna de attençaõ a pin-
e o Poeta faz desta Matrona rogando,
i condescendendo com os seus rogos.
Rei armado com a sua gente á batalha,
se vence. Aqui entram os amores de
:z de Castro, e o lastimoso e triste
ı da sua morte, que logo se continúa.
ncia 138. principia a referir-se, como
om Fernando se deixou vencer da de-
da affeiçaõ, que teve a D. Leonor

Telles de Menezes, com a qual, sendo casada se casou. Apontam-se casos semelhantes, e cas tigos que a estes sobrevieram; e ultimament se desculpa este acontecimento, breve, ele gante e eruditamente.

33. No Canto quarto entram as guerras d Portugal com Castella sobre a successaõ : dá se conta da batalha de Aljubarrota; da victori desta, e de mais algumas. Apparece o grand Dom Nuno Alvares Pereira, chefe desta acçaõ He inimitavel a pintura que o Poeta faz dest Heroe, com a espada na maõ, animando todos os que o seguiam, e persuadindo-lhe a razaõ, e a justiça da causa, que devia movê los. Seguem-se as expedições d'ElRei Dor Joaõ o segundo, para descobrir a India, a quaes começam na Estancia 60.: o sonho d'E Rei Dom Manoel, e a visaõ dos rios Indo, Ganges, que lhe fallam; e a descripçaõ da terras por onde correm: como se prevenio e determinou a viagem de Vasco da Gama, a resoluçaõ da gente na mesma. Aqui se achar *as* saudosas despedidas entre pais, filhos, e i

maõs; de esposas, parentes, e amigos nas praïas de Belem. Tambem aqui se introduz aquelle velho, que exclamando diz cousas admiraveis.

34. No Canto quinto refere Vasco da Gama ao Rei de Melinde, por hum modo certamente exquisito, tudo quanto foi vendo desde que sahio de Lisboa, até que chegou a Melinde, em que entra tambem o caso de Fernaõ Velloso. Ha tambem aqui a fabula de Adamastor, que princípia na Estancia 37., invençaõ propria do Poeta, fundada no Cabo de Boa Esperança, ao chegar o Gama defronte delle. Com esta ficçaõ chega até á Estancia 60., da qual até ao fim continúa com a relaçaõ do restante da viagem.

35. No Canto sexto ha a descripçaõ do mar, do Palacio do Neptuno, do ajuntamento dos deoses maritimos, da pessoa de Tritaõ, e da entrada de Baccho alli. Propõe-se a causa da vinda do mesmo Baccho, e se referem as suas iras. Ha tambem a agradavel historia dos doze de Inglaterra; e depois se refere huma horrorosa tormenta maritima, que padeceo Vasco da

Gama naquelles mares Orientaes. Aqui apparecem as Nymphas, applacando com a sua formosura, e com os seus amores a furia dos ventos.

36. O Canto septimo entra com huma exhortaçaõ, ou advertencia aos Principes Christãos. Segue-se a descripçaõ do Malabar; a introducçaõ do Mouro Monçaide, e a sua relaçaõ daquellas partes; a entrada dos navegantes em Calecut; a esculptura das portas do Palacio daquelle Rei, e o que se passou com elle. Na Estancia 78. entra a declarar as pinturas de humas bandeiras, que o Gentio queria ver descifradas, com cuja déclaraçaõ se passa ao Canto oitavo.

37. No princípio de Canto oitavo continúa a declaraçaõ das mesmas pinturas, que todas eram de famosos Heroes. Aqui se descobre a cópia, e a variedade no dizer; porque sendo muitos, e louvando-se em todos huma só cousa, que he o esforço, em cada hum delles usa o Poeta de novos termos, todos inimitaveis. Depois, *com a occasiaõ* do que alli succedeo ao Gama,

descreve nelle hum Capitam prudente, vigilante, industrioso, e de grande constancia, e coraçaõ. Tambem aqui se acha a prática que o mesmo Gama tem com o Rei de Calecut, sobre o haver-lhe dado a entender que era Cossario.

38. No Canto nono saõ innumeraveis as bellezas, e artificios Poeticos; o cuidado de Venus em prevenir descanso, e premio aos navegantes, que principia na Estancia 18.; o passar no seu carro ao monte Idalio, que principia na 24.; a descripçaõ do exercicio dos Cupidos, que principia na 30.; a chegada de Venus, e falla que faz a Cupido, que tem princípio na 36., a acçaõ delle em ferir as Nereidas; a pintura da Ilha, e de hum valle, que principia na 54.; o desembarque dos navegantes, e encontro das Nymphas variamente entretidas, que principia na 64.; os pensamentos amorosos de Leonardo, correndo em seguimento de Ephyre, que principiam na 75.; a posse que tomáram das suas Esposas os Soldados, e de Tethys o Gama, que começa na 84. Se-

guem-se algumas moralidades até ao fim do Canto.

39. O Canto decimo principia com o convite que Tethys faz ao Gama; a que se segue o canto da Seréa, que alli se introduz, com a declaraçaõ da musica, que juntamente he prophecia das façanhas de tantos Heroes Portuguezes na India : tudo acaba na Estancia 72. Na 76. vai o Gama guiado por Tethys ao cume de hum monte, em que se descreve a Esphera, e o Mundo; ou como diz o mesmo Poeta, a máchina etherea, e elementar. Segue-se depois huma Geographia de toda a terra, que continúa até á Estancia 142., desde a qual se continúa o embarque dos navegantes para a Patria, e o fim do Poema.

BREVE NOTICIA

DA VIDA

DE LUIS DE CAMÕES.

Por nos naõ apartarmos do costume practicado pelos Editores de Poetas, somos obrigados a dar ao Público, na presente Ediçaõ, huma noticia da vida de Luis de Camões, o que faremos breve e summariamente, remettendo os nossos Leitores, que quizerem mais copiosas informações, a Manoel Severim de Faria, e Manoel de Faria e Sousa, que mais extensamente a escrevêram.

O mais antigo ascendente de Luis de Camões, de que se acha noticia nas Historias, (deixadas por ora conjecturas, fundadas em etymologias de nomes, que de ordinario naõ

saõ os mais solidos fundamentos) he Vasco Pires de Camões, que em tempo d'ElRei Dom Henrique de Castella, chamado o Bastardo, passou de Galliza a Portugal. De quem fosse filho este Vasco Pires de Camões naõ consta ao certo: he porém indubitavel, que foi casado neste Reino com huma filha de Gonçalo Tenreiro, General das Armadas de Portugal, o qual teve tambem o titulo de Mestre da Ordem de Christo. Deste matrimonio nascêram Gonçalo Vas de Camões, Joaõ Vaz de Camões, e D. Constança Pires de Camões. De D. Constança, e de Gonçalo Vaz de Camões, houve descendencia illustre, e que se tratou sempre com grande luzimento, da qual nos naõ he necessario por ora tratar. O segundo filho, que foi Joaõ Vaz de Camões, vassallo d'ElRei Dom Afonso V., titulo muito distincto e honorifico por aquelles tempos, foi de notavel valor nas guerras de Africa, e contra Castella, e de extremada prudencia na paz. Teve seu domicilio em Coimbra, em cuja Sé tem tambem magnifica, e sumptuosa sepultura, de que al-

guns inferíram (erradamente) ser o nosso Poeta natural daquella Cidade. Casou João Vaz de Camões com Ignez Gomes da Sylva, filha bastarda de Jorge da Sylva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Sylva, e neto de Diogo Gomes da Sylva, irmaõ de Joaõ Gomes da Sylva Alferes môr d'ElRei Dom Joaõ I., e Senhor de muitas terras. Teve della a Antaõ Vaz de Camões, que casou com Guimar Vaz da Gama, (dos Gamas do Algarve, que trazem sua origem dos do Alemtejo) da qual houve a Simaõ Vaz de Camões, que casou com Anna de Macedo, da Villa de Santarem. Estes dous ultimos, assistentes em Lisboa, no bairro da Mouraria, Freguezia naquelle tempo de S. Sebastiam, foram os progenitores de Luis de Camões, que nasceo na mesma Cidade, no anno de 1524.

O Licenciado Manoel Correa, contemporaneo, e amigo do Poeta, na vida que escreveo do mesmo, por mera conjectura, ou por hum pouco mais, ou menos, o dá nascido no anno de 1517., porém Manoel de Faria e Sousa,

tendo seguido antes a mesma opiniaõ, fundado depois nos irrefragaveis documentos das Listas da Casa da India, que vio, faz ao nosso parecer mais certo cálculo, e prova nascéra no anno de 1524. acima apontado.

« No anno de 1643. (*diz Faria*) veio ás min-
« has mãos o Registo da Casa da India de Lisboa,
« de todas as pessoas mais principaes que pas-
« sáram a servir áquelles Estados, desde o
« anno de 1500., até estes nossos tempos, e
« na Lista do anno de 1550. achei este as-
« sento : » « Luis de Camões, filho de Simaõ
« Vaz, e Anna de Sá, moradores em Lisboa, á
« Mouraria, Escudeiro de 25 annos, de barba
« ruiva; trouxe por fiador a seu pai : vai na
« Náo de Saõ Pedro dos Burgalezes ». Esta Nao era a em que hia o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha, que entaõ passava á India.

Naõ embarcou Luis de Camões no anno de 1550., postoque se alistasse, mas sim no anno de 1553., em que foi por Capitam mór de quatro Náos Fernando Alvres Cabral : no Registo da gente dellas, e no titulo da *gente de*

guerra achou o mesmo Faria este assento: « Fernando Casado, filho de Manoel Casado, « e de Branca Queimada, moradores em Lis- « boa, Escudeiro; foi em seu lugar Luis de « Camões, filho de Simaõ Vas, e Anna de Sá, « Escudeiro, e reccbeo 2,400. reis, como os « demais ». Destes dous assentos, que saõ de certeza indubitavel, conclue Faria, que se o Poeta no anno de 1550. tinha 25. de idade, sem dúvida havia nascido no anno de 1524. Em quanto ao appellido de Sá, que em ambos os assentos se dá a sua Mãi, se responde, que se appellidava de Sá e Macedo, e que o Escrivam por brevidade lhe tiraria o Macedo, assim como a seu Marido o de Camões, dizendo sómente Simaõ Vaz.

Educado Luis de Camões até á idade de doze ou treze annos, passou á Universidade, que já naquelle tempo, por ordem d'ElRei Dom Joaõ III., se havia mudado segunda vez de Lisboa para Coimbra. Foram notaveis os progressos que alli fez nas Artes, e nas Sciencias, com a direçaõ daquelles Homens insignes, que o

mesmo Rei chamára de fóra do Reino, para instruirem a mocidade. Naõ podemos ter melhor, nem mais certa prova, que os mesmos escriptos do nosso Poeta. Desta assistencia em Coimbra se lembrou sempre Luis de Camões, com huma viva saudade, como consta do soneto 133.:

Doces e claras aguas do Mondego, etc.

Da Cançaõ IV.

Vaõ as serenas aguas
Do Mondego descendo, etc.

E ainda do mesmo Poema, onde no Canto VII., Est. 78. diz:

. . . . Mas oh cego
Eu, que cometto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho taõ arduo, etc.

Acabados os estudos, e restituido a Lisboa, como he provavel se entregasse ao ocio, entrou logo a experimentar os damnos que delle

resultam, particularmente na idade juvenil. Affeiçoou-se a certa Dama; e esta affeiçaõ deo causa a que o desterrassem da Corte. Crem alguns, que este desterro foi em Santarem, fundados na elegia que começa: *O Sulmonense Ovidio desterrado, etc.* onde chora a saudade da Corte, e onde diz que estava vendo o Tejo, e as concavas barcas que cortavam a sua corrente:

> Vejo o puro, suave, e brando Tejo,
> Com as concavas barcas, que nadando,
> Vaõ pondo em doce effeito seu desejo.

Voltando a Lisboa, e tornando a reincidir na mesma culpa amorosa, houve segundo desterro. Manoel de Faria he de opiniaõ, que naõ foi segundo; mas que elle mesmo, vendo-se impossibilitado para vir á Corte fizera o primeiro mais dilatado, tomando a resoluçaõ de ir servir a Ceuta. Nesta Praça militou, e assistio por algum tempo, como consta da Elegia que começa: *Aquella que de amor descomedido, etc.* onde diz:

> Subo-me ao monte que Hercules Thebano
> Do altissimo Calpe dividio,
> Dando caminho ao mar Mediterrano, etc.

Pelejando valerosamente aqui mesmo, em hum combate naval, perdeo o olho direito, como elle toca na Cançaõ que começa:

> Vinde cá meu taõ certo Secretario, etc.

Que esta perda do olho fosse na Africa, e naõ na Asia, se entende claramente da primeira carta que escreveo da India a hum amigo, na qual fallando de hum certo Manoel Serraõ, em quem havia a mesma falta, diz: *Que*, sicut et nos, *manqueja de hum olho.* Reputava este defeito com já antigo, e como cousa notoria nelle em Portugal.

Depois de haver militado em Ceuta por algum tempo, veio a Lisboa, persuadindo-se conseguiria algum premio por aquelles serviços militares; mas perdendo totalmente as esperanças do que pertendia, tomou a resoluçaõ de passar á India. Era o seu projecto

embarcar no anno de 1550., com o Viso-Rei Dom Afonso de Noronha; porém tendo desvio aquella resoluçaõ, (como acima fica tocado) veio a fazer viagem no anno de 1553. Embarcou Luis de Camões na mesma Não em que hia Fernando Alvres Cabral, e das quatro que este Commandante governava, esta foi a unica que naquelle anno chegou á India. Desembarcando em Goa no mez de Septembro, e achando que o Viso-Rei D. Afonso de Noronha, que entaõ o era daquelle Estado, estava de partida com huma grossa Armada contra o Rei da Pimenta, inimigo do de Cochim, e Porcá, amigos nossos, se embarcou, por servir naquella occasiaõ, da qual sahimos com victoria, como elle refere na Elegia que começa: *O Poeta Simonides fallando, etc.* na qual dà tambem conta da sua viagem.

Continuando no exercicio das armas, passou no anno de 1555. ao Estreito de Meca, em outra Armada, de que foi Capitam mór Manoel de Vasconcellos. Ahi se demorou por algum tempo, supportando incommodidades

gravissimas, como consta da Cançaõ X, que escreveo em Goa, e principia:

Junto de hum secco, duro, esteril monte, etc.

Em muitos lugares dos seus Poemas lamenta Luis de Camões os seus infortunios, e muito particularmente na Cançam XI, que, depois de voltar da India, escreveo já neste Reino, na qual, á imitaçaõ de Petrarca na Cançam IV, e de Garcilasso em outra do mesmo número, nos deo hum Compendio da sua vida, e dos innumeraveis trabalhos, e calamidades de que em toda ella se vio combatido. Deixarei aqui a Estancia X, para que o Leitor nestas poucas palavras lea, e pondere huma pequena parte da horrorósa, e dilatada Iliada das suas desgraças.

A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contraria via,
No perigo primeiro; e no segundo,
Terra em que pôr os pés me fallecia;
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, em fim, o tempo, e o Mundo.

Que segredo taõ arduo, e taõ profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o Mundo tem para ella!
E naõ poder perdella,
Estando tantas vezes já perdida!
Em fim, naõ houvė trance de fortuna,
Nem perigo, nem casos duvidosos,
(Injustiças de aquelles que o confuso
Regimento, do Mundo antigo abuso,
Faz sobre os outros homẽes, poderosos!)
Que eu naõ passasse, atado á fiel coluna
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguiçaõ de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

No princípio da Ecloga XI, escripta tambem depois de haver chegado a Portugal, debaixo do nome de Limiano faz as mesmas queixas dizendo: que, cuidando acharia descanço, socego, e abrigo na patria, em lugar disto, achára sómento huma continuaçaõ das mesmas, ou maiores adversidades. Estas saõ as palavras:

Podia ser; que muito tempo fóra
Andei desta ribeira, patria minha,

Onde triste me vejo andar agora.
Tinha lá para mi, que a vida tinha
Mais socegada cá, e mais segura,
Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.
Foi d'outro parecer minha ventura:
Discordias só achei, e achei dureza,
Em lugar de socego, e de brandura.

Era Luis de Camões acerrimo Censor dos vicios; e vendo que alguns qne serviam Officios publicos se desmandavam, escreveo huma Satyra, na qual fortemente os reprehendia. Tambem compoz, depois desta, outra, contra alguns Grandes da Cidade, que haviam festejado a entrada do Governador Francisco Barreto com hum jogo de cannas. Estas foram as acções mais reprehensiveis que se encontram na vida do nosso Poeta, visto que nenhum homem ingenuo, e prudente, deve romper em taes desatinos.

Estimulado Francisco Barreto, talvez por queixas dos offendidos, que costumam fazer as culpas ainda mais aggravantes, fez prender a Luis de Camões, e o degradou para a China.

Aqui servio o Officio de Provedor dos defuntos, e ausentes, na Cidade de Macào, de pouco tempo fundada pelos Portuguezes. Tendo, porém noticia de haver entrado no Governo da India o Viso-Rei D. Constantino de Bragança, se resolveo a voltar a Goa. Nesta viagem padeceo hum naufragio; e sahindo nú nas praias do Rio Mecon, sómente póde salvar o seu Poema, qual outro Cezar, em semelhante acontecimento, os seus Commentarios.

No anno de 1561. chegou finalmente a Goà, onde recebeo particulares mercês do Viso-Rei D. Constantino de Bragança, e naõ menos do sucessor no Governo, o Conde de Redondo Dom Francisco Coutinho. Naõ foram com tudo taõ poderosos estes favores, que chegassem a tirar Luis de Camões da prisaõ em que o haviam metido: dizem huns que por algumas travessuras, outros que por falsas accusações de cousas, que diziam respeito ao Officio, que o Poeta havia servido em Macào.

Estando nesta prisaõ, e jà ao tempo de sahir della, o embargou Miguel Rodrigues Coutinho

Fios Seccos, por algum dinheiro que lhe havia emprestado. Neste aperto reçorreo ao Conde Viso-Rei, que estando de partida com huma lustrosa Armada, para celebrar pazes com o Çamorim, deixou ordem para que fosse solto.

Achando-se Luis de Camões em huma taõ triste situaçaõ, cercado de trabalhos, e em summa pobreza; e vendo que lhe naõ aproveitava diligencia alguma, para sahir de taõ extremas miserias, se lhe offereceo Pedro Barreto para o levar comsigo a Sofala, onde passava com o posto de Capitam. Seguio o Poeta a Pedro Barreto, mas chegando a Sofala experimentou nelle hum tratamento tal, que aportando alli humas Naos da India, que vinham para o Reino, se resolveo a embarcar nellas: embargava-o Pedro Barreto (como já Miguel Rodrigues Fios Seccos) dizendo lhe devia duzentos cruzados, que com elle havia despendido; mas a esta dívida acudíram promptamente alguns Cavalheiros, que para o Reino vinham nas mesmas Naos, e a pagáram de

boa vontade, só pelo interesse de trazerem
sua companhia a Luis de Camões. Fora
estes Heitor da Sylveira, Antonio Cabral, Lu
da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferra
e outros. Resgatado assim Luis de Camõe
voltou na companhia daquelles Cavalheir
para a Patria. No anno de 1569. chegou a Li
boa, que achou ardendo em hum horriv
contagio. Aqui em lugar do premio que m
recia pelas suas gloriosas fadigas litteraria
e marciaes, entrou a experimentar novas,
talvez mais fortes adversidades, chegando
tanta miseria, que hum escravo seu chama
Antonio, pedia de noite de porta em por
para o sustentar.

Desta sorte acabou hum homem, cuja m
moria, a pezar da inveja, será eterna entre
Eruditos. Morreo em Lisboa no anno de 157
com 55. de idade; por aver nascido no de 152
Deo-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da e
trada da porta da Igreja do Convento de San
Anna de Religiosas Franciscanas. Poucos a
nos depois, que foi no de 1595., D. Gonça

Coutinho lhe deo nova sepultura, no meio da Igreja, e lhe fez gravar na campa esta Inscripçaõ:

AQVI IAZ LUIS DE CAMÕES,

PRINÇIPE

DOS POETAS DE SEV TEMPO:

VIVEO POBRE E MISERAVELMENTE:

E ASSI MORREO.

ANNO DE M. D. LXXIX.

Ultimamente Martim Gonçalves da Camera fez com que se lhe gravasse na lapide o seguinte Epitaphio:

Naso Elegis, Flaccus Lyricis, Epigrammate Marcus,
Hic jacet Heroo carmine Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi, Lysia, famam:
Unam nobilitant Mars, et Apollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine: at Indo,
Et Gangi telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii haud gazas ex Oriente tulit.
Sic bene de patria meruit dum fulminat ense:
At plus dum calamo bellica facta refert.

Hunc Itali, Galli, Hispâni, vertere Poetam:
Quælibet hunc vellet terra vocare suum.
Vertere fas, æquare nefas, æquabilis uni
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

Foi Luis de Camões nobilissimo por ascendencia, Poeta clarissimo, valeroso Soldado, e de costumes correspondentes ás suas qualidades. Foi de mediana estatura, e bem formado; olhos grandes, nariz no meio levantado, boca grossa, e cabello tirante a açafroado. Em tudo lhe faltou a fortuna, senaõ na perpetuidade do nome, que ha de competir com a duraçaõ dos seculos.

ELOGIOS,

QUE A LUIS DE CAMÕES

DEDICARAM ALGUNS ESCRIPTÔRES.

DE MANOEL DE SOUSA COUTINHO

EPIGRAMMA.

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus alto
Quod Sophocles tristi, Naso quod ore canit;

Mœstitiam, casus, horrentia prælia, amores,
Juncta simul cantu, sed graviore damus.
Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas.
Unus tanta dedit? Dedit, et majora daturus
Ni celeri facto corriperetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo
Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novæ fuit ille Camœnæ,
Debita jure sibi sceptra Poësis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit antra, lyras, serta, fluenta, deas.
Currere Castalios nostra de rupe licores
Jussit ab invicto prata virere solo.
Cerne per incultos Tempe meliora recessus,
Cerne satas sterili cespite, veris opes.
Omnibus occidui rident tibi floribus horti,
Non ego jam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
Traxit, et ab stygio squalida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum stumine montes
Pieridumque trahis, Cœlituumque choros.
Sunt majora tuæ Orphæis miracula vocis
Attica, quid faceres si tibi lingua foret?

INCERTI AUCTORIS

EPIGRAMMA.

Laurea Camonium circumdedit: illa virescens
Semper, quamquam aetas prona senescat, erit.

D. THOMAS TAMAIO DE VARGAS, H. R.

IN EFFIGIEM MAGNI LUD. DE CAMÕES EPICORUM POETARUM IN HISPANIA PRINCIPIS.

EPIGRAMMA.

Grandia Lysiadum solus celebrare trophaea
Andinâ merui Maeoniâque tubâ.

DE CAMÕES COGNOMINE

EPIGRAMMA.

Indidit ipsa suum tibi docta Camoena Camoës
Nomen, ut à Musae vox tua voce sonet.

LUDOVICUS CAMONIUS

MILES, ET VATES.

EPIGRAMMA.

Dextera Camonii gladium tenet, ipsa lyramque:
Et Phœbo, et Marti militat una manus.

INCERTI AUCTORIS

EPITAPHIUM.

Hic sitùs est Lysiis Camonius ille, Camœnis
Qui dedit, et sumpsit nomen, amœnus olor.
Lysiacæ princeps, atque unica gloria Musæ,
Seu oantare lyrâ, sive sonare tubâ.
Dulcibus auritum tenuit qui cantibus Orbem
Dúm Lysiæ ad numeros arma, virosque canit.
Mors ipsa argutæ capta est dulcedine vocis,
Nec passa omnino tale perire melos.
Post cineres adeo viva illa silentia cantat:
Linguâ illâ tumulus clamat, et Orbis amat.

Quin etiam variis modulatur carmina Linguis
Italo, et Hispano, Gallico et ore sonat.
Quæ vitam Heroum factis modulamine laudum
Lingua dedit, nunquam debuit illa mori.
Contigit huic uni, quod Musa negavit olori:
Nam sua post etiam funera cantat olor.

TORQUATO TASSO

A LUIS DE CAMÕES

SONETO.

Vasco, le cui felici ardite antenne
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno
Dove egli par, che di cadere accenne:

Non piu di te per aspro mar sostenne
Quel, che fece al Ciclope oltraggio, et scorno:
Ne chi turbo l'Arpie nel suo soggiorno,
Né die piu bel subietto à colte penne.

Na grande Ediçaõ que das Obras de Torquato Tasso se fez em Veneza, no anno de 1736., em 12 volumes de quarto, achará o Leitor este Soneto, que vem na segunda parte do volume sexto, pag. 227. e he no número o 384.

Et hor quella del colto, e buon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge.

Ond'aquelli, acui s'alza il nostro Polo,
Et achi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

DE D. LEONARDO TURRIANO

SONETO.

Celeste Cigno de' gran fatti egregi
Del popol Lusitàno, ardito, e forte,
Ch' in alto Canto, ad onta della morte,
E del tempo, gli auvivi, et anco infregi.

Se ne gl' alti Elisi, di stellati fregi
L'Eroico Vasco orna le tempie accorte;
Per te, dal basso Occaso al' alte porte
Dell' Oriente, ha i più lodati pregi.

A lui la Palma; a te il lauro si deve,
Luigi, degno Apollo, e degno Omero,
E degno Sol della tua penna stessa.

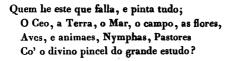
Vive per lei fra mille lingue; e in breve
Rivolga questo, e quell' altro Emisfero
In vive carte la tua fama impressa.

DE FRANCISCO LOPES

A LUIS DE CAMÕES

SONETO.

Está o Pintor famoso attento, e mudo
Pintando, e recebendo mil louvores
Pelo que retratou de varias cores,
Com engenho subtil, vivo e agudo:

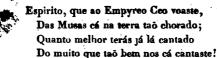
Quem he este que falla, e pinta tudo;
O Ceo, a Terra, o Mar, o campo, as flores,
Aves, e animaes, Nymphas, Pastores
Co' o divino pincel do grande estudo?

O Principe será do gram Parnasso,
Ou o Grego excellente, e soberano
Ou Torquato tambem, que em Verso canta:

E senaõ he Virgilio, Homero, ou Tasso,
E he, como parece, Lusitano,
He Luis de Camões, que o Mundo espanta.

DE DIOGO TABORDA LEITAÕ,

CONTEMPORANEO DO POETA,

SONETO.

Espirito, que ao Empyreo Ceo voaste,
Das Musas cá na terra taõ chorado;
Quanto melhor terás já lá cantado
Do muito que taõ bem nos cá cantaste!

Partiste-te de nós, sós nos deixaste,
A ser lá de outro louro laureado,
Differente daquelle que te haõ dado
Os que cá com teus versos tanto honraste.

Lá Hymnos, Odes, Cantos mais suaves
Podes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde essa voz de cisne mais se apura.

Nem te podem faltar materias graves,
Em que occupes melhor a phantasia;
Que, em fim, o de cá passa, o de lá dura.

DE DIOGO BERNARDES

SONETO.

Quem louvará Camões que elle naõ seja?
Quem naõ vê, q̃ em vão cansa engenho, e arte?
Elle só a si se louva em toda a parte,
E só elle toda parte enche de inveja.

Quem juntos n'hum esprito ver deseja
Quantos dões, entre mil, Phebo reparte,
(Quer elle de amor cante, quer de Marte)
Por mais naõ desejar a elle só veja.

Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez com elle só ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria.

Mas se lhe foi fortuna escaça em vida,
Naõ lhe pode tirar despois da morte
Hum rico amparo de sua fama, e gloria.

DE AUTHOR INCERTO

SONETO.

Quem he este, que na arpa Lusitana
Abate as Musas Gregas, e Latinas;
E faz que ao Mundo esqueçam as Plautinas
Graças, com graça alegre, e lyra ufana?

Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influio partes divinas,
Com que espiram as flores, e boninas,
Da Homerica Musa, e Mantuana.

Se tu, triumphante Roma, este alcançáras
No teu Theatro, e Scena luminosa,
Nunca do Grão Terencio te admiráras.

Mas antes, sem contraste, curiosa
Estatua de ouro alli lhe levantáras,
Contente de ventura taõ ditosa.

DE MANOEL DE FARIA E SOUSA

SONETO.

Si a escrivir tu pluma aspira,
Y si espirando no escrive,
Toda Musa por ti vive,
Y toda contigo espira.

Siempre suena, siempre admira,
Nunca su valor prescrive,
Tu aliento, ò mano, cultive
Ya la tuba, ya la lira.

Bien por el Orbe està llano
Que Apollo en el se escusára
Teniendote Apollo Hispano:

Que al Mundo, si se repara,
Cada rasgo de tu mano
Es un rayo de su cara.

DO MESMO AUTHOR

EPITAPHIO.

Cierra esta pyra una llama
Que nueva vida recibe:
Porque no muriò quien vive
En las alas de la fama.

Mas no la cierra esta pyra,
Solamente se ausentó;
Porque Apollo le llamó
Para entregarle su lyra.

EPITAPHIO

PARA A SEPULTURA

DE LUIS DE CAMÕES,

ACHADO EM ALGUNS VERSOS DAS SUAS RHYTHMAS,

POR JOAÕ GOMES DO PEGO.

SONETO.

Debaixo desta pedra está metido
Hum Varaõ sapiente, em quem Thalia
Nos versos saudosos que escrevia
Alegra o Mundo todo entristecido.

Sempre será famoso, e conhecido:
  Que ao juizo das gentes merecia
  Da fama eterna ter perpétuo dia,
  Que já por exercicio lhe he devido.

Musica com voz alta, e mui subida;
  Copioso exemplario para a gente,
  Onde sua fineza mais se apura:

Huma memoria nova, e nunca ouvida,
  Hum peito magoado, e descontente,
  Jazem debaixo desta sepultura.

LUSIADA

DO GRANDE

LUIS DE CAMÕES.

CANTO PRIMEIRO.

ARGUMENTO

DO CANTO PRIMEIRO.

NAVEGAÕ os Portuguezes pelos mares Orientaes: fazem os Deoses seu Concilio: oppõem-se Baccho á esta navegaçaõ: favorece Venus, e Marte aos navegantes: chegaõ a Moçambique, cujo Governador pertende destrui-los. Encontro, e primeira acçaõ militar dos nossos contra os Gentios: levaõ ferro, e passando por Quilóa, surgem em Mombaça.

OUTRO ARGUMENTO.

Fazem Concílio os Deoses na alta Corte,
Oppõem-se Baccho á Lusitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fora.

Ambroise Tardieu del. et sculp. Paris 1818.

Taõ brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:

Canto 1.º Est. 43.

LUSIADA.

CANTO PRIMEIRO.

I.

As Armas, e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados;
Passáram ainda além da Taprobana:
Que em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificáram
Novo Reino, que tanto sublimáram:

II.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andáram devastando:
E aquelles que por obras valerosas
Se vaõ da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
Às navegações grandes que fizéram;
Calle-se de Alexandro, et de Trajano,
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedecêram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente;
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto, e sublimado;
Hum estylo grandiloco, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que naõ tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me huma furia grande, e sonorosa,
E naõ de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a còr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no Universo;
Se taõ sublime preço cabe em verso.

VI.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade;
E naõ menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade;
Dada ao Mundo por Deos, que todo-o mande,
Para do Mundo a Deos dar parte grande:

VII.

Vós tenro, e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto Imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do Hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro;
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio.

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra qual na inteira idade
Quando subindo ireis ao eterno Templo.
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão. Vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vèreis amor da patria, naõ movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno:
Que naõ he premio vil ser conhecido
Por hum pregaõ do ninho meu paterno.
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois Senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do Mundo Rei, se de tal gente.

XI.

Ouvi, que naõ vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas saõ tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rogeiro;
E Orlando, indaque fora verdadeiro.

XII.

Por estes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao Reino tal serviço;
Hum Egas, hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares dar-vos quero
Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Enéas toma a fama.

XIII.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu Reino a segurança
Deixou co'a grande e próspera victoria;
Outro Joanne invicto Cavalleiro;
O quarto e quinto Alfonsos, e o terceiro.

XIV.

Nem deixaráõ meus versos esquecidos
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora,
Se fizeram por armas taõ subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte;
E outros em quem poder naõ teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto, e a vós naõ posso,
Sublime Rei, que naõ me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o pezo grosso
(Que pelo Mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro;
Deseja de comprar-vos para genro.

XVII.

Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avôs as almas cá famosas;
Huma na paz Angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas:
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No Templo da suprema eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que saõ vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Occeano navegavam
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as vélas concavas inchando:
Da branca escuma os marés se mostravam
Cobertos, onde as proas vaõ cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prótheo saõ cortadas.

XX.

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pizando o crystallino Ceo formoso
Vem pela Via Lactea juntamente,
Convocados da parte de Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o Ceo, a terra, e o mar irado:
Alli se achåram juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime, e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornára hum corpo humano;
Com huma coroa, e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados
Como a razaõ e a ordem concertavam.
Precedem os antiguos mais honrados;
Mais abaixo os menores se assentavam;
Quando Jupiter alto assi dizendo,
C'hum tom de voz começa, grave, e horrendo:

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero Polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso naõ perdeis o pensamento;
Deveis de ter sabido, claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi (bem o vistes) concedido
Com poder taõ singelo, e taõ pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano taõ temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
Assi que sempre em fim com fama e gloria
Teve os trophéos pendentes da victoria.

XXVI.

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançáram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamáram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantáram
Hum por seu Capitam, que peregrino
Fingio na cerva espirito divino.

XXVII.

Agora vêdes bem, que cometendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, naõ temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito, e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei naõ póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro Inverno;
A gente vem perdida, e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

XXIX.

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem taõ asperos perigos,
Tantos climas e Ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E tendo guarnecida a lassa frota
Começaráõ a seguir sua longa rota.

XXX.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, e recebendo.
O Padre Baccho alli naõ consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerãõ seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
Altamente lhe doe perder a gloria
De que Nisa celebra inda a memoria.

XXXII.

Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou Caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua de Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu taõ célebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os *fortes Portuguezes* que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella
Affeiçoada á gente Lusitana,
Por quantas calidades via nella
Da antigua taõ amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostráram na terrá Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupçaõ crê que he Latina.

XXXIV.

Estas cousas moviam Cytheréa;
E mais, porque das Parcas claro entende,
Que ha de ser celebrada a clara dêa,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia que arrecêa;
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero ou Boreas na espessura,
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vaõ da mata escura,
Com impeto, e braveza desmedida:
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida;
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia;
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
D'entre os deoses em pé se levantava
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para traz medonho, e irado.

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante,
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co' o conto do bastaõ no solio puro,
O Ceo tremeo, e Apollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi: O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste;
Naõ queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Naõ ouças mais, pois es Juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razaõ se naõ mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fòra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu taõ privado.
Mas esta tençaõ sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja,
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinaçaõ que tẽes tomada,
Naõ tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á sétta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente:
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de Saõ Lourenço; e o Sol ardente
Queimava entaõ os deoses que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Taõ brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas Ilhas, que em torno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte Capitaõ,
Que a tamanhas emprezas se offerece
De soberbo, e de altivo coraçaõ,
A quem fortuna sempre favorece;
Para se aqui deter naõ vê razaõ,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas naõ lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis apparecem logo em companhia,
Hũus pequenos batéis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga véla:
A gente se alvoroça, e de alegria
Nao sabe mais, que olhar a causa della.
Que gente será esta? (em si diziam)
Que costumes, que Lei, que Rei teriam?

XLVI.

As embarcações eram, na maneira,
Mui veloces, estreitas, e compridas;
As vélas com que vem eram de esteira
De humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaetaõ, nas terras accendidas,
Ao Mundo deo de ousado, e naõ prudente:
O Padre o sabe, e Lampethusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodaõ vinham vestidos,
De várias cores; brancos, e listrados:
Hũus trazem de redor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Da cinta para cima vem despidos;
Por armas tem adagas, e terçados:
Com toucas na cabeça, e navegando,
Anafis sonorosos vaõ tocando.

XLVIII.

Co' os pannos e co' os braços acenavam
A's gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás Ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam vélas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido, em cima salta.

XLIX.

Naõ eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia:
No gesto lédos vem, e humanamente
O Capitam sublime os recebia:
As mesas manda pôr em continente:
Do licor que Lieo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Phaetaõ queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram, de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antarctico, e Callisto;
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos Ceos e terras temos visto:
De hum Rei potente somos, taõ amado,
Taõ querido de todos, e bemquisto,
Que naõ no largo mar, com léda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos fêos Phocas se navega.
Mas já razaõ parece que saibamos,
Se entre vós a verdade naõ se nega,
Quem sois; que terra he esta que habitais;
Ou se tendes da India algũus sinais.

LIII.

Somos (hum dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, lei, e naçaõ;
Que os proprios saõ aquelles que criou
A Natura sem lei, e sem razaõ.
Nós temos a lei certa que ensinou
O claro descendente de Abrahaõ,
Que agora tem do Mundo o senhorio;
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV.

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:
E por ser necessaria procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique
Chama-se a paquena Ilha Moçambique.

LV.

E já que de taõ longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, et terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI.

Isto dizendo o Mouro, se tornou
A seus batéis com toda a companhia:
Do Capitam e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co' o carro de crystal o claro dia;
Dando cargo á irmãa, que allumiasse
O largo Mundo, em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e naõ cuidada;
Por acharem da terra taõ remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer entaõ comsigo cuida, e nota,
Na gente, et na maneira desusada;
E como os que na errada seita crêram,
Tanto por todo o Mundo se estendêram.

LVIII.

Da Lũa os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os Ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escurás peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosós cabellos espalhou
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

LX.

Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que saõ aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O Imperio tomáram a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitam alegremente
O Mouro, e toda sua companhia,
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Naõ usado licor, que dá alegria:
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a linguagem taõ barbara, e enleada:
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinham de Turquia.

LXIII.

E mais, lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito, ou Fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se saõ dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitam pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam
Quando co' os inimigos pelejavam.

LXIV.

Responde o valeroso Capitaõ,
Por hum que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, Senhor illustre, relaçaõ
De mi, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geraçaõ,
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India taõ famosa.

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo Imperio
Obedece o visibil, e invisibil;
Aquelle que creou todo o Hemispherio;
Todo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insoffribil;
E que do Ceo á terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI.

Deste Deos Homem, alto, e infinito,
Os livros que tu pedes naõ trazia;
Que bem posso escusar traser escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tẽes dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Com'amigo as verás, porque eu m'obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros a mostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras:
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras;
Arcos, e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, taõ damnosas:
Porém aos de Vulcano naõ consente
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes taõ poucas, e medrosas,
Naõ mostra quanto póde: e com razaõ;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leaõ.

LXIX.

Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o naõ mostrou,
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Trata-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitaõ
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe, que largo premio levaráõ
Do trabalho que nisso for tómado.
Promette-lhos o Mouro com tençaõ
De peito venenoso, e taõ damnado,
Que a morte se podesse neste dia
Em lugar de Pilotos lhe daria.

LXXI.

Tamanho o odio foi, e má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade
Que o Filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum naõ alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
A 'quelles de quem foste tanto amigo!

LXXII.

Partio-se nisto em fim co' a companhia,
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortáram os batéis a curta via
Das aguas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido;
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido,
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, taõ famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas.
E eu só filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizeram os deoses que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sometesse
Debaixo de seu jugo o fero Marte.
Mas ha se de soffrer que o fado désse
A taõ poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co' o grão Macedonio, e co' o Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Naõ será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitam, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII.

Isto dizendo irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fórma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo,
De hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo, e horas,
A' sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo saõ chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homẽes que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
Saõ para nos matarem, e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX.

E tambem sei que tem determinado
De vir por agoa á terra, muito cedo,
O Capitam dos seus acompanhado,
Que da tençaõ damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co' os teus armado
Esperá-lo em cilada occulto, e quedo;
Porque sahindo a gente descuidada
Cahiráõ facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda naõ ficarem deste feito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito,
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar Piloto que de geito
Seja astuto no engano, e taõ prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portugez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais para o cuidado engano,
Mouro que por Piloto á nao lhe mande;
Sagaz, astuto, e sabio, em todo dano;
De quem fiar-se possa hum feito grande.
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co' elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir onde nunca se levante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabathêos accendido,
Quando Gama co' os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos batéis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pode suspeitar-se facilmente,
Que o coraçaõ presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo Piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia,
Em tres batéis sómente que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros que andavam pela praia
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e sétta ervada;
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E porque o caso leve se lhe faça,
Põe huus poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira, alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co' a hastea perigosa,
Os fortes Portugezes incitando.
Naõ soffre muito a gente generosa
Andarlh'os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta, taõ ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra.

LXXXIX.

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria:
A plumbea péla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coraçaõ dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto aventuroso.

XC.

Naõ se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue, e mata:
A povoaçaõ sem muro, e sem defeza,
Esbombardêa, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou comprá-la mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a sétta o Mouro vai tirando,
Sem força de covarde, e de apressado,
A pedra, o pao, e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Já a Ilha, e todo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço;
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII.

Hũus vaõ nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portugez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornam victoriosos para a armada,
Co' o despojo da guerra, e rica presa;
E vaõ a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo mais que nunca accesa:
E vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

XCIV.

Pazes cometter manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso promettido,
Que toda a má tençaõ no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

XCV.

O Capitam, que já lhe entaõ convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foi delle alegremente agasalhado;
E respondendo ao mensageiro attento,
As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitam, que naõ cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da india toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte, ou captiveiro, novos damnos,
Antes que á India chegue lhe prepara;
Dando razaõ dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais, co' o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma Ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitam, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede,
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta Ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a léda frota,
Mas a deosa em Cythére celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte naõ cuidada;
Naõ consente que em terra taõ remota
Se perca gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o Piloto falso a leva e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro naõ podendo
Tal determinaçaõ levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz; que pois as aguas discorrendo,
Os leváram por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava:
Que aqui gente de Christo naõ havia,
Mas a que a Mafamede celebrava:
O Capitam, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vélas a Ilha demandava:
Mas naõ querendo a deosa guardadora,
Naõ entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a Ilha á terra taõ chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia:
Huma Cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra a longe descobria;
Regida por hum Rei d'antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

CIV.

E sendo a ella o Capitam chegàdo,
Estranhamente lédo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera;
Eis vem batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito d'antes o avisára,
Na fórma d'outro Mouro que tomára.

CV.

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida taõ pouca segurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que naõ se arme, e se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra taõ pequeno?

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

LUSIADA.

CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO

DO CANTO SEGUNDO.

Instigado do demonio pertende El Rei de Mombaça destruir os Navegantes: dispõem-lhes traições debaixo de fingida amizade: apparece Venus a Jupiter, e intercede pelos Portuguezes: elle lhe promette favorece-los, e lhe refere, como em prophecia, algumas façanhas dos mesmos no Oriente: em sonhos apparece Mercurio ao Gama, e lhe adverte, que evite o perigo de Mombaça: levaõ ancoras, chega a Melinde, cujo Rei o recebe, e hospéda bénignamente.

OUTRO ARGUMENTO.

Dar El Rei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illustre, com mortal engano:
Desce Venus ao mar, a frota ampara,
E a fallar sobe ao Padre soberano:
Jove os casos futuros lhe declara:
Apparece Mercurio ao Lusitano:
Chega a frota a Melinde, e o Rei potente
Em seu porto a recebe alegremente.

Gravé par Ambroise Tardieu, à Paris quai des augustins N.° 59.

Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas,

Canto 2 Est. 80.

LUSIADA.

CANTO SEGUNDO.

I.

JA' neste tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta,
Lhe estava o deos Nocturno a porta abrindo,
Quando as fingidas gentes se chegáram
A's naos que pouco havia que ancoráram.

II.

D'entre elles hum que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitam valeroso, que cortado
Tẽes de Neptuno o Reino, e salsa via;
O Rei que manda esta Ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que naõ deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

IV.

E se buscando vás mercadoria
Que produze o aurifero Levante,
Canellà, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo taõ sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V.

Ao mensageiro o Capitam responde,
As palavras do Rei agradecendo:
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Naõ entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, naõ temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal Senhor está obrigado.

VI.

Pergunta-lhe despois, se estaõ na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que naõ erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitam seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII.

E de algũus que trazia condenados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos;
Manda dous mais sagazes, ensaiados;
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, e poder, e porque vejam
Os Chistãos, que só tanto ver desejam.

VIII.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia, perfida, e nefanda,
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos lédos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E despois que ao Rei apresentáram
Co' o recado os presentes que traziam,
A Cidade corrêram, e notáram
Muito menos daquillo que queriam:
Que os Mouros cautelosos se guardáram
De lhe mostrarem tudo o que pediam:
Que onde reina a malícia está receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava em huma casa da Cidade
Com rosto humano, e hábito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura:
A candida Pombinha debuxada
Sobre a unica Phenis Virgem pura.
A companhia santa está pintada
Dos doze, taõ torvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahíram
De fogo, varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põe em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos que o Mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, naõ vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, n'hum momento
Appareceo no rubido Horizonte
Na moça de Titam a roxa fronte:

XIV.

Tornam da terra os Mouros co' o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De naõ haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra víram
Sacras aras, e Sacerdote santo;
Que alli se agasalháram, e dormíram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
E que no Rei e gentes naõ sentíram
Senaõ contentamento, e gosto tanto,
Que naõ podia certo aver suspeita,
N'huma mostra taõ clara, e taõ perfeita.

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam:
Que levemente hum animo se fia
De mostras que taõ certas pareciam.
A nào da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

XVII.

Na terra cautamente aparelhavam,
Armas, e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem.
E com esta traiçaõ determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

XVIII.

As ancoras tenazes vaõ levando
Com a nautica grita costumada:
Da proa as vélas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e taõ secreta,
Vôa do Ceo ao mar como huma séta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerúlea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada naõ chegasse,
Aonde para sempre se acabasse.

XX.

Já na agua erguendo vaõ com grande pressa
Co' as argénteas caudas branca escuma;
Cloto co' o peito corta, e atravessa,
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força suma:
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

XXI.

Nos hombros de hum Tritaõ com gesto acceso
Vai a linda Dióne furiosa:
Naõ sente quem a leva o doce peso
De soberbo com carga taõ formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as vélas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodêam nesse instante
As naos ligeiras que hiam por diante.

XXII.

Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa Capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estaõ de geito,
Que em vão assopra o vento a véla inchando.
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando:
Outras em de redor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes para a cova as próvidas formigas
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam de inimigas
Do inimigo Inverno congelado:
Alli saõ seus trabalhos e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as Nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Marêam vélas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e outro atravessando.
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nao lhe mete medo.

XXV.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha.
Naõ sabem a razaõ de furia tanta;
Naõ sabem nesta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos saõ sabidos,
E que haõ de ser pos isso aqui punidos.

XXVI.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam:
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando na agua a nado se acolhiam.
D'hum bordo, e d'outro, subito saltavam,
Que o medo os compelía do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa,
As rãas, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente;
Daqui e dalli saltando o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amára.
Mas por naõ darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce, e chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX.

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, naõ cuidada, e juntamente
O Piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente.
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante naõ podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX.

Oh caso grande, estranho, e naõ cuidado!
Oh milagre clarissimo, e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida inimiga, e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sábiamente,
Se lá de Cima a Guarda soberana
Naõ acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos mostra a Divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a ñossa confiança.
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos taõ fingidos naõ alcança;
O' tu Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti naõ póde ser guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas, perfida, e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dióne, e commovida,
De entre as Nymphas se vai, que saudosas
Ficáram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira Esphera recebida
Avante passa; e lá no sexto Ceo
Para onde estava o Padre se moveo.

XXXIV.

E como hia affrontada do caminho,
Taõ formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, o Ceo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via namorava.
Dos olhos onde faz seu filho o ninho
Hũus espiritos vivos inspirava
Com que os Polos gelados accendia,
E tornava do fogo a Esphera fria.

XXXV.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e chara,
Se lhe apresenta assi como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentára.
Se a víra o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo a Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o matáram;
Que primeiro desejos o acabáram.

XXXVI.

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia:
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e naõ se via:
Da alva pretina flammas lhe sahiam,
Onde o menino as almas accendia:
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII.

Co' hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo:
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E mostrando no Angelico semblante
Co' o riso huma tristeza misturada;
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada;
Que se queixa, e se ri n'hum mesmo instante,
E se mostra entre alegre magoada;
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, e amoroso,
Postoque a algum contrário lhe pezasse:
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.

XL.

Este povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando chóro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora, pois, porque o amo he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa.
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedíra a falla piedosa:
Torna a segui-la, e indo por diante,
Lha atalha o poderoso, e grão Tonante.

XLII.

E destas brandas mostras commovido,
Que movêram de hum tigre o peito duro,
Co' o vulto alegre, qual do Ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro:
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

XLIII.

E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem o affaga o choro lhe accrescenta:
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV.

Formosa filha minha: naõ temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos,
Pelos illustres feitos que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Enéas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos móres cousas intentando,
Novos Mundos ao Mundo iraõ mostrando.

XLVI.

Fortalezas, Cidades, e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos bellacissimos, e duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reis da India livres, e seguros,
Vereis ao Rei potente sobjugados;
E por elles, de tudo em fim senhores,
Seraõ dadas na terra leis melhores.

XLVII.

Vereis, este que agora presuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto, e milagroso!
Que trema e ferva o mar em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della haõ medo os elementos!

XLVIII.

Vereis a terra que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vaõ descançar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa, em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Naõ poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o mar Roxo taõ famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado, e sobjugado.
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas séttas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

L.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo:
Alli se mostrará seu preço, e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo.
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero, e horrendo:
Do Mouro alli veraõ, que á luz extrema,
Do falso Mafamede ao Ceo Blasphema.

LI.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co' os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro frêo porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

Vereis a Fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e taõ potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo, e insolente,
Que Cithara já mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

Nunca com Marte instructo, e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís actias guerras animoso,
O Capitam venceo Romano injusto:
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactro Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica
Preso da Egypcia linda, e naõ pudica:

LIV.

Como vereis o mar fervendo acceso,
Co' os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolátra e Mouro preso,
De Nações differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea Chersoneso
Até o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Occeano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amostraráõ esforço mais que humano,
Que nunca se verá taõ forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao Estreito
Que mostrou o aggravado Lusitano;
Postoque em todo o Mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacífico porto, e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitam se naõ detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cylenêo voava;
Com as azas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece:
Na cabeça o galéro costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro:
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co' o rumor famosissimo, e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, e modo.

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra imiga, e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço, e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coraçaõ, astucia, e siso,
Se lá dos Ceos naõ vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no Ceo co' a luz alhêa
Tinham o largo Mundo allumiado,
E só co' o somno a gente se recrêa.
O Capitam Illustre, já cansado
De vigiar a noite que arrecêa,
Breve repouso entaõ aos olhos dava:
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano:
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece;
Sereno o tempo tẽes, e o Occeano,
E outro Rei mais amigo n' outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.

LXII.

Naõ tẽes aqui senaõ apparelhado
O hospicio que o crú Diomédes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava.
As aras de Busiris infamado,
Onde os hóspedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes perfidas, e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em cantidade.
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria;
E para a India certa e sábia guia.

LIV.

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitam, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura tréva,
De huma subita luz, e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Naõ se deter na terra iniqua tanto,
Com novo esprito ao Mestre seu mandava,
Que as vélas désse ao vento que assoprava.

LXV.

Dai vélas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda:
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda:
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles como acordados os sentíram,
Voando, e naõ remando, lhe fugíram.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento:
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vaõ fallando;
Que mal se perderáõ do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n' outra começava, quando víram
Ao longe dous navios, brandamente
Co' os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as vélas víram:
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar, a gente á costa dava.

LXIX.

Naõ he o outro que fica taõ manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano.
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Naõ teve resistencia, e se a tivera
Mais damno resistindo recebêra.

LXX.

E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas naõ lhe succedeo como cuidava:
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse
A que parte dos Ceos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharáõ Piloto certo.

LXXI.

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condiçaõ liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitam o assella por verdade,
Porque já lho dissera deste geito
O Cylenêo em sonhos, e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O presuroso Sol, que o Ceo rodêa;
Em que aquelle a quem tudo está sujeito
O sello poz a quanto tinha feito.

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e léda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, vòa o estandarte;
A còr purpurea ao longe apparecia;
Sòam os atambores, e pandeiros;
E assi entravam lédos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
De gente que vem ver a léda armada;
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a de outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra hum dos Mouros que tomárâm,
Por quem sua vinda ao Rei manifestáram.

LXXV.

O Rei que já sabia da nóbreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto préza,
Quanto a gente fortissima o merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissem,
Para que de seus Reinos se servissem.

LXXVI.

Saõ offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, naõ dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas.
Manda-lhe mais, lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas, cevadas,
Com as fructas que entaõ na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII.

Recebe o Capitam alegremente
O mensageiro lédo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, côr ardente;
O ramoso coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fóra dellas se endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na prática elegante,
Que co' o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de naõ sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Naõ menos delle amado que temido:
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX.

Naõ somos roubadores, que passando
Pelas fracas Cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vaõ matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas,
Da India grande, e rica, por mandado
De hum Rei que temos alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geraçaõ taõ dura ha hi de gente,
Que barbaro costume, e usança fêa,
Que naõ védem os portos tamsómente,
Mas inda o hospicio da deserta arêa?
Que má tençaõ, que peito em nós se sente,
Que de taõ pouca gente se arrecêa?
Que com laços armados taõ fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do Interprete Divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII.

E naõ cuides, ó Rei, que naõ sahisse
O nosso Capitam esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que naõ saia,
Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Naõ quererás, pois tẽes de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo que elle, e os seus puderem
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Assi dizia, e todos juntamente,
Hũus com outros, em prática, fallando,
Louvam muito o estomago da gente,
Que tantos Ceos e mares vai passando.
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande; e mui subido
O do Rei, que he taõ longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e lédo aspéito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito;
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço, e obras saõ de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Naõ póde ter subido pensamento.

LXXXVII.

De Naõ sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia.
Mas se lho o regimento naõ consente,
Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos taõ leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém como a luz crástina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições, e mantimentos.

LXXXIX.

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Com a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Para acharem a terra que buscavam,
E assi lédos a noite festejavam.

XC.

Naõ faltam alli os raios de artificio,
Os trémulos Cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra, e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estaõ queimando:
Outros com vozes, com que o Ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente,
Co' o raio volteando, com zonido:
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se levanta ao Ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido;
E naõ menos a terra: e assi festeja.
Hum ao outro á maneira de peleja.

XCII.

Mas já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mái de Memnon a luz trazendo
Ao somno longo punha certo atalho.
Hiam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em fresco orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em de redor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre léda:
Luzem da fina purpura as cabaias;
Lustram os pannos de tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lũa, trazem ramos de palmeira;
Dos que vencem, corôa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De Nobres de seu Reino, e de Senhores.
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores;
Na cabeça huma fóta, guarnecida
De ouro, e de seda, e de algodaõ tecida.

XCV.

Cabaia de damasco rico, e dino
Da Tyria côr, entre elles estimada;
Hum colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada:
Com resplandor reluze adamantino,
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de seda,
N'hũa alta e dourada hastea enxerido,
Hum ministro a Solar quentura veda,
Que naõ offenda, e queima o Rei subido.
Musica traz na proa; estranha, e léda,
De aspero som, horrisono ao ouvido;
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII.

Naõ menos guarnecido o Lusitano,
Nos seus batéis, da frota se partia
Á receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza,
Carmesi, côr que a gente tanto préza.

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Ond' o Sol reluzindo a vista cega:
As calças soldadescas recamadas
Do metal que fortuna a tantos nega:
E com pontas do mesmo delicadas,
Os golpes do gibaõ ajunta, e achega:
Ao Italico modo a aurea espada;
Pluma na gorra hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o Murice excellente,
A varia còr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente.
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella Nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resonando:
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam,
Os toldos pelas aguas arrojando.
As bombardas horrisonas bramavam
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Já no batel entrou do Capitaõ
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co' a cortezia, que a razaõ
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
Co' humas mostras de espanto, e admiraçaõ,
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava;
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de taõ longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus Reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se sôa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a corôa
Do Reino, onde as Hesperidas vivêram.
E com muitas palavras apregôa
O menos que os de Luso merecêram;
E o mais que pela fama o Rei sabia;
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV.

Oh tu que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana!
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, e rege a gente humana
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros naõ podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apolo
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos hórridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo Polo
As estrellas, e o Sol der luz ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama, e gloria,
Viviráõ teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vaõ remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vaõ as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja.
Mas para o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co' as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co' os anafijs os Mouros respondiam.

CVII.

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto, e ancorado
Na agua o batel ligeiro que os levava,
Por falar devagar co' o forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em práticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas, e excellentes,
Co' o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes valeroso Capitaõ
Nos conta, lhe dizia, diligente,
Da terra tua o clima, e regiaõ
Do Mundo onde morais, distinctamente
E assi de vossa antigua geraçaõ,
E o princípio do Reino taõ potente,
Co' os successos das guerras, do começo,
Que sem sabê-las, sei que saõ de preço.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodêos
Longos, em que te traz o mar irado;
Vendo os costumes barbaros, e alhêos,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta: que agora vem co' os aureos frêos
Os cavallos que o carro marchetado,
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme; o mar, e as ondas jazem.

ARGUMENTO

DO CANTO TERCEI

PRÁTICA de Vasco da Gama com El
m que lhe faz a descripçaõ da Europ
os principios do Reino de Portugal,
até El Rei D. Fernando) e das suas acçõ
eito notavel de Egas Moniz: vem a Port
e Castella D. Maria, a pedir soccorro p
o Salado: amores, e caso desastrado de
astro: alguns successos del Rei D. Fern

OUTRO ARGUMENTO.

A populosa Europa se descreve;
De Egas Moniz o feito sublimado;
Lusitania, que Reis, que guerras teve;
Christo a Afonso se expõem crucificado:
De Dona Ignez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Mostra-se o vil descuido de Fernando,
: o grão poder de hum gesto suave, e bra

Sabe tambem dar vida com clem
A quem para perdê-la naõ fez err

Canto

LUSIADA.

CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu Calliope me ensina
O que contou áo Rei o Illustre Gama
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido como soe.

II.

Põe tu Nympha em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o Mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na agua soberana;
Senaõ direi, que tens algum recêo,
Que se escureça o teu querido Orpheo.

III.

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Naõ me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem possa louvar esforço alhêo,
Cousa he que se costuma, e se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arrecêo
Que louvor taõ suspeito mal me esteja.
E para dizer tudo temo, e crêo,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.

V.

A' lém disso, o que a tudo em fim me obriga,
He naõ poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber;
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a Zona que o Cancro senhorêa,
Méta Septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arrecêa
Tanto como a do meio por ardente;
Jaz a soberba Europa, a quem rodêa,
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Occeano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio
Que dos montes Rhipheos vai correndo,
Na alagôa Meotis, curvo, e frio,
As divide: e o mar, que fero, e horrendo,
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante,
Naõ vê mais que a memoria o navegante.

VIII.

Lá onde mais debaixo está do Polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co' o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui taõ pouca força tem de Apolo
Os raios que no Mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

*Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerr
Tiveram sobre a humana antiguidade,
Co' os que tinham entaõ a Egypcia terr
Mas quem taõ fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.

X

Agora nestas partes se noméa
A Lappia fria, a inculta Noroega:
Escandinavia Ilha, que se arrêa
Das victorias que Italia naõ lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas naõ refrêa
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Occeano,
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

Entre este mar, e o Tanais vive estranh
Gente; Ruthenos, Moscos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos saõ Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Alemanha
Saõ Saxones, Bohemios, e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno fri
Lava, e o Danubio, Amasis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Istro, e o claro estreito
Aonde Helle deixou co' o nome a vida,
Estaõ os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria taõ querida;
Onde co' o Hemo, e Rhódope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem, a seu serviço indino;
Boa injúria do grande Constantino.

XIII.

Logo de Macedonia estaõ as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria;
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos, e ousadia;
Que criastes os peitos eloquentes;
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E naõ menos por armas, que por letras.

XIV.

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor jà muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que taõ baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Naõ menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cérca o Reino Neptunino
Co' os muros naturaes por outra parte;
Pelo meio o divide o Apennino,
Que taõ illustre fez o patrio Marte.
Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte;
Pobre está já da antigua potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade.

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
Co' os Cesareos triumphos foi no Mundo,
Que do Sequana, e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando ardêram,
Rios de ouro, e de prata entaõ corrêram.

XVII.

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como Cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda.
Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha naõ tire o esforço, e ousadia,
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII.

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se ennobrece
Com o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Occeano;
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta:
O Navarro; as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa.
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Hespanha, e Senhor della,
Betis, Leaõ, Granada, com Castella.

XX.

Eis-aqui, quasi cume da Cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Occeano.
Este quiz o Ceo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o naõ consente.

XXI.

Esta he a ditosa patria minha amada;
A' qual se o Ceo me dá, que sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella entaõ os incolas primeiros.

XXII.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve;
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma naõ se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo ligeiro, e leve,
Veio a fazer no Mundo tanta parte,
Criando-a Reino illustre; e foi desta arte.

XXIII.

Hum Rei por nome Afonso foi na Hespanha,
Qne fez aos sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe á Caspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV.

E co' hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e proprios Lares.
Despois que em feitos altos, e subidos,
Se mostráram nas armas singulares;
Quiz o famoso Afonso, que obras taes
Levassem premio digno, e dões iguaes.

XXV.

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado,
Portugal houve em sorte, que no Mundo
Entaõ naõ era illustre, nem prezado.
E para mais signal de amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Teresa sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI.

Este despois que contra os descendentes
Da escrava Agar, victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso Reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da Cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordaõ a arêa tinha vista,
Qe vio de Deos a carne em si lavada;
Que naõ tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judéa subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudáram,
Para seus Senhorios se tornáram.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte, e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esprito deo a quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do Mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai, tal filho se esperava.

XXIX.

Mas o velho rumor, naõ sei se errado,
Que em tanta antiguidade naõ ha certeza,
Conta que a mãi tomando todo o Estado,
Do segundo Hymenêo naõ se despreza.
O filho órphão deixava desherdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do Senhorio todo, só sua era,
Porque para casar, seu pai lhas dera.

XXX.

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras naõ ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda, e come;
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

XXXI.

De Guimarães o campo se tingia
Co' o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que taõ pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra.
Com elle posta em campo já se via,
E naõ vê a soberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era o maior.

XXXII.

Oh Progne crua! Oh magica Medéa!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhêa,
Olhai que inda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fêa,
Saõ as causas deste erro principais;
Scylla por huma, mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãi levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava.
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneraçaõ aos pais se deve.

XXXIV.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o taõ raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Naõ só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV.

Naõ passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas com se offerecer á dura morte
O fiel Egas, Amo foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu Senhor naõ tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz. Mas naõ consente o peito
Do Moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe a seu mando sobmettido,
Lhe désse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella naõ cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos e mulher se parte
A levantar com elles a fiança;
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança.
Se pertendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido,
A te pagar co' a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes,
Dos filhos sem peccado, e da consorte;
Se a peitos generosos, e excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes:
Nellas sós exprimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Scinis, e do touro de Perilo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe taõ temido:
Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira a piedade.

XLI.

Oh grão fidelidade Portugueza,
De vassallo que tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto, e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes, dizendo suspirava;
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára.

XLII.

Mas já o Principe Afonso apparelhava
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo, e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força, e gente taõ pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senaõ no summo Deos que o Ceo regía;
Que taõ pouco era o povo baptizado,
Que para hum só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum Cavalleiro houvesse cento.

XLIV.

Cinco Reis Mouros saõ os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guérra, onde se alcança a illustre fama.
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte Dama,
De quem tanto os Troianos se ajudáram,
E as que do Thermodoonte já gostáram.

XLV.

A matutina luz serena, e fria,
As estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o animava.
Elle adorando a quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi grivata:
Aos infiéis, Senhor, aos infiéis;
E naõ a mim que creio o que podeis.

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza, inflammados levantavam
Por seu Rei natural, este excellente
Principe, que do peito tanto amavam.
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando o Ceo tocavam;
Dizendo em alta voz: Real, Real,
Por Afonso, alto Rei de Portugal.

XLVII.

Qual co' os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rábido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso.
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta;

XLVIII.

Tal do Rei novo o estomago accendido,
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro comette apercebido,
Co' o animoso exército rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam arma, ferve a gente:
As lanças e arcos tomam; tubas sôam;
Instrumentos de guerra tudo atrôam.

XLIX.

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co' o vento o secco mato vai queimando.
A pastoral companha, que deitada
Co' o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atêa,
Recolhe o fato, e foge para a aldêa:

L.

Desta arte o Mouro attonito, e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Naõ foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Hũus cahem meios mortos, e outros vaõ
A ajuda convocando do Alcoraõ.

LI.

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se daõ medonhos, e forçosos;
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vaõ saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido;
E de outros as entranhas palpitando,
Pállida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco, e verdé.

LIII.

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophéos, e presa rica:
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fôra vendido;
Escrevendo a memoria em vária tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o número cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues, que em Cruz pintado veio.

LV.

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas taõ sereno.

LVI.

A estas nobres villas sobmettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço;
E nas serras da Lũa conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço:
Cintra, onde as Naiades escondidas,
Nas fontes vaõ fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu nobre Lisboa, que no Mundo
Facilmente das outras es Princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa;
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tençaõ sancta eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co' o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama entaõ subia aos Ceos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX.

Cinco vezes a Lũa se escondêra,
E outras tantas mostrára chêo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha taõ sanguina, e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte, em fim, tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
E em fim co' o Betis tanto algũs puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI.

Que Cidade taõ forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Naõ póde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas, entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co' o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, Lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcacere do Sal, estaõ rendidas.

LXIII.

Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra, e a gente;
Pelos arcos Reaes, que cento, e cento,
Nos ares se alevantam nobremente;
Obedeceo por meio, e ousadia
De Giraldo, que medos naõ temia.

LXIV.

Já na Cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Afonso, que naõ sabe socegar,
Por estender co' a fama a curta vida.
Naõ se lhe póde muito sustentar
A Cidade: mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com estas sobjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exército potente.
Sentio-o a Villa, e vio-o o Senhor della,
Que a soccorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

LXVI.

O Rei de Badajoz era, alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, de armas e de ouro
Garnecidos, guerreiros, e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co' os ciumes da vacca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto, e cego amante,
Saltêa o descuidado caminhante:

LXVII.

Desta arte Afonso subito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura:
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
De hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Naõ mais que só sessenta de cavalo.

LXVIII.

Logo segue a victoria sem tardança,
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia,

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece;
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem naõ conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe naõ deixa ter defesa
Da maldiçaõ da mãi, que estava presa.

LXX.

Quc estando na Cidade que cercára,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomára,
De Leaõ sendo, e naõ dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
À batalha onde foi vencido, e preso.

LXXI.

O' famoso Pompeio, naõ te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina;
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

LXXII.

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Eniocos, e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende; e os Cappadoces;
E Judéa, que hum Deos adora, e ama:
E que os molles Sophenos, e os atroces
Cilicios, com armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto, e santo monte.

LXXIII.

E posto em fim que desde o mar de Atlante,
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, naõ te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Afonso verás soberbo, e ovante,
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto e celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do Divino Juizo castigado,
Dispois que em Santarem soberbamente,
Em vaõ dos Sarracenos foi cercado:
E despois que do Martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado,
Do sacro Promontorio conhecido,
A' Cidade Ulysséa foi trazido.

LXXV.

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse de Alemtejo,
Com gente, e co' o belligero apparelho.
Sancho de esforço, e de animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando
Co' o sangue Mauro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com esta victoria cobiçoso,
Já naõ descansa o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja.
Naõ tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII.

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o Ceo:
Já vem do Promontorio de Ampelusa,
E de Tingi que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla naõ se escusa,
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana, e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda esta companhia
O Miralmuminim em Portugal:
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial.
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem:
Porém naõ lhe succede muito bem.

LXXIX.

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardijs de guerra mil o Mouro iroso:
Naõ lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso.
Porque o filho de Afonso naõ perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço, e resistencia.

LXXX.

Mas o velho, a quem tinham Já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego;
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da Cidade;
Que naõ perde a presteza com a idade.

LXXXI.

E co' a famosa gente á guerra usada,
Vai soccorrer o filho, e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada,
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que todá está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus Senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Miralmuminim só naõ fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio,
Daõ louvores, e graça sem medida:
Que em casos taõ estranhos claramente,
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII.

De tamanhas victorias triumphava
O velho Afonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo anda
Da larga et muita idade foi vencido.
Á pálida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagáram seus annos deste geito,
[illegible]riste Libitina o seu direito.

LXXXIV.

Os altos Promontorios o choràram;
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagáràm,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo Mundo se alargáram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamaráõ,
Afonso, Afonso, os eccos; mas em vaõ.

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficára
Imitando a seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentára,
Quando o Betis de sangue se tingia:
E o barbaro poder desbaratára,
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercáram
Os golpes de seu braço em si prováram.

LXXXVI.

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A Cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes, e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida.

LXXXVII.

Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exército em defesa
Da Cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co' a gente em sede accesa
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do Sancto Marte:
Assi como a seu pai acontecêra
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Sylves toma,
E o bravo morador destrue, e doma.

LXXXIX.

E se tantos trophéos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez naõ consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte.
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Vio ter a muitas Villas suas visinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinha

XC.

Mas, entre tantas palmas, salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal, por derradeiro,
Porque d'antes os Mouros o tomáram;
Mas agora estruidos o pagáram.

XCI.

Morto despois Afonso, lhe succede
Sancho segundo, manso, e descuidado;
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado:
Porque, como por elles se regía,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

Naõ era Sancho, naõ, taõ deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem taõ cruel ás gentes, e molesto,
Que a Cidade queimasse, onde vivia;
Nem taõ máo como foi Heliogabálo;
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo seu tyrannizado,
Como Sicilia foi de seus Tyranos;
Nem tinha como Phálaris achado
Genero de tormentos inhumanos.
Mas o Reino de altivo, e costumado
A Senhores em tudo soberanos,
A Rei naõ obedece, nem consente,
Que naõ for mais que todos excellente.

XCIV.

Por esta causa o Reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida; que em terreno,
Naõ cabe o altivo peito, taõ pequeno.

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co' o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre, e senhora
Lusitania, com força, e bellica arte;
E acabou de opprimir a naçaõ forte
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre, e dina;
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino próspero florece,
(Alcançada já a paz aurea, divina,
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquílla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se,
A pizar do Mondego a fértil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII.

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, Castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou,
Com edificios grandes, e altos muros.
Mas despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte, e excellente.

XCIX.

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co' o peito desprezou firme, e sereno;
Porque naõ he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entráram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Afonso a soccorrella.

C.

Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co' o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande, e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte:
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a carissima consorte,
Mulher de quem amanda, e filha amada,
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

CII.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes Paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos Angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai lédo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha.
Poder tamanho junto naõ se vio,
Despois que o salso mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV.

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno poder offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada.
E se naõ for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do Reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.

CV.

Por anto, ò Rei, de quem com puro medo
O corrente Moluca se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
A' miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro, e lédo,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude, e corre pai; que senaõ corres,
Póde ser que naõ aches quem soccorres.

CVI.

Naõ de outra sorte a tímida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Enéas seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII.

Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vaõ coalhados;
Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vaõ rinchando os cavallos jaezados.
A canóra trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados,
Vai as fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima
Das insignias Reaes acompanhado
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado:
E sómente co' o gesto esforça, e anima,
A qualquer coraçaõ amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Afonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estaõ defronte
Da grande multidaõ da cega gente,
Para quem saõ pequenos campo, e monte.
Naõ ha peito taõ alto, e taõ potente,
Que de desconfiança naõ se affronte
Em quanto naõ conheça, e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

Estaõ de Agar os netos, quasi rindo
Do poder dos Christãos, fraco, e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemaõ entre o exército Agareno;
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua,
A' nobre terra alhêa chamam sua.

CXI.

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa taõ temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;.
Com palavras soberbas o arrogante,
Despreza o fraco Moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais póde a fé, que a força human

CXII.

Desta arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Christãos, e naõ entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comette, e offende:
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

CXIII.

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam (segundo as Leis que alli seguiam
Hũus Mafamede, e outros Sant-Iago.
Os feridos com grita o Ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago;
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza, ou peito de aço.
De alcançar tal victoria taõ barata,
Inda naõ bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co' o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o Ponente o Vespero, trazendo
Estava ó claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no Mundo vio taõ grão victoria.

CXVI.

Naõ matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrêram neste vencimento,
Quando as aguas co' o sangue do adversario
Fez beber ao exército sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de annéis dos mortos toma.

CXVII.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissaõ e vingança foi celeste,
E naõ força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois por Jesu certificado.

CXVIII.

Passada esta taõ próspera victoria,
Tornando Afonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno da memoria,
Que do sepulchro os homẽes desenterra,
Aconteceo da misera, e mesquinha,
Que despois de ser morta foi Rainha.

CXIX.

Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero, e tyrano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, lédo, e cego,
Que a fortuna naõ deixa durar muto;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII.

De outras bellas Senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu puro Amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se naõ queria:

CXXIII.

Tirar Ignez ao Mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co' o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Qual furor consentio; que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade,
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da mágoa, e saudade
Do seu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV.

Para o Ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que taõ queridos tinha, e taõ mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento;
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem taõ piedoso sentimento,
Como co' a mãi de Nino já mostráram,
E co' os irmãos que Roma edificáram:

CXXVII.

O' tu, que tẽes de humano o gesto, e o peito,
(Se de humano he matar hũa donzella
Fraca, e sem força, só por ter sujeito
O coraçaõ a quem soube vencella)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o naõ tẽes á morte escura della:
Mova-te a piedade sua, e minha,
Pois te naõ move a culpa que naõ tinha.

CXXVIII.

E se vencendo a Maura resistencia
A morte sabes dar com fogo, e ferro;
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdê-la naõ fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpétuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Põe-me onde se use toda a feridade;
Entre leões, e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos naõ achei.
Alli co' o amor intrinseco, e vontade,
Naquelle por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magôam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
Que desta sorte o quiz, lhe naõ perdôam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli pregôam.
Contra hũa dama, ó peitos carniceiros,
Ferozes vos mostrais, e Cavalleiros?

CXXXI.

Qual contra a linda moça Policena,
Consolaçaõ extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co' o ferro o duro Pyrrho se aparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sostinha
As obras com que amor matou de amores
A' quelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam férvidos, e irosos,
No futuro castigo naõ cuidosos.

CXXXIII.

Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por maõ de Atreo comia.
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida, e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada,
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada;
Tal está morta a pállida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co' a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoráram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformáram:
O nome lhe pozeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passáram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas saõ agua, e o nome amores.

CXXXVI.

Naõ correo muito tempo que a vingança
Naõ visse Pedro das mortaes feridas;
Que em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro, e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes, e adulterios:
Fazer nos maos cruezas fero, e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As Cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino poz em muito aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido:
Ou foi que o coraçaõ sujeito, e dado
Ao vicio vil de quem se vio rendido,
Molle se fez; e fraco: e bem parece;
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL.

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David Sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruio
De Benjamin? Bem claro no-lo ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omphale andava transformado.
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem Peno próspero o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem pode livrar-se por ventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de hũa peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coraçaõ converte, que tem preso,
Em pedra naõ, mas em desejo acceso?

CXLIII.

Quem vio hũ olhar seguro, hũ gesto brando,
Huma suave e Angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de Amor experiencia:
Mas antes tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado ó julgaria.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

LUSIADA.

CANTO QUARTO.

ARGUMENTO

DO CANTO QUARTO.

Continua o Gama a prática com ElRei de Melinde, e refere as guerras de Portugal com Castella sobre a successaõ do Reino, por morte del Rei D. Fernando : façanhas militares do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira : batalha, e victoria de Aljubarrota: diligencias que se fizeraõ para descubrir a India por mar, em tempo delRei D. Joaõ o II : como ElRei D. Manoel conseguio esse fim, determinando esta viagem: prevenções para ella : embarque, e despedida dos navegantes nas praias de Belém.

OUTRO ARGUMENTO.

Acclamado Joaõ, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Castelhano :
Oppõe-se Nuno, intrepido guerreiro;
Dá-se batalha; vence o Lusitano :
Quem a Aurora buscar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Occeano;
E como ao Gama coube esta alta empreza,
Por affinar a gloria Portugueza.

LUSIADA.

CANTO QUARTO.

I.

Despois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II.

Porque se muito os nossos desejáram
Quem os damnos, e offensas vá vingando
Naquelles que taõ bem se aproveitáram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançáram,
Joanne, sempre illustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenaçaõ dos Ceos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas entaõ do Reino as gentes,
Co' o odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes,
Faz do povo o furor por onde vinha:
Matando vaõ amigos, e parentes,
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta
Mais, despois de viuva, manifesta.

V.

Mas elle em fim, com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre;
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima, e corre.
Quem como Astianax precipitado
(Sem lhe valerem Ordẽes) de alta torre:
A quem Ordẽes, nem Aras, nem respeito:
Quem nú por rúas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao Mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que casada
Co' o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo, que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De várias regiões, de várias terras.

VIII.

Vem de toda a Provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando, e que Rodrigo,
Ganhâram do tyranno e Mauro estado.
Naõ estimam das armas o perigo
Os que cortando vaõ co' o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co' os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia;
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A Nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo por insignias verdadeiras
As Hercúleas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre, e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave, e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem naõ tolhe o medo,
O' sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
A'quelles cujos golpes já provastes.

XI.

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipuscua, e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus Senhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsaõ Hebreo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co' os poucos do seu Reino se aparelha:
E naõ porque conselho lhe fallece,
Co' os principaes Senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII.

Naõ falta com razões quem desconcerte
Na opiniaõ de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei, e a patria; e se convém,
Negaráõ, como Pedro, o Deos que tem.

XIV.

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte dom Nun'Alvares: mas antes,
Postoque em seus irmãos taõ claro o visse
Reprovando as vontades inconstantes;
A'quellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, e naõ facundo,
Ameaçando aterra, o mar, e o Mundo.

XV.

Como? Da gente illustre Portugueza,
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? Desta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte,
De Portuguez? E por nenhum respeito,
O proprio Reino queira ver sujeito?

XVI.

Como? Naõ sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros, e valentes,
Vencestes esta gente taõ guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afóra a presa que tiveram?

XVII.

Com quem foram contino sopeados
Estes de quem o estais agora vós,
Por Dionis, e seu filho, sublimados,
Senaõ co' os vossos fortes pais, e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se he certo que co' o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto em fim vos naõ moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta,
A terra nunca de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, naõ só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Canas,
Já para se entregar, quasi movidos,
A' fortuna das forças Africanas;
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas naõ deixaráõ em quanto a vida
Os naõ deixar, ou nellas for perdida:

XXI.

Desta arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremessões;
Vaõ correndo, e gritando a boca aberta:
Viva o famoso Rei que nos liberta.

XXII.

Das gentes populares hũus approvam
A guerra com que a patria se sostinha:
Hũus as armas alimpam, e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, e tenções de seus amores.

XXIII.

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes;
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regía,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV.

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o forte Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso Cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los, e regellos,
Mem Rodrigues, se diz, de Vasconcellos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antaõ Vasques de Almada he Capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda naõ se esconde
Das quinas e Castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI.

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãas, damas, e esposas,
Promettendo, jejũus, e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias;
Que com grita grandissima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

XXVII.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, e atambores;
Alferezes voltêam as bandeiras,
Que variadas saõ de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos Lavradores;
Entra em Astréa o Sol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis que o som terribil escuitáram,
Aos peitos os filhinhos apertáram.

XXIX.

Quantos rostos alli se vem-sem côr,
Que ao coraçaõ acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes, o temor;
He maior muitas vezes que o perigo:
E se o naõ he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz naõ sentir que he perda grande, e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX.

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Hũus levam a defensaõ da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba, e encontra, e a terra em fim semêa
Dos que a tanto desejam, sendo alhêa.

XXXI.

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas, e varios tiros vôam:
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles sôam:
Espedaçam-se as lanças; e as frequentes
Quédas co' as duras armas tudo atrôam:
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII.

Eis alli seus irmãos contra elle vaõ:
Caso feo, e cruel! Mas naõ se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadraõ, que se adianta
Contra irmãos, e parentes. Caso estranho!
Quaes nas guerras civís de Julio, e Magno.

XXXIX.

Porque eis os seus accesos novamente
De hũa nobre vergonha, e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do Marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e daõ feridas,
Como a quem já naõ doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandam ver o Estygio Lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sant-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vaõ; e tambem dos Nobres ao profundo;
Onde o Trifauce Cam perpétua fome
Tem das almas que passam deste Mundo
E porque mais aqui se amanse, e dome,
A Soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII.

Aqui a fera batalha se encruece,
Com mortes, gritos, sangue, e cutiladas:
A multidaõ da gente que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas.
Já as costas daõ, e as vidas: já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Sè vê, e de seu proposito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe naõ deixar a vida:
Seguem-no os que ficáram; e o temor
Lhes dá, naõ pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida;
Da mágoa, da deshonra, e triste nojo,
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV.

Algũus vaõ maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no Mundo;
Outros a sede dura vaõ culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo;
Que por tomar o alheo, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas despois, e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que naõ quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senaõ por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo, e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios Senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

XLVII.

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre Omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
A's duas illustrissimas Inglezas,
Gentís, formosas, inclytas Princezas.

XLVIII.

Naõ soffre o peito forte, usado á guerra,
Naõ ter imigo já a quem faça dano;
E assi naõ tendo a quem vencer na terra,
Vai cometter as ondas do Occeano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A Lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vaõ ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana má, e desleal manha.

L.

Naõ consentio a morte tantos annos
Que de Heroe taõ ditoso se lograsse
Portugal, mas os Córos soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse.
Mas para defensaõ dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geraçaõ, altos Infantes.

LI.

Naõ foi do Rei Duarte taõ ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino, e neste Rei,
Naõ usou ella tanto desta lei.

LII.

Vio ser captivo o santo irmão Fernando,
Que a taõ altas emprezas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por naõ se dar por elle a forte Ceita:
Mais o público bem que o seu respeita.

LIII.

Codro, porque o inimigo naõ vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Régulo, porque a patria naõ perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha naõ temesse,
A captiveiro eterno se convida.
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV.

Mas Afonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humíllima miseria;
Fora por certo invicto Cavalleiro,
Senaõ quizera ir ver a terra Iberia;
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

LV.

Este póde colher as maçãas de ouro,
Que sómente o Tyrinthio colher póde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora naõ sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte Villa,
Tangere populoso, e a dura Arzilla.

LVI.

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixáram de diamante
A's Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram Cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém despois tocado de ambiçaõ,
E gloria de mandar, amara, e bella,
Vai cometter Fernando de Aragaõ,
Sobre o potente Reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidaõ
Das soberbas e várias gentes della,
Desde Caliz ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Naõ quiz ficar nos Reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar ao pai ambicioso,
Que entaõ lhe foi ajuda naõ pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte naõ torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento:
Mas ficou duvidoso o vencimento.

LIX.

Porque o filho sublime, e soberano,
Gentil, forte, animoso Cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando de aquelles que Cesar matáram,
Nos Philippicos campos se vingáram.

LX.

Porém despois que a escura noite eterna,
Afonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino entaõ governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar póde homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos que eu vou buscando agora.

LXI.

Manda seus mensageiros, que passáram,
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcáram,
Onde já foi Parthenope enterrada.
Napoles, onde os fados semostráram,
Fazendo-a a várias gentes sobjugada:
Por a illustrar no fim de tantos annos,
Co' o senhorio de inclytos Hispannos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vaõ-se ás praias de Rhodes arenosas;
E de alli ás ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno saõ famosas.
Vaõ a Memphis, e ás terras que se regám
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egito,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

LXIII.

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deserta.

LXIV.

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co' o Tigre, o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
Dalli vaõ em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Occeano,
Onde naõ se atreveo passar Trajano.

LXV.

Víram gentes incognitas, e estranhas
Da India, da Carmania, e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada Regiaõ produze, e cria.
Mas de vias taõ asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente naõ podia:
Lá morrêram, em fim, e lá ficáram;
Que á desejada patria naõ tornáram.

LXVI.

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza taõ ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos.
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reino, e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigaçaõ que lhe ficára
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre accrescentar a terra chara)
Naõ deixasse de ser hum só momento
Conquistado, no tempo, que á luz clara
Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
A repouso convidaõ quando cahem:

LXVIII.

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas saõ;
Revolvendo contino no conceito
De seu officio, e sangue, a obrigaçaõ;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coraçaõ,
Porque tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias fórmas lhe apparece.

LXIX.

Aqui se lhe apresenta que subia
Taõ alto que tocava a prima esphera;
Donde diante varios Mundos via,
Nações de muita gente estranha, e fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendêra,
Vio de antiguos, longinquos, e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

Aves agrestes, feras, e alimarias,
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores sylvestres, e hervas várias,
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas adversarias
De mais conversaçaõ, por si mostravam,
Que desque Adaõ peccou aos nossos anos,
Naõ as rompêram nunca pés humanos.

LXXI.

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Para elle os largos passos inclinando,
Dous homẽes, que mui velhos pareciam,
De aspeito, ainda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhes cahiam
Gottas, que o corpo todo vaõ banhando;
A côr da pelle, baça, e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII.

De ambos os dous a fronte coroada,
Ramos naõ conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua, com impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha;
Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII.

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
O' tu, a cujos Reinos, e Corôa,
Grande parte do Mundo está guardada;
Nós outros, cuja fama tanto vôa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro he o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro,
Com naõ vistas victorias, sem receo,
A quantas gentes vês porás o freo.

LXXV.

Naõ disse mais o rio illustre, e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Acorda Manoel co' hũ novo espanto;
E grande alteraçaõ de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhãa no Ceo pintando as cores
De pudibunda rosa, e roxas flores.

LXXVI.

Chama o Rei os Senhores a Conselho,
E propõe-lhe as figuras da visaõ;
As palavras lhes diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiraçaõ.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coraçaõ
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII.

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Preságo o coraçaõ me promettia;
Naõ sei porque razaõ, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande, e grave.

LXXVIII.

E com rogo, e palavras amorosas,
Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas, e lustrosas,
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas, e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame naõ se rende,
Entaõ, se menos dura, mais se estende.

LXXIX.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve,
Trabalho illustre, duro, e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Naõ soffri mais: mas logo: O' Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He taõ pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa taõ pequena.

LXXX.

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurysteo a Alcides inventava;
O Leaõ Cleonêo, Harpias duras,
O Porco de Erymantho, a Hydra brava:
Descer em fim ás sombras vãas, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito, e carne he pronta.

LXXXI.

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada, vive, e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece;
Obrigado de amor, e de amizade,
Naõ menos cobiçoso de honra, e fama,
O charo meu irmão Paulo da Gama.

LXXXII.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos saõ de valia, e de conselho,
De experiencia em armas, e furor.
Já de mançeba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII.

Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o véo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

E já no porto da inclyta Ulyssea,
Co' hum alvoroço nobre, e co' hum desejo,
(Onde o licor mistura, e branca arêa,
Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estaõ : e naõ refrêa
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estaõ para seguir-me a toda parte.

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,
De várias cores vem, e várias artes;
E naõ menos de esforço apparelhados
Para buscar do Mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados,
Ondêam os aereos estandartes :
Ellas promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo Estrellas, como a de Argos.

LXXXVI.

Despois de apparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder que a etherea Corte
Sustenta só co' a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

Partimos-nos assi do sancto Templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exempl
Donde Deos foi em carne ao Mundo da
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheĩo dentro de dúvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o fr

LXXXVIII.

A gente da Cidade aquelle dia
(Hũus por amigos, outros por parentes
Outros por ver sómente) concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós com a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissaõ solemne a Deos orando,
Para os batéis viemos caminhando.

LXXXIX.

Em taõ longo caminho, e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres com choro piedoso,
Os homẽes com suspiros que arrancava
Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperaçaõ e frio medo
De já nos naõ tornar a ver taõ cedo.

XC.

Qual vai dizendo: O' filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso, e amaro;
Porque me deixas, misera, e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo?
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI.

Qual em cabello: O' doce e amado esposo,
Sem quem naõ quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e naõ he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeiçaõ taõ doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as vélas leve o vento?

XCII.

Nestas e outras palavras, que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca aréa as lagrimas banhavam,
Que em multidaõ com ellas se igualavam.

XCIII.

Nósoutros sem a vista alevantarmos,
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos naõ magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado;
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magóa.

XCIV.

Mas hum velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça descontente;
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Co' hum saber só de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

XCV.

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
Co' hũa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes! Que perigos! Que tormentas!
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI.

Dura inquietaçaõ da alma, e da vida;
Fonte de desamparos, e adulterios;
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reinos, e de Imperios.
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios:
Chamam-te fama, e gloria soberana;
Nomes com quem se o povo nescio engana.

XCVII.

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo de algum nome preeminente?
Que promessas de Reinos, e de minas
De ouro, que lhe farás taõ facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? Que palmas? que victorias?

XCVIII.

Mas ó tu geraçaõ daquelle insano,
Cujo peccado, e desobediencia,
Naõ sómente do Reino soberano
Te poz neste desterro, e triste ausencia:
Mas inda de outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innocencia,
Da idade de ouro tanto te privou,
Que na de ferro, e de armas te deitou:

XCIX.

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza, e feridade,
Pozeste nome, esforço, e valentia;
Já que prézas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perdê-la quem a dá:

C.

Naõ tées junto comtigo o Ismaelita
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Naõ segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Naõ tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Naõ he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI.

Deixas criar ás portas o inimigo
Por ir a buscar outro de taõ longe:
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto, e incognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te Senhor, com larga cópia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia?

CII.

Oh maldito o primeiro que no Mundo
Nas ondas vélas poz em secco lenho!
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa lei que sigo, e tenho.
Nunca juizo algum alto, e profundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas comtigo se acabe o nome, e gloria.

CIII.

Trouxe o filho de Jápeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o Mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras. (Grande engano!)
Quanto melhor nos fora, Prometheo,
E quanto para o Mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre naõ tivera
Fogo de altos desejos, que a movêra!

CIV.

Naõ comettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande Architector, co' o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro fama ao rio:
Nenhum commettimento alto, e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma, e frio,
Deixa intentado a humana geraçaõ.
Misera sorte! Estranha condiçaõ!

FIM DO CANTO QUARTO.

LUSIADA.

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO

DO CANTO QUINTO.

Prosegue Vasco da Gama na relaçaõ da sua
gem, e descreve ao Rei de Melinde a sahida de
boa; as diversas terras que tocáraõ, e gentes que
até ao Cabo de Boa Esperança : caso de Fernaõ
loso : fabula do Gigante Adamastor : continuaç
viagem até Melinde, em que dá fim a prática,
belecida a paz, e huma verdadeira amisade er
Gama, e aquelle Rei.

OUTRO ARGUMENTO.

Relata o Gama Illustre ao Rei potente
Sua viagem longa, e incerta via,
As estranhas nações de Africa ardente,
E de Fernaõ Velloso a ousadia :
Como a Adamastor vio, Gigante ingente,
Que hum dos filhos da terra se dizia,
E as cousas que passou até seu porto,
Onde repouso achou, e são conforto.

I. W. Harding del.

Os deixará de hum crú naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Canto

LUSIADA.

CANTO QUINTO.

I.

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E como he já no mar costume usado,
A véla desfraldando, o Ceo ferimos,
Dizendo: Boa viagem: logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento;
E o Mundo, que co' o tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo, e lento:
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coraçaõ, que as mágoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Naõ vimos mais, em fim, que mar, e Ceo.

IV.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geraçaõ alguma naõ abrio,
As novas Ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, e lugares
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda, que á dereita
Naõ ha certeza de outra, mas suspeita.

V.

Passámos a grande Ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama;
Das que nós povoámos, a primeira,
Mais célebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do Mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Gnido, Paphos, e Cythera.

VI.

Deixámos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo emfim desposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

VII.

Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava, e rega,
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

VIII.

Passadas tendo já as Canarias Ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andáram vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

À quella Ilha aportamos que tomou
O nome do guerreiro Sant-Iago;
Sancto que os Hespanhoes tanto ajudo
A fazerem nos mouros bravo estrago.
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Occeano; e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente;
A Provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Maudinga, por cuja arte
Lográmos o metal rico, e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI.

As Dorcadas passámos, povoadas
Das irmãas que outro tempo alli viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres de hum só olho se serviam.
Tu só, tu cujas tranças encrespadas,
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fêa,
De viboras encheste a ardente arêa.

XII.

Sempre, em fim, para o Austro a aguda prôa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co' o Cabo, a quem das Palmas nome démos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou; co' a Ilha illustre, que tomou
O nome de hum, que o lado a Deos tocou.

XIII.

Alli o mui grande Reino está de Congo,
Por nós já convertido á Fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro, e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar, em fim, me alongo
Do conhecido Polo de Callisto,
Tendo o termino ardente já passado,
Onde o meio do Mundo he limitado.

XIV.

Já descoberto tinhamos diante,
Lá no novo Hemispherio nova Estrella,
Naõ vista de outra gente, que ignorante
Algũus tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de Estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se naõ sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

XV.

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous Invernos fazendo, e dous Verões,
Em quanto corre de hum ao outro Polo;
Por calmas, por tormentas, e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homẽes naõ entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o Mundo fendem,
Naõ menos he trabalho, que grande erro,
Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII.

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vem do Mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Naõ menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvẽes do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Occeano.

XIX.

Eu o vi certamente (e naõ presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho, e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui levado hum cano ao Polo sumo,
Se via, taõ delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente naõ podia:
Da materia das nuvẽes parecia.

XX.

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co' as ondas ondeando,
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co' o cargo grande da agua em si tomada.

XXI.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da altmaria, que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar co' o sangue alheio a sede ardente:
Chupando mais, e mais, se engrossa, e cria;
Alli se enche, e se alarga grandemente;
Tal a grande columna, enchendo augmenta
A si, e á nuvem negra que sustenta.

XXII.

Mas despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo, em fim, voou,
Porque com a agua a jacente agua molhe:
Às ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos saõ estes de natura.

XXIII.

Se os antiguos Philosophos, que andáram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passáram,
A taõ diversos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixáram!
Que influiçaõ de Signos, e de Estrellas!
Que estranhezas! Que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada:
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co' a vista, terra, terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Co' os olhos no Horizonte do Oriente.

XXV.

À maneira de nuvẽes se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As vélas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçam
As partes taõ remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invençaõ de subtil juizo, e sabio:

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo naõ pizou.
Porém eu co' os Pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande méta,
Estando entre elle, e o círculo gelado
Austral, parte do Mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomáram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Torvado vem na vista, como aquelle
Que naõ se víra nunca em tal extremo:
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo a lhe mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

XXIX.

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Algũus soantes cascavéis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes, e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoaçaõ, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nús, e da côr da escura tréva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros,
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernaõ Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro;
Estando a vista alçada, co' o cuidado
No aventureiro; eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa
Para o tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque naõ se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo; e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII.

Da espessa nuvem séttas, e pedradas,
Chovem sobre nó outros sem medida:
E naõ foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu de alli ferida:
Mas nós como pessoas magoadas,
A resposta lhes démos taõ crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita,
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rudo intento,
Da gente bestial, bruta, e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della;
E assi tornei a dar ao vento a véla.

XXXV.

Disse entaõ a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
O' lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he: (responde o ousado aventureiro)
Mas quando eu para cá vi tantos vir
D'aquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou entaõ, que, tanto que passáram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o naõ deixáram,
Querendo, senaõ torna, alli matallo:
E tornando-se, logo se emboscáram,
Porque sahindo nós para tomallo,
Nos pudessem mandar ao Reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém já cinco Soes eram passados
Que de alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prósperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite, estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII.

Taõ temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
O' Potestade, disse, sublimada;
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?

XXXIX.

...bava, quando hũa figura
...mostra no ar, robusta, e válida;
...forme e grandissima estatura,
...o carregado, a barba esquálida:
...hos encovados, e a postura
...onha, e má, e a côr terrena, e pálida,
...os de terra, e crespos os cabellos,
...oca negra, os dentes amarellos.

XL.

...ó grande era de membros, que bem posso
...ertificar-te, que este era o segundo
...e Rhodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foi do Mundo:
Co' hum tom de voz nos falla horrendo, e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes, e o cabello,
A mi, e a todos, só de ouví-lo, e vello.

XLI.

E disse: O' gente ousada mais que quantas
No Mundo comettêram grandes cousas;
Tu que por guerras cruas, taes, e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho
Nunca arados de estranho ou proprio lenho:

Sabe...
Que...
Inimi...
Com...
E da...
Fize...
Eu...
Qu...

XLII.

Pois vêes ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estaõ a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe, que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga teraõ esta paragem
Com ventos, e tormentas desmedidas.
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV.

Aqui espero tomar, senaõ me engano,
De quem me descobrio summa viagança;
E naõ se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte,

XLV.

E do primeiro Illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos:
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa, com Mombaça.

XLVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro, e irado,
Os deixará de hum crú naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

XLVII.

Veraõ morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados, e nascidos:
Veraõ os Cafres asperos, e avaros,
Tirar á linda dama os seus vestidos:
Os crystallinos membros, e preclaros,
A' calma, ao frio, ao ar veraõ despidos;
Despois de ter pizado longamente
Co' os delicados pés a aréa ardente.

XLVIII.

E veraõ mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltaráõ
Da formosa e miserrima prisaõ.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu, que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?
A boca, e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso, e grande brado,
Me respondeo com voz pezada, e amára,
Como quem da pergunta lhe pezára:

L.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vósoutros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antarctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encélado, Egeo, e o Céntimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Naõ que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occeano,
Fui Capitam do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empreza:
Todas as deosas desprezei do Ceo,
Sò por amar das aguas a Princeza:
Hum dia a vi, co' as filhas de Nereo,
Sahir núa na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda naõ sinto cousa que mais queira.

LIII.

Como fosse impossibil alcançalla
Pela grandeza fêa de meu gesto,
Determinei por armas de tomalla,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa entaõ por mi lhe falla;
Mas ella co' hum formoso riso honesto,
Respondeo: Qual será o amor bastante
De Nympha que sustente o de hum Gigant

LIV.

Com tudo, por livrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir naõ pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Hũa noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis, unica despida:
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

LVI.

Oh que naõ sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava
Abraçado me achei co' hum duro monte
De aspero mato, e de espessura brava:
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Naõ fiquei homem naõ, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

LVII.

O' Nympha a mais formosa do Occeano;
Já que minha presença naõ te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
De aqui me parto irado, e quasi insano
Da mágoa, e da deshonra alli passada,
A buscar outro Mundo, onde naõ visse
Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

LVIII.

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Algũus a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo naõ valem mãos,
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram:
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas aguas se estendêram:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto Cabo convertêram
Os deoses; e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX.

Assi contava, e co' hum medonho choro,
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e co' hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu levantando as mãos ao sancto Coro
Dos Anjos, que tao longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Phlegon e Pyrois vinham tirando
Co' os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos.

LXII.

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que taõ mal nos recebêram.
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo, e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas;
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorís, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam concertadas,
Co' o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.

LIV.

Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratáram,
Trazendo-nos galinhas, e carneiros,
A troco de outras peças que leváram:
Mas como nunca, em fim, meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançáram,
Que désse algum signal do que buscamos,
As vélas dando, as ancoras levamos.

LXV.

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
À costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Ceo, e o Polo Antarctico ficava:
Aquelle Ilhéo deixámos aonde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio Cabo, e descoberto,
Naquelle Ilhéo fez seu limite certo.

LXVI.

De aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes, e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar hum tempo andámos em porfias,
Que como tudo nelle saõ mudanças,
Corrente nelle achámos taõ possante,
Que passar naõ deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co' o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome démos
Do dia em que por elle nos metemos.

LXIX.

Desta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo;
Sem vermos nunca nova, nem signal,
Da desejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quaõ coitados
Andariamos todos, quaõ perdidos;
De fomes, de tormentas quebrantados;
Por climas, e por mares naõ sabidos:
E do esperar comprido taõ cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por Ceos naõ naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e mao ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano.
Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados, naõ fora Lusitano,
Que durára elle tanto obediente,
Por ventura, a seu Rei, e a seu Regente?

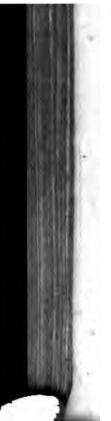
LXXII.

Crês tu, que já naõ foram levantados
Contra seu Capitam, se os resistíra,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperaçaõ, de fome, de ira?
Grandemente por certo estaõ provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
De aquella Portugueza, alta excellencia,
De lealdade firme, e de obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto, em fim, do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada:
Porque ventando Noto manso, e frio,
Naõ nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofála o ouro manda.

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme,
Encommendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A proa inclina de hũa, e de outra nao:
Quando indo o coraçao que espera, e teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao;
Do que esperava já desesperado,
Foi de hũa novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa p
Onde as praias, e valles bem se
N'hum rio, que alli sahe ao ma
Batéis á véla entravam, e sahiai
Alegria mui grande foi por cert
Acharmes já pessoas que sabiar
Navegar; porque entre ellas esp
De achar novas algumas, como

LXXVI.

Ethiopes saõ todos, mas parece
Que com gente melhor commu
Palavra algũa Arabia se conhec
Entre a linguagem sua que fall
E com panno delgado, que se t
De algodaõ, as cabeças apertav
Com outro, que de tinta azul s
Cada hum as vergonhosas part

LXXVII.

Pela Arabica lingua, que mal f
E que Fernaõ Martijz mui bem
Dizem, que por naos que em g
As nossas, o seu mar se corta,
Mas que lá donde sahe o Sol, s
Para onde a costa ao Sul se ala
E do Sul para o Sol; terra onde
Gente, assi como nós, da côr d

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Com a gente, e co' as novas muito maes:
Pelos signaes que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons Signaes:
Hum padraõ nesta terra alevantámos;
Que para assignalar lugares taes
Trazia algũus: o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX.

Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos,
Nojosa criaçaõ das aguas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sórdidas, e immundas.
Dos hóspedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis, e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX.

Mas naõ foi da esperança grande, e immensa,
Que nesta terra houvemos, limpa e pura,
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Ceo sereno se dispensa:
Com esta condiçaõ pezada, e dura,
Nascemos. O pezar terá firmeza;
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua, e fêa,
A mais que eu nunca vi, desamparáram
Muitos a vida, e em terra estranha, e alhêa,
Os ossos para sempre sepultáram.
Quem haverá que sem o ver o crêa?
Que taõ disformemente alli lhe incháram
As gingivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia co' hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava:
Naõ tinhamos alli Medico astuto,
Cirurgiaõ subtil menos se achava:
Mas qualquer, neste officio pouco instruto,
Pola carne já podre assi cortava,
Como se fora morta, e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII.

Em fim, que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, em tanta desventura,
Foram sempre comnosco aventureiros.
Quaõ facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Recebêram de todo o illustre os ossos.

LXXXIV.

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança, e mór tristeza;
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade, e má vileza,
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura, e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietaçaõ do pensamento
Nos déste. E vês aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

Agora julga, ó Rei, se houve no Mundo
Gentes, que taes caminhos comettessem.
Crês tu, que tanto Enéas, e o facundo
Ulysses, pelo Mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço, e arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Esse, que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si, Rhodes, Smyrna, e Colophonia,
Athenas, Chios, Argo, e Salamina:
Essoutro, que esclarece toda a Ausonia,
A cuja voz altisona, e divina,
Ouvindo o patrio Mincio s'adormece,
Mas o Tybre co' o som se ensoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas, que co' o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar a véla, e remos,
Os cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o Loto:
Dem-lhe perder nas aguas o Piloto:

LXXXIX.

Ventos soltos lhes finjam, e imaginem
Dos odres; e Calypsos namoradas;
Harpias, que o manjar lhes contaminem;
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito, que se affinem
Nestas fabulas vãas taõ bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua, e pura,
Vence toda a grandiloqua escriptura.

XC.

Da boca do facundo Capitaõ
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narraçaõ
Dos altos feitos, grandes, e subidos.
Louva o Rei o sublime coraçaõ
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade de animo, e a nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que taõ longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E ElRei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quaõ doce he o louvor, e a justa gloria,
Dos proprios feitos, quando saõ soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alhea historia,
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheo muito o esperta, e incita,

XCIII.

Naõ tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os trophéos de Milciades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a vez que seus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações que o Mundo canta,
Naõ merecem tamanha gloria, e fama,
Como a sua, que o Ceo e a terra espanta.
Si: mas aquelle Heroe, que estima, e ama,
Com dões, mercês, favores, e honra tanta,
A lyra Mantuana, faz que soe
Enéas, e a Romana gloria voe.

XCV.

Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas naõ lhes dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros, e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos, e venustos.
Naõ dira Fulvia, certo, que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphira.

XCVI.

Vai Cesar sobjugando toda França,
E as armas naõ lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipiaõ se sabe, e alcança,
He nas Comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim, naõ houve forte Capitaõ,
Que naõ fosse tambem douto, e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara naçaõ,
Senaõ da Portugueza tamsómente.
Sem vergonha o naõ digo, que a razaõ
De algum naõ ser por versos excellente,
He naõ se ver prezado o verso, e rima,
Porque quem naõ sabe a arte, naõ a estima.

XCVIII.

Por isso, e naõ por falta de natura,
Naõ ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Enéas, nem Achilles feros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Taõ asperos os fez, e taõ austeros,
Taõ duros, e de engenho taõ remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

XCIX.

Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama,
De toda illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope naõ tem por taõ amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As télas de ouro fino, e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he *sómente* o presupposto
Das Tagides gentís, e seu *respeito:*
Porém naõ deixe, em fim, de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, *ou* por outra qualquer via,
Naõ perderá seu preço, e sua valia.

FIM DO CANTO QUINTO E DA PARTE PRIMEIRA.

ERRATA.

TOMO I.

LINH.	ERROS.	EMENDAS.
14	filhe,	*leya* se lhe.
11	ſim,	sim.
13	advertuncia,	advertencia.
23	Camoos,	Camões.
10	sgundo,	segundo.
nota 10	axprimere,	exprimere.
15	incivildade,	incivilidade.
18	certament,	certamente.
5	Portugueze,	Portuguezes.
12	pro,	por.
18	advertuncia,	advertencia.
14	Jeseph,	Joseph.
14	com ja,	como ja.
est. 54 v. 8	paquena,	pequena.
87 4	Portugezes,	Portuguezes.

CANTO II.

LINH.	ERROS.	EMENDAS.
est. 33 v. 6	terceita,	terceira.
93 1	prais,	praias.

CANTO III.

PAG.	EST.	ERROS.		EMENDAS.
103	66	v. 4 garnedidos,	*leya*	guarnecidos.
116	105	1 anto,		tanto.

CANTO IV.

150	est. 57	v. 7 Caliz,	Cadix.

CANTO V.

181	est. 36	v. 5 tornardo-se,	tornando-se.